APARECIDA DA GLÓRIA AISSAR

UM ESTUDO DA MORTALIDADE E DA MOBILIDADE ESPACIAL: OS DESCENDENTES DO NEGRO E DO BRANCO-ESTRANGEIRO NO MUNICÍPIO DE RIO CLARO. (1875 - 1930).

Dissertação de Mestrado apresentado à Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção de grau de Mestre em Ciências.

SÃO PAULO

1976

S U M Á R I O

	Páginas
Índice das tabelas.....	I
Índice de figuras.....	III
Introdução.....	01
Agradecimentos.....	08
CAPÍTULO I	
A Mortalidade dos Descendentes da Massa Trabalhadora Negra e Branca Estrangeira...	09
1. Mortalidade da população jovem(0 ⊢— 15) anos.	
1.1 Mobilidade e Mortalidade	
1.2 Análise comparativa: dos grupos étnicos.	
CAPÍTULO II	
A Mortalidade em Função da Mobilidade Espacial.....	50
1. A migração interna	
2. A imigração	
CAPÍTULO III	
A Mobilidade Espacial e os Surtos Epidêmicos.....	83
1. População Negra jovem	
2. População Branca jovem	
CAPÍTULO IV	
Fatores Ecológicos e Econômicos na Adaptação do Migrante.....	108
1. População da zona rural	
2. População da zona urbana	
Conclusões.....	133
Abreviaturas.....	135
Fonte Primária.....	136
Fonte Secundária.....	142
Anexos.....	149

ÍNDICE DAS TABELAS

Páginas

Tabela 1. Pretos - Idade e Ano da Morte - 1875/1930 18
Tabela 2. Branco estrangeiro - Idade e Ano da Mor - te - 1875/1930 21
Tabela 3. Rio Claro - População por Paróquias - 1872/1886 23
Tabela 4. Censos - População de Rio Claro - 1872 - 1888 - 1890 - 1900 - 1920 - 1940 23
Tabela 5. Etnia e Faixa Etária - Mortalidade - 1875/1930 25
Tabela 6. População Preta - Causa-Mortis - 1875/1930 31
Tabela 7. Branco Estrangeiro - Causa-Mortis - 1875/1930 32
Tabela 8. Rio Claro - Meses e Causa-Mortis - 1875/1930 35
Tabela 9. Pretos e Branco Estrangeiros - Profissão do Indivíduo - 1875/1930 37
Tabela 10. Branco Estrangeiro - Profissão do Indivíduo - 1875/1930 37
Tabela 11. Pretos - Condição Social e Profissão do Indivíduo - 1875/1930 39
Tabela 12. Rio Claro - Condição Social do Indivíduo Negro e Sexo - 1875/1930 40
Tabela 13. Rio Claro - Condição Social da População Jovem - 1875/1930 42
Tabela 14. Rio Claro - Condição Social e Faixa Etária - 1875/1930 43
Tabela 15. Pretos - Procedência dos Indivíduos - 1875/1930..... 52
Tabela 16. Rio Claro - Procedência dos Indivíduos Negros - 1875/1930 59
Tabela 17. Rio Claro - Formação Profissional dos Médicos - 1875/1930 59
Tabela 18. São Paulo - Contingente Populacional - 1872/1900..... 63
Tabela 19. Estado de São Paulo - Contingente Populacional - 1890 63
Tabela 20. Rio Claro - Contingente Populacional - 1890 65
Tabela 21. Estado de São Paulo - População de Rio Claro - 1900 65
Tabela 22. Rio Claro - População: Sexo e Nacionalidade - 1920 67
Tabela 23. Rio Claro - População Estrangeira - 1875/1930 67
Tabela 24. Branco Estrangeiro - Procedência dos Indivíduos - 1875/1930 71

Páginas

Tabela 25. Branco Estrangeiro - Filiação - 1875/1930 71

Tabela 26. Estrangeiros - Condição Social do Indivíduo e Estado Civil - 1875/1930 73

Tabela 27. Estrangeiros - Faixa Etária e Causa-Mortis - 1875/1930 76

Tabela 28. Estrangeiros - Idade e Profissão do Indivíduo - 1875/1930 78

Tabela 29. Negro e Branco Estrangeiro - Epidemia de Tifo: ano da morte - 1875/1930 86

Tabela 30. Branco Estrangeiro - Epidemia de Tifo: idade e sexo - 1875/1930 90

Tabela 31. Negro - Epidemia de Tifo: idade e sexo - 1875/1930 90

Tabela 32. Negro e Branco Estrangeiro - Epidemia de Tifo - 1875/1930 92

Tabela 33. Negro e Branco Estrangeiro - Epidemia de Febre Amarela: ano da morte - 1875/1930 95

Tabela 34. Negro - Epidemia de Febre Amarela: idade e sexo - 1875/1930 97

Tabela 35. Branco Estrangeiro - Epidemia de Febre Amarela_ idade e sexo - 1875/1930 98

Tabela 36. Negro - Epidemia de Varíola: idade e sexo - 1875/1930 100

Tabela 37. Negro - Epidemia de Varíola: idade e sexo 100

Tabela 38. Negro - Doenças Infecciosas e Parasitárias 1875/1930 113

Tabela 39. Rio Claro - Negro e Branco Estrangeiro: mortalidade - 1875/1930 115

Tabela 40. Rio Claro - Negro e Branco Estrangeiro: causa.mortis - 1875/1930 117

Tabela 41. Rio Claro - Estabelecimentos Rurais Por Produtores (Área Cultivada) - 1920 118

Tabela 42. Rio Claro - Condição Social e Profissões - Censo - 1872 122

Tabela 43. Estrangeiros - Profissão do Indivíduo e Causa-Mortis - 1875/1930 123

Tabela 44. Estrangeiros - Profissão do Indivíduo e Local de trabalho - 1875/1930 125

Tabela 45. Rio Claro - Estabelecimentos onde existem Instrumentos Agrários - 1920 128

Tabela 46. Rio Claro - Maquinismo para Beneficiamento de Produtos Agrícolas - 1920 128

ÍNDICE DAS FIGURAS

		Páginas
Figura 1.	A marcha do café em São Paulo	13
Figura 2.	Mortalidade em Rio Claro: movimento migratório interregional (1875-1930).....	54
Figura 3.	Mortalidade em Rio Claro: movimento migratório intrarregional (1875-1930).....	55
Figura 4.	Mapa do Perímetro Geral (Urbano e suburbano de Rio Claro) 1935	120
Figura 5.	Expansão das Vias Férreas a partir de Rio Claro, 1882-1900	126

INTRODUÇÃO

A proposição primeira desta Dissertação, prende-se ao conhecimento da vida dos descendentes dos trabalhadores negros e branco-estrangeiros no município de Rio Claro, através do estudo da mortalidade como base de sua abordagem.

Limitei para esta pesquisa a faixa etária de 0 ⊢— 15 anos, por ser a "população jovem" a mais significativa dentro do que se refere à estrutura populacional. Conforme afirma o Dr. Ruy Laurenti, a mortalidade jovem, principalmente infantil, é um reflexo das condições sócio-econômicas e ambientais de uma área. Esta afirmativa é baseada na análise dos fatores, que favorecem a manutenção, e até mesmo a elevação da mortalidade jovem em diversas áreas estudadas.

Procurei analisar as contradições entre o desenvolvimento da cafeicultura e as condições de vida dos descendentes e dos trabalhadores, especificamente negros e branco-estrangeiros.

A frequência de determinados fatores das causa-mortis para os dois grupos, principalmente nos tempos áureos da economia cafeeira, demonstra as condições do meio ambiente, apontando um estágio de sub desenvolvimento da região em estudo, pela predominância das moléstias decorrentes da subnutrição, e da precária qualidade do saneamento básico.

Do ponto de vista metodológico, o Primeiro Capítulo consiste na caracterização da mortalidade jovem negra e branca-estrangeira, no município de Rio Claro. Isto possibilitou uma visão panorâmica dos problemas da mortalidade, numa correlação com fatores de ordem econômica, que significam um empecilho à melhoria das condições de vida do trabalhador.

Partindo de uma visão genérica dos problemas relacionados com a mortalidade, passei a trabalhar especificamente com o fenômeno da mobilidade espacial através da dinâmica da mortalidade da população trabalhadora em estudo.

O Segundo Capítulo procura demonstrar a interferência da migração na mortalidade, e toda a problemática que envolveu estes dois eventos demográficos, num período de pouco mais de meio século.

O Terceiro Capítulo consta de uma tentativa de análise da interferência de alguns aspectos econômicos e ecológicos na adaptação do migrante tanto negro, como branco-estrangeiro, e sua importância para o fator mortalidade.

O Quarto Capítulo objetiva demonstrar o papel da migração nos surtos epidêmicos, e a partir disto, as condições havidas na política populacional baseada na atração de mão-de-obra.

A fonte de informação básica deste estudo, são os atestados de óbito, no Município de Rio Claro, existentes em séries anuais contínuas, de 1875 a 1930.

A raridade deste tipo de documentação avulsa, sobretudo para o passado, valoriza esta pesquisa.

Dos 14.000 atestados de óbito, de trabalhadores negros, branco-estrangeiros e brasileiros, separei para esta pesquisa, visando o aspecto comparativo, os dois primeiros grupos étnicos. Estudei os negros, através de 2.170 documentos, e os branco-estrangeiros através de 1.570, perfazendo um total de 3.740 atestados de óbito.

O trabalho prático com a documentação básica, constou em uma primeira etapa,do levantamento de dados brutos,da organização e seleção cronológica e posteriormente, de várias triagens de correção.

Após este minucioso trabalho de equipe, realizado na Área de História do Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, sob a orientação da Professora Dra. Jeanne Berrance de Castro, foram estabelecidas 16 variáveis, dada a riqueza e a diversidade de dados dos atestados de óbito, abrangendo todas as informações.

A variável mais complexa foi a causa-mortis para a qual houve a orientação do Professor Dr. Ruy Laurenti, da Faculdade de Saúde Pú

blica da Universidade de São Paulo. Foi elaborada uma adaptação da Classificação Internacional de Doenças, 3ª. revisão, edição de 1920 com a 8ª. revisão, edição de 1965, que continha a nomenclatura internacional mais moderna.

A parte técnica de computação foi realizada por especialista do antigo Centro Regional de Pesquisas Educacionais Professor Queiroz Filho do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Ministério de Educação e Cultura e da Universidade de São Paulo, Licenciada Zileide Vitorello Vianna.

A apuração dos dados foi feita por um computador da 3ª. Geração BURROUGS B-3.500, do Centro de Computação Eletrônica de Matemática e Estatística, da Universidade de São Paulo e a charge utilizada foi de 4301.

Após o resultado das 16 variáveis cruzadas, selecionei as mais importantes para esta pesquisa, e tomei como variável básica, a causa-mortis.

Através da construção de tabelas de contingência elaborei a análise quantitativa das variáveis cruzadas.

Paralelamente realizei uma pesquisa complementar com documentação primária manuscrita e impressa, através de documentos diversos, paulistas e referentes ao Município de Rio Claro: Censos Demográficos, Relatórios de Presidentes de Província, Legislação, etc.

A análise estatística, em todas as suas fases foi completada por uma abordagem qualitativa, baseada em uma visão teórica interdisciplinar, contendo elementos da Estatística Vital, de Teorias Populacionais, Saúde Pública e Demografia. Isto pôde ser feito através da elaboração de uma pesquisa bibliográfica, realizada em bibliotecas gerais e especializadas.

O entrosamento dessas análises específicas, objetiva maior compreensão dos problemas populacionais através da História, por meio de uma visão nova e de aspectos até então pouco explorados, como: cafeicultura através da massa trabalhadora, e não de seus dirigentes; do escravo como trabalhador, e não apenas em função do sistema econômico escravista e do ne

gro, tanto o escravo como o liberto ao lado do imigrante, ambos como trabalhadores, enfrentando os mesmos problemas como massa trabalhadora. E o que é mais importante - tudo isto, visto através de uma documentação original - os atestados de óbito.

A contradição entre urbano e rural, e negro e branco, em que se baseia a própria ideologia da democracia racial através do estudo dos atestados de óbito de uma região cafeeira paulista, se mostra irrelevante. O levantamento das variáveis profissão e local de trabalho, demonstra a inexistência de um antagonismo urbano e rural, para a região rioclarense.

Quanto ao elemento negro e branco, analisando-os como trabalhadores, mais uma vez constatamos sua igualdade como força de trabalho. Ambos produziam, sofrendo indistintamente as agruras de um contexto subdesenvolvido.

Apesar dos estudos da mortalidade terem tido pequeno desenvolvimento no passado, não apenas no Brasil, mas também no exterior, o crescente interesse pelo problema da dinâmica populacional, permite que os dados relativos à mortalidade, sejam cada vez mais valorizados. Um melhor conhecimento do passado nos leva a equacionar com bases realísticas os mais atuais e prementes problemas nesse campo.

Entre outras obras de grande importância no campo específico da mortalidade, contamos com os trabalhos de Ruy Laurenti, baseados em estatísticas de mortalidade, enfatizando a classificação das causas de morte. Trata-se de trabalhos que trouxeram grande contribuição ao nosso estudo, porém, pertencem especialmente ao campo da Medicina Preventiva.

No campo da História, os estudos de Luis Lisanti e os de Maria Luiza Marcílio, tratam de questões populacionais, trazendo contribuições de grande interesse no âmbito da História Quantitativa. Trabalham porém, com documentação básica diferente da nossa. Seus trabalhos baseiam-se em "listas nominativas", dados paroquiais, o que exige um tratamento específico dos dados, diferenciando-se bastante do utilizado pelos atestados de

óbito

Finalmente, temos os trabalhos de Jeanne Berrance de Castro e os de Júlia Maria Leonor Scarano. Trata-se também de estudos, baseados nos atestados de óbito de Rio Claro, o que nos ajudou muito em termos de orientação geral e técnica. Esses trabalhos, porém, tratam separadamente do trabalhador negro e do branco-estrangeiro,permitindo uma visão mais aprofundada dos problemas de cada grupo.

Da elaboração desses trabalhos, é que surgiu a necessidade deste nosso estudo, unindo o negro e o branco imigrante em um só grupo: o grupo do trabalhador.

A abordagem da história paulista tem sido realizada do ponto de vista de seus dirigentes e do seu produto principal de exportação: o café. O interesse pela história do povo é recente, e o estudo do complexo "café-trabalhador" tem sido freqüentemente substituido pelo complexo "café-fazendeiro".

A extensa bibliografia sobre o café é,em sua maioria,uma análise política e econômica da cafeicultura, sem maiores preocupações com o trabalho, que todavia era o ponto principal de sustentação do sistema.

A preocupação com a escassez da mão-de-obra, é sempre analisada através do que representava para a cafeicultura. Porém, os problemas humanos que afetavam o trabalhador, prolongando e acentuando essa escassez, até agora pouca atenção receberam.

Em certas obras de nossa historiográfia, nota-se uma preocupação maior com o trabalhador negro-escravo em regiões cafeeiras. Na sua quase totalidade,tratam o negro, analisando o sistema escravista e sua desagregação. É o que sentimos nas obras de A.D'Taunay, na sua monumental História do Café, de Roger Bastide e Florestan Fernandes sobre as relações raciais entre negros e brancos, com Stanley Stein sobre Vassouras,onde a preocupação do autor é a escravidão como suporte de toda a economia regional; nos estudos de Nícia Vilela Luz sobre a atuação da administração paulista, diante da abolição e da imigração. Temos ainda o estudo de Emilia Viotti da

Costa, sobre a escravidão na região cafeeira, que analisa o trabalho do escravo e suas condições de vida, porém, num enfoque voltado para o sistema econômico e suas transformações e não para o escravo e seus problemas, como parte da massa trabalhadora.

Por outro lado,os relatos de cronistas e viajantes estrangeiros, em sua maior parte, preocupam-se com o trabalhador estrangeiro e escravos negros e quase nada com o trabalhador negro livre, na medida que fazem amplas referências à lavoura do café. Entre eles temos: Auguste de Saint Hilaire, J. Von Tschudi e Thomaz Davatz. Eram na maioria naturalistas, e suas obras apresentam uma visão etnocêntrica de nossos problemas.

Modernamente, estudos econômicos ressaltam a necessidade de se conhecer os problemas do trabalhador,para depois se poder tentar qualquer equilíbrio econômico. Assim, Maria José Villaça evidencia o fato de que "embora seja inegável o considerável avanço do conhecimento de nossos recursos materiais e possibilidades econômicas e financeiras, pouco se fez, no campo da demografia econômica, para esclarecer os aspectos de que se reveste a população do país e a contribuição do elemento humano para o estudo atual de nossa economia". Continua a autora dizendo que é inegável o fato de que o homem é o agente da vida econômica e,assim sendo, ele participa de todos os processos e encontra-se presente em todas as estruturas econômicas. É da sua energia física e mental e da sua força de trabalho que decorrem as características das diferentes economias.

Só recentemente, em 1948, que uma equipe técnica, encarregada da elaboração de um plano de desenvolvimento econômico para o Brasil,o "Plano Salte", afirmou ser fundamental para a economia. a resolução dos problemas de saúde, alimentação, transportes e energia. Foi pela primeira-vez (em termos econômicos) encarada a necessidade de valorização do homem e de sua saúde, facilitando-lhe os recursos e instrumentos de trabalho.

Ao propormos o estudo da mortalidade e da mobilidade espacial da população trabalhadora de Rio Claro, nosso objetivo é a busca de conhecimentos novos, frente a um objeto de estudo muito pouco utilizado na

sua totalidade. Referimo -nos aos descendentes do grosso da população: tanto a negra como a branca-estrangeira, à mão-de-obra, na infra-estrutura da economia cafeeira. Ao lado do proprietário, a "máquina" da cafeicultura com suas técnicas rústicas, foi simplesmente o elemento humano: a massa trabalhadora.

Dessa forma, tomando a abordagem de Warrem Dean, que considera o café como fonte de industrialização e desenvolvimento da Província (ou Estado) paulista, surge a indagação: até que ponto a economia cafeeira beneficiou essa massa trabalhadora?

MEUS AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que, de alguma forma contribuíram para a elaboração deste trabalho.

Primeiramente ao Professor Doutor Emanuel Soares da Veiga Garcia, meu orientador, a quem devo não só a oportunidade da apresentação deste trabalho, como todo o apoio prestado à minha carreira.

Aos amigos licenciados:

Paulo Eduardo Cabral, Frauke Lenk, Silvia Giovani e especialmente a Sylvia Maria Perillo Cavasin, pela colaboração prestada em todas as etapas deste estudo, e mais ainda, pelo carinhoso incentivo.

Aos professores:

Doutor David Rabello, Doutora Elizabeth D. Rabelo e Doutor José Chiachiri Filho, pela motivação que impulcionou o final deste trabalho.

À Sra. Maria Amália Berrance de Castro, por tudo e pela colaboração como auxiliar de pesquisa.

Em especial:

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, que possibilitou a realização desta pesquisa.

À Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro.

À Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo e em especial ao Professor Doutor Ruy Laurenti.

À Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Meu agradecimento especial,

À Professora Doutora Jeanne Berrance de Castro, mestra e amiga, que acompanhou este trabalho durante três anos, como orientadora de uma Bolsa de Aperfeiçoamento e Mestrado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

I A MORTALIDADE DOS DESCENDENTES DA MASSA TRABALHADORA NEGRA E BRANCA-ESTRANGEIRA EM UM MUNICÍPIO PAULISTA

No estudo da mortalidade dos descendentes da massa trabalhadora, tomei como base, o binômio mortalidade-mobilidade, dessa população do município de Rio Claro. Busquei acentuar aspectos históricos que parecem extremamente novos e interessantes.

Os atestados de óbito, que compreendem a fonte básica desta pesquisa, apesar de formarem um "fundo" da documentação administrativa municipal, proveniente do 1º Cartório de Registro Civil, não são uniformes, nem pelo conteúdo das informações, nem pela forma como foram transcritos os dados. A própria execução das primeiras determinações do Registro Civil envolvia toda uma problemática diretamente ligada à aplicação de uma legislação de cunho teórico ideal, a uma realidade nacional que dificultava o seu cumprimento.

Uma série de normas existentes desde o período imperial, demonstra uma preocupação governamental em controlar a concorrência dos eventos vitais.

Com a imigração, surgem problemas quanto ao registro dos não católicos, cuja regulamentação far-se-á, a partir de 1861(1) e 1863.(2)

Fora a Igreja durante largo tempo a responsável pela elaboração dos arrolamentos de dados populacionais.

Os anos de 1863 e 1866 marcam o período denominado"proto-estatístico"segundo a classificação da historiadora Maria Luiza Marcílio.(3)

Em Rio Claro, como zona de grande imigração estrangeira,a preocupação das autoridades no cumprimento da lei era manifesta. No ano de 1863, há um ofício da Câmara Municipal de Rio Claro, dirigido ao Presidente da Província, pedindo informações sobre o Decreto n.3069 e da sua aplicação dentro das normas estatísticas(4). Esta preocupação é reforçada por um "informe", de 1866(5) encaminhado ao Juiz de Paz de Rio Claro, com uma observação especial sobre a execução do registro de nascimento e óbitos de estrangeiros.

As deficiências destas estatísticas mostram uma grande dificuldade quanto à aplicação de uma legislação avançada, em um meio ainda

não preparado, tanto por parte de seus executores, como pela população.

Mas é somente em 1888 que o Registro Civil (Decreto nº 9886 de 7 de março de 1888) reforma o regulamento nº 5064 de 25 de abril de 1874, e tira o encargo do registro dos eventos vitais do âmbito da Igreja.

As informações sobre a aplicação deste Decreto, são bastante contraditórias. O Relatório do Presidente da Província de São Paulo, no ano de 1875, afirma não ter havido embaraço algum na sua execução, embora continue dizendo no mesmo documento que "... a demora da installação em algumas Parochias, teve a causa na difficuldade de poderem os escrivães, pessoas pobres, pagar o imposto do sello dos livros..."(6) Cabendo então a particulares, a prática do Registro Civil foi dificultada por questões financeiras, acarretadas pela exigência do sêlo.

Por outro lado, no âmbito local, as reações das autoridades Municipais à execução deste decreto foram as mais diversas. Em Campinas, o Juiz de Paz tenta impedir a execução do referido Decreto, aconselhando o povo a não cumprí-lo, a atirar os cadáveres à porta do cemitério, e depois justificou oficialmente sua atitude da seguinte forma: "...ninguém deve obedecer a lei se não for aguilhoado pelo temor de uma pena, e estando suspensa a parte penal do Decreto, elle era o primeiro a dar exemplo da desobediência..."(7)

A resistência ou a desobediência à aplicação do Registro Civil são indicadores, não apenas da falta de preparo, típico das regiões menos desenvolvidas, como da permanência de uma mentalidade "colonial" contrária às determinações legais, oficiais, anteriormente emanadas da Metrópole, conforme analisa Sérgio Buarque de Holanda em Visão do Paraízo.(8)

Sem entrar no mérito da ausência de uma mentalidade estatística dos governantes da época, onde o fator precisão não existe, nem mesmo nos documentos oficiais, podemos ainda assim, através destas informações frequentemente incompletas, analisar uma série de indícios.

No caso de Rio Claro, com referência aos atestados de óbito, utilizei outras fontes, tais como Relatórios de Presidentes de Provín

cia, Recenseamento, Estatística Demógrafo-sanitária e etc., numa tentativa de completar os dados e sanar as falhas de informações.

A região de Rio Claro apenas recentemente tem sido objeto de estudo dentro de abordagens renovadas.(9) O estudo da mortalidade, nesta região paulista, num espaço de tempo de pouco mais de meio século, deve ser compreendido e analisado dentro das diversas situações de um quadro histórico global.

O Brasil, em meados do século XIX, era um país de economia dependente das grandes nações industrializadas, apesar do grande êxito comercial da cultura do café, como seu principal exportador.

A ação econômica da cultura cafeeira no Brasil, foi propiciada pela grande procura do mercado internacional. Conforme demonstram os estudos de Brandel, Mauro, Sérgio Milliet, e outros, a utilização do café que era quase restrita aos países árabes até um século antes, se generalizou pelo mundo, através de um grande consumo. No Brasil, a introdução do café, deu-se no século XVIII, no Pará, e, aqui, sua plantação teve êxito, graças às condições geográficas próprias, incluindo a disponibilidade de imensos territórios livres, que na opinião de Alice Canabrava(10), foi o principal fator de desenvolvimento da nossa cafeicultura.

Estas circunstâncias levam à permanência de grandes fazendas, conservando a grande propriedade, o sistema de latifúndio(11), o que mostra a herança adquirida pelo café, da infra-estrutura econômica e social criada anteriormente pela lavoura canavieira. Assim, as fazendas funcionavam como empresas capitalistas, num contexto dependente da comercialização estrangeira, onde consequentemente a política de exportação era destacada, enquanto o mercado interno era desprezado.

É interessante notar que, apesar de vários estudiosos assinalarem para a época um desenvolvimento industrial e capitalista, que trazia consigo o início da modernização, e a transformação dos meios de produção, o café nada trouxe de inovação na tecnologia de cultivo, conservando a enxada e o trabalho escravo. Conforme coloca Basbaum(12): "como o operário

é o correspondente social da máquina, é o escravo o correspondente social da enxada".

Assim, o quadro geral da situação brasileira, começa a ser regido pelo café, que se torna elemento de grande influência sócio-econômica e Política, tendo como seu maior agente, no fim do Império e começo da República, a região de São Paulo.(13)

No desenvolvimento econômico paulista, nota-se a marcante interferência da cultura cafeeira da dinâmica populacional, repercutindo na situação demográfica. Sérgio Milliet assinala como um dos mais curiosos, importantes e pouco explorados estudos, "o dinamismo do fenômeno domográfico-econômico do café".(14)

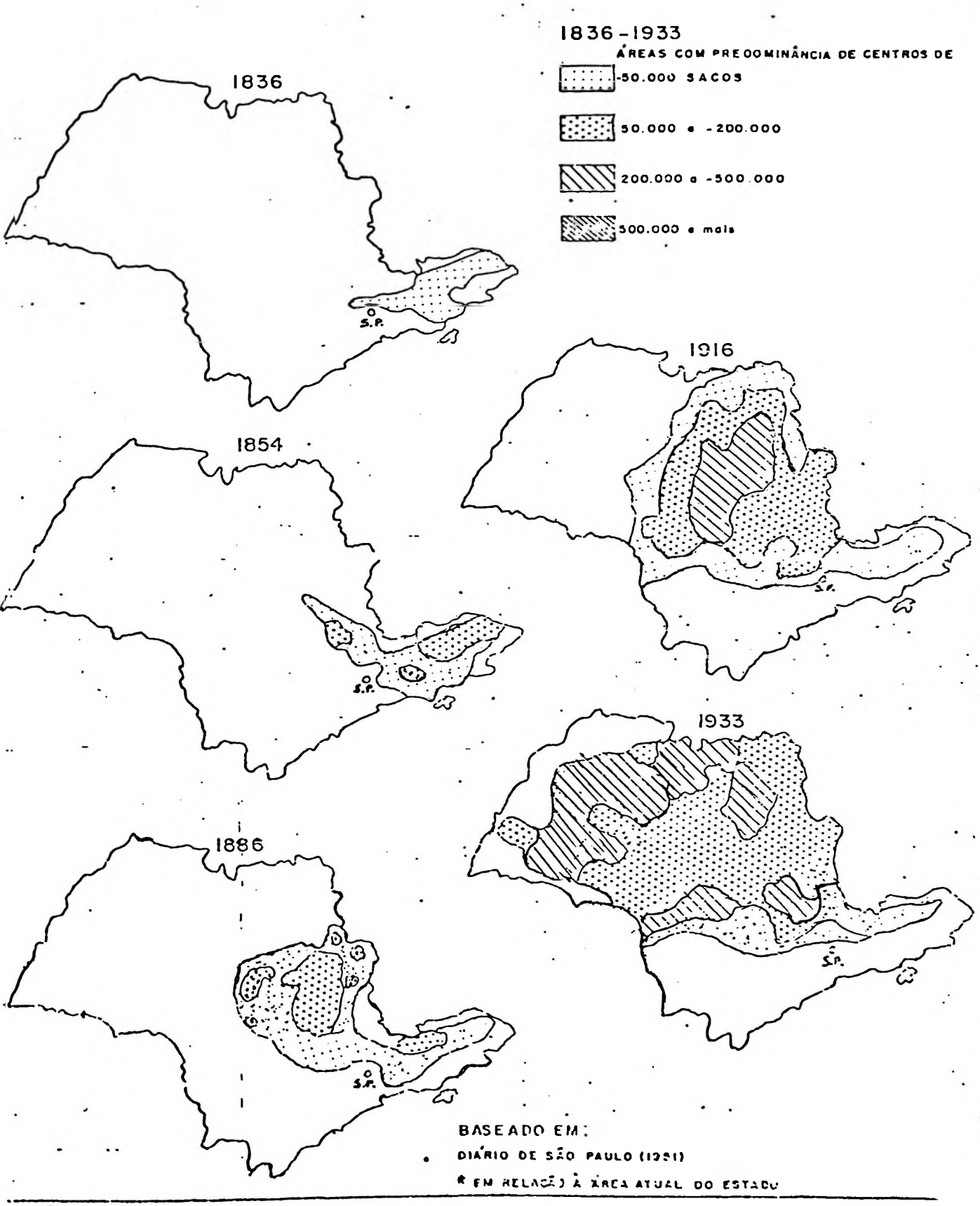
Até o fim da primeira metade do século XIX, a área de maior produção de café era a região do Vale do Paraíba. Por volta dos anos cinquenta o café encaminha-se da região do Vale Paraíba fluminense para o paulista e contornando a capital de São Paulo marcha para o Oeste paulista, aumentando consideravelmente sua produção. (Figura 1).

A implantação do café, no município paulista de Rio Claro, teve início na segunda metade do século XIX, destacando-se a seguir, como importante zona cafeicultora do chamado Oeste Paulista: Campinas, Jundiaí, Limeira e Rio Claro. As condições para este destaque, foram criadas desde os Setecentos com a concessão de sesmarias a estancieiros e plantadores de cana nos Campos Novos do Rio Claro, que posteriormente então, passaram para o cultivo do café.

As propriedades eram em sua maioria individuais, e destaca Diana Diniz que "até 1861, Vergueiro & Companhia era a única sociedade" para a exploração da cultura do café em Rio Claro, com a Fazenda Angélica. De 1890 em diante, é que começam a aparecer outras sociedades, e em 1892 elas eram em número de 16(15). Conforme Taunay(16), as fazendas de sociedade requeriam maiores capitais para o desenvolvimento da cultura do café, uma vez que o maior investimento era empregado no próprio cafezal, e as maiores despesas eram de administração e transportes. Na Fazenda Santa Gertrudes, do Mu

FIGURA 1

A MARCHA DO CAFÉ EM SÃO PAULO *



FONTE: Diana M. Leal. Rio Claro e o Café: desenvolvimento, apogeu e crise, (Tese de Doutoramento, F.F.C.L. Rio Claro, mímeo) 1973

nicípio de Rio Claro, o maior salário mensal médio, era o do Administrador, que em certas ocasiões ultrapassava a Rs 500$000, o que corresponde a cinco vezes mais que a média de salários da Fazenda.(17)

Em 1871, os Bancos começaram a penetrar na economia Rio Clarense, como proprietários de fazendas cafeeiras, ao lado das fazendas de sociedade. O primeiro foi o London and Brazilian Bank. Em 1892 surgem o Banco Agrícola Industrial e o Banco de Crédito Real de São Paulo. Diana Diniz, afirma não ter havido uma penetração direta das Casas Comissárias de café, nas atividades agrícolas rio-clarense, pela aquisição de propriedades, uma vez que, em vários casos, as fazendas compradas, foram imediatamente revendidas.(18)

No Segundo Reinado e na República Velha, destaca-se no quadro da economia rio-clarense, o fazendeiro, que simbolizava força, poder e influência econômica. Havia uma identificação entre o produto que proporcionava grandes lucros, com o status econômico-social e principalmente, o poder político.(19) Assim o fazendeiro de café, é muito mais capitalista, que um agricultor.(20) Sua mentalidade não o liga à terra, vendo nela apenas uma empresa, onde investe capital visando sempre maior lucro. Assim comenta Caio Prado:

> *A sua fazenda é para ele um negócio, em que está porque o considera bom, ou porque não pode sair dele. A prova está na facilidade com que se desfaz dela, a desleixa ou mesmo abandona, quando outros negócios lhe sorriem mais. Raro será o fazendeiro que não tenha tido sucessivamente várias fazendas em zonas completamente distintas.*(21)

O status do proprietário, decorrente da exploração do café, era reforçado pela atitude do monarca, no momento da decadência do Império, quando derramava títulos nobiliárquicos sobre as grandes fortunas. Isto continua no início do período republicano, quando os cafeicultores buscavam seus títulos junto ao Papa, na Santa Sé.(22)

O proprietário era, então, o maior beneficiado. A ele o café proporcionava uma série de privilégios com maior margem de lucros, em relação a qualquer outro produto, com maior margem de lucro e menor exigência de capitais.(23) Isto atribuia-lhe poder e afirmava-lhe a condição senhorial, nas relações sociais de produção.

O binômio café-escravo era uma decorrência do hábito da utilização da mão-de-obra escrava, vinda dos tempos coloniais, e reforçada com a cultura canavieira do século XVIII e início do XIX. A mentalidade escravista dos cafeicultores, mais uma vez se confirmava e se acomodava na capacidade do trabalho do escravo negro.(24) Nem mesmo a contradição existente entre a carta constitucional brasileira, que afirmava a igualdade de todos perante a lei, e a situação vigente do sistema, escravista, bastava para fazer com que os donos de terra pensassem no emprego de um outro sistema de trabalho.(25)

Por outro lado, no panorama geral escravocrata, existia o trabalho de homens livres (brancos), que eram preferidos para execução de serviços perigosos nas fazendas de café, cujo desempenho poderia ameaçar a vida do escravo.

A oferta da mão-de-obra livre, porém, tornava-se bem maior que a procura, devido a facilidade de obtenção do trabalho escravo. Essa situação implicava certamente em condições de vida, tão precárias quanto às do escravo, uma vez que restringia a oportunidade de participar da força de trabalho e diminuia-lhe o valor salarial.

A reflexão sobre a mortalidade, e sua relação com alguns aspectos dos setores econômico, político e social que norteavam a vida dos trabalhadores do café, torna-se necessária, não apenas para um conhecimento melhor da situação vigente no passado, como para comparações com novas situações.

Uma pesquisa específica sobre o evento mortalidade, é de suma importância, uma vez que é esta, um dos principais elementos, num estudo de população.

Foram trabalhados 3740 atestados de óbito, de negros e branco-estrangeiros, que morreram em Rio Claro, de 1875 a 1930, sendo utilizado o universo global da documentação. Isto possibilita uma visão mais ampla, e ao mesmo tempo específica,dos problemas relativos à saúde dos filhos destes trabalhadores.

As causas da mortalidade foram agrupadas em 13 itens, conforme a classficação internacional de doenças:

01. doenças peculiares à primeira infância;
02. causas maternas;
03. tumores ou neoplasias;
04. doenças do Aparelho Respiratório;
05. doenças infecciosas e parasitárias;
06. varíola;
07. tifo;
08. febre amarela;
09. doenças de sistema circulatório;
10. acidentes em geral;
11. outros;
12. não há informações;
13. não se aplica.

Somente através desta classificação da causa-mortis, foi possível caracterizar o Município de Rio Claro, quanto à mortalidade.

A "evolução dessa mortalidade" da massa trabalhadora, que no município de Rio Claro,tanto para a população jovem, como para a adulta, se processa de forma semelhante,constitue um importante componente para uma análise populacional.

Tomando primeiramente a mortalidade da população jovem negra (de grande importância para organização econômica da época), e analisando-a quantitativamente,percebe-se um movimento bem acentuado de acréscimo e decréscimo em alternância até 1889.

Os índices mais altos da mortalidade da população jovem

negra, em Rio Claro, no período do 2º Reinado, conforme observamos na Tabela 1, verificam-se nos anos de 1879 (com 74 falecimentos), 1880 (51 falecimentos), baixando nos anos seguintes, aumentando outra vez em 1885 (com 72 falecimentos), para um total geral de 952.

Este resultado mostra uma contradição entre o "desenvolvimento" da economia, e as condições do trabalhador negro, que se vê tão atingido pela mortalidade, exatamente numa faixa de tempo em que a cafeicultura Rio Clarense atingiu o máximo de produtividade.

Maior produção, pressupõe maior trabalho e maior desgaste da massa trabalhadora, tanto escrava como livre, em condições precárias à sua sobrevivência.

"Sendo o trabalhador o agente possuidor da força de trabalho, é esta que vai ser objeto de transação: sua oferta está intimamente relacionada com a própria condição do indivíduo".(26) O escravo que é "humano", enquanto mão-de-obra torna-se - "coisa" - enquanto - "mercadoria" - investimento de capital, e como tal, ele era tratado. "Seu nível de vida, era dita do pelo interesse do senhor".(27) No trabalho, o escravo serviu durante algum tempo, até mesmo como meio de transporte. As difíceis condições de vida, e o aumento do volume de trabalho, faziam-lhe crescer suas predisposições à mortalidade.

Isto nos leva a indagar das relações entre a mortalidade dessa massa trabalhadora, e a crescente necessidade de abundante mão-de-obra indispensável ao cultivo do café. Pode-se acreditar que esta significativa mortalidade da população escrava, se de um lado, demonstra as más condições ambientais, de outro, pode explicar o deficit da mão-de-obra como problemática da época. E a questão se reafirma, quando se observa que entre 2.170 negros, a mortalidade na faixa de 0 |— 15 anos, representa 44% do todo. Esse percentual, se torna mais significativo, quando se observa que a compra de crianças escravas não era tão grande, porque o comércio de crianças estava inversamente proporcional ao interesse escravocrata, de objetivos imediato. A interrupção do tráfico, somada ao desinteresse pela compra de crian

Tabela 1

Pretos

Idade e Ano da Morte

1875-1930

Idade \ Ano da Morte	1875		1876		1877		1878		1879		1880		1881		1882		1883		1884		1885		1886		1887		1888		Sub Total		1889/1930		Sub Total		Não há inf.		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
0 ⊢ 1	5	1,1	10	2,2	9	2,0	13	2,9	24	5,3	19	4,2	14	3,1	7	1,5	15	3,3	43	9,5	42	9,3	21	4,6	18	4,0	25	5,5	265	59,0	184	40,9	449	100,0	-	-	449	100,0
1 ⊢ 5	11	2,5	8	1,8	14	3,4	34	7,9	40	9,3	25	5,8	23	5,3	7	1,6	7	1,6	35	8,1	30	7,0	17	3,9	15	3,5	34	7,9	300	70,0	128	29,9	428	100,0	-	-	428	100,0
5 ⊢ 10	1	2,3	-	-	-	-	3	7,1	3	7,1	6	14,2	-	-	-	-	-	-	2	4,7	-	-	2	4,7	-	-	5	11,9	22	52,3	20	47,6	42	100,0	-	-	42	100,0
10 ⊢ 15	1	3,3	2	6,0	1	3,3	2	6,0	7	21,2	1	3,3	-	-	1	-	-	-	2	6,0	-	-	3	9,0	2	6,0	4	12,1	25	75,7	8	24,2	33	100,0	-	-	33	100,0
TOTAL	18	1,8	20	2,1	24	2,5	52	5,4	74	7,7	51	5,3	37	3,8	14	1,4	22	2,3	82	8,6	72	7,5	38	3,9	35	3,6	68	7,1	612	64,2	340	35,7	952	100,0	-	-	952	100,0

FONTE de dados brutos: Atestados de óbito do Município de Rio Claro.

ças,e aos índices significativos da mortalidade infantil,criava um sério empecilho ao aumento da população escrava.(28)

Há uma correspondência entre os problemas advindos da campanha abolicionista e Abolição, e a mortalidade dos negros. A instabilidade migratória dos trabalhadores negros analisada por Stanley J.Stein(29) na região de Vassouras,tem sua correspondência na região cafeicultora de Rio Claro,conforme verificamos pela análise dos documentos municipais e dos Censos nacionais.

À partir de 1884 - 1885, com a aprovação da Lei dos Sexagenários, o sistema escravista se torna enfraquecido, e a compra de escravos, mais dificultada.

A decadência valorativa da escravidão como processo econômico, confundia o senhor proprietário.Possuidor de uma mentalidade escravista, a única solução que encontrou para a substituição do trabalho escravo, foi a busca da mão-de-obra estrangeira, que era a seu entender disponível e barata.

No governo de D. João VI, tiveram início as primeiras tentativas de solução para o povoamento do país. Essas tentativas, com objetivos puramente demográficos, apesar de mal sucedidas, demonstram nitidamente a interferência da política econômica cafeeira,na política populacional. As sucessivas experiências colonizadoras traziam,em si,condições de fracasso, uma vez que o colono principiava sua nova vida individado,o que tornava sua situação semelhante à do escravo,em sua luta pela auforria,fato este muito bem analisado por Davatz.(30)

Desta forma, diante da crescente diminuição da entrada de imigrantes para fins de colonização,as dificuldades com o braço trabalhador fizeram com que as atenções se voltassem para o trabalhador livre nacional. As precárias condições de vida desta população livre, mas,marginalizada,num sistema econômico baseado em exportação, afastavam-na do trabalho agrícola.

A população escrava diminuindo de forma crescente, e o trabalho do nacional, desprestigiado, criavam condições para a aceitação do

trabalho do estrangeiro.

O incentivo à imigração ocorreu em grande escala, utilizando-se da propaganda, e atingiu seu objetivo, provocando grande somatória no contigente populacional brasileiro.

O interesse governamental, voltado para a política econômica do café, provocou dessa maneira, interferências na dinâmica populacional do país, com ênfase nas regiões onde o café dominava.

A Abolição, mas sobretudo a marcha do café para novas zonas, como observa Sérgio Milliet, a marcha para o oeste, condicionou a vinda em levas crescentes, de imigrantes europeus que, numa tentativa de solução da carência de força de trabalho, eram encaminhados entre outros lugares para Rio Claro.

Em sua chegada, o imigrante enfrentou uma situação de vida totalmente diversa. A adaptação às novas condições de moradia, alimentação e clima diversos, trabalho extenuante, determinavam um esforço muito grande de sua parte, com reflexos negativos para a sua saúde. Isto é comprovado pela alta mortalidade deste grupo, que será comentada mais adiante.

De modo geral, tanto o grupo branco-estrangeiro, como o negro, apresentavam alto índice de mortalidade.

Quanto aos grandes períodos de mais alta taxa de óbitos, se para a população negra está de certa forma condicionada aos fatores políticos e sócio-econômicos do processo de libertação, para a população estrangeira, conforme podemos observar na Tabela 2, está ligada a grande epidemia da febre amarela na região.

Conforme demonstra a Tabela 2, a mortalidade do branco-estrangeiro acentuou-se nos anos de 1888 (com 67 mortos), aumentando em 1889 (com 72), baixando em 1891 (para 40), em 1892 (com 33) para depois sofrer um aumento grande em 1896 (com 93 mortos).

Apesar do maior índice de mortalidade ocorrer de certa forma, em anos diferentes, dentro da comparação intríseca para cada grupo, (negro e branco-estrangeiro) pode-se da mesma forma constatar a precarieda

Tabela 2

Branco estrangeiro
Idade e Ano da Morte
1875-1930

Idade \ Ano da Morte	1875		1876		1877		1878		1879		1880		1881		1882		1883		1884		1885		1886		1887		1888		Sub Total		1889/1930		Sub Total		Não há inf.		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
0 ⊢ 1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1,3	1	1,3	10	13,8	12	16,7	62	86,1	72	100,0	-	-	72	100,0
1 ⊢ 5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,3	3	1,1	1	0,37	15	5,5	46	17,1	66	24,5	202	75,9	268	99,6	1	0,3	269	100,0
5 ⊢ 10	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	3,5	9	10,7	13	15,4	71	84,5	84	100,0	-	-	84	100,0
10 ⊢ 15	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	3,1	2	6,2	3	9,3	29	90,6	32	100,0	-	-	32	100,0
TOTAL	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,2	-	-	-	-	1	0,2	3	0,6	1	0,2	20	4,3	67	14,6	94	20,5	364	79,6	456	99,7	1	0,2	457	100,0

F .E de dados brutos: Ibid:

de das condições ambientais em que vivia essa massa trabalhadora como um todo.

Dos dados fornecidos pelos Relatórios dos Presidentes da Província de São Paulo, verificou-se para os anos de 1872 e 1886, que a população de Rio Claro era respectivamente de 14.996, e de 20.133 indivíduos. (V. Tabela 3).

Segundo o Censo de 1890, (V. Tabela 4), constatamos a presença de brasileiros e estrangeiros,sem referência à cor. Encontramos neste ano, para um total de 24.433 brasileiros,151 estrangeiros; quando os atestados de óbito acusam para este ano um total de 44 mortes para o mesmo grupo. Desta forma, em relação à população estrangeira,o índice de mortalidade,foi relativamente baixo, neste ano, comparando-se com os dados do Censo.

Com isto, a evolução da mortalidade nestes grupos denota que a fase áurea do café, com uma grande expectativa de melhoria econômica, pouco representou em termos materiais para a massa trabalhadora. Nem sequer condicionou uma melhoria das condições de saúde, do trabalhador negro e do imigrante, afetados intensamente pela mortalidade entre seus descendentes. Por outro lado, essa mortalidade gerava uma necessidade de constante renovação da mão-de-obra na cafeicultura paulista,com todas as suas implicações.E esta situação, decorria do sistema econômico dependente de nações industrializadas,o que impedia a melhoria econômica,e mantinha o subdesenvolvimento. A Província, e depois Estado de São Paulo,embora envolvendo uma série de deficiências nas condições de vida do braço trabalhador,pouca atenção lhe dispensava, pois a dívida externa, que crescia sucessivamente,e a política de proteção ao café mantinham-no sempre em situação deficitária.

Este quadro geral tem seu reflexo no município de Rio Claro, onde a população jovem (e principalmente as faixas etárias menores) foi sensivelmente atingida . Este fato é bastante significativo, pois denota o grau de subdesenvolvimento da região. Nos 3.740 óbitos de negros e branco-estrangeiros agrupados em faixas etárias com intervalos de 5 anos, até a idade de 80 e mais, encontramos 1.411 óbitos, isto é, quase a terça

Tabela 3

Rio Claro
População por Paróquias
1872-1886

Anos / Paróquias	1872	1886
São João Batista do Rio Claro	12.203	17.241
Nossa Senhora da Conceição do Itaquery	2.793	2.892
TOTAL	14.996	20.133

FONTE de dados brutos: Relatório Presidente de Provincia do Estado de São Paulo, 1888.

Tabela 4

Censos
População de Rio Claro
1872-1888-1890-1900-1920-1940

População / Anos	Brancos e Mestiços	Negra	Percentagem da População negra sobre a geral
1872	12.243	4.758	38,8
1888	20.133	3.304	16,4
1890	24.584	5.709	23,2
1900	31.891	-	-
1920	50.416	-	-
1940	47.287	2.898	6,1

Fonte de dados brutos: Censos de 1872, 1890, 1920 e 1940 e Relatório do Presidente da Provincia do São Paulo-1886-1887, p. 55. Synopse do recenseamento de 1900.

parte do todo, ou 37,7% do total contidos nas quatro primeiras faixas etárias (0 ⊢— 15).

Certamente a grande mortalidade das crianças estrangeiras, concentradas na faixa de 1 ⊢— 5, com 54,2% do total, (Tabela 5), prende-se ao fato de serem os primeiros anos de adaptação, num ambiente novo e diferente, os mais difíceis de superar.

Por outro lado, a grande mortalidade também das crianças negras, nas duas faixas etárias,vem comprovar a interferência das más condições ambientais na saúde dos filhos dos trabalhadores do café. Apesar de ser o trabalhador o impulsor principal da posição relevante do Brasil (Como produtor), no mercado exportador, de nada valia para ele essa situação de privilégio nacional. O Brasil, apesar de tudo, continuava a ser um país de economia dependente das grandes nações industrializadas,e esta situação no quadro mundial gerava a impossibilidade de melhoria da vida do trabalhador. Na empresa capitalista, o baixo custo do trabalhador leva a um maior lucro no sistema econômico, daí a vantagem da exploração do escravo cuja utilização de serviços por N anos pagava o seu custo, conforme analisa Wener Baer.

As más condições ambientais e a desnutrição, como causas dessa alta mortalidade, vão ser confirmadas quando se observa as diferentes faixas etárias de 5 ⊢— 10 e 10 ⊢— 15, onde há uma grande diminuição para os dois grupos. Isto se explica pelo fato de que a faixa etária de 5 ⊢— 15 anos, mostra-se mais resistente do que a faixa de 0 ⊢— 5 anos, a esses dois fatores,considerados pela Medicina Preventiva de "Condicionantes da mortalidade".Isto é confirmado para a população de Rio Claro,de modo geral, e principalmente quando se observa separadamente os dados referentes à morte dos grupos aqui estudados: o negro e o branco-estrangeiro.

Assim sendo, esses elementos comparativos possibilitam uma análise populacional através de uma abordagem histórica do problema sócio-econômico da mortalidade desta população "jovem"

Pode-se notar que a frequência percentual da mortalidade

Tabela 5

Etnia e Faixa Etária

Mortalidade

1875-1930

Etnia \ Faixa Etária	0 ⊢ 1		1 ⊢ 5		5 ⊢ 10		10 ⊢ 15		Sub-Total		Não há Inf.		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Preto	449	31,8	428	30,3	42	2,9	33	2,3	952	67,4	189	13,3	1141	100,0
Branco estrangeiro	74	14,9	269	54,2	84	16,9	32	6,4	459	92,5	37	7,4	496	100,0
Total	523	31,9	697	0,4	126	7,7	65	3,9	1411	86,1	226	13,8	1637	100,0

FONTE de dados brutos: Ibid.

para os dois grupos étnicos conjuntos foi bem maior para as faixas de 0 |— 1 e 1 |— 5 anos, com um total de 1.220 óbitos ou 86,45% do total apurado para a faixa etária jovem em estudo. Essa característica quantitativa da mortalidade do passado, maior para a faixa etária englobada de 0 |—5 anos, consiste presentemente em uma das maiores preocupações dos estudiosos do campo da mortalidade. A grande incidência deste evento persiste ainda hoje dentro desta faixa etária para todo o Brasil e é considerada pela Medicina Preventiva e pelos estudos no campo da Saúde Pública, como uma consequência típica de regiões ainda em vias de desenvolvimento. De maneira mais específica, esta alta mortalidade é também explicada por estes mesmos especialistas, por ser a primeira faixa etária a época mais sensível aos fatores ambientais e pelo desconhecimento dos princípios de higiene.

"Se os maus ares, as pestilências não eram invocadas para justificar à mortalidade nesses grupos, estrangeiros, o desconforto de longa viagem até as fazendas de café, as privações na espera de construção de suas casas, as mudanças de trabalho, a alteração dos hábitos alimentares, principalmente nos primeiros tempos, afetavam duramente os mais jovens"(31).

Quanto aos pretos, escravos e livres, não se apresentava tão agudo o problema de adaptação ao meio ambiente, embora grande número de trabalhadores de cor, africanos e crioulos, viessem de outras regiões, em especial do Norte do país.

A necessidade de suprir a carência de mão-de-obra e consequentemente exigências de alta produtividade, afetavam em última análise, também as crianças. Os maus hábitos alimentares que transcedem ao critério da cor, pois são nacionais, o desinteresse ou melhor o abandono dos pretos, tanto mais velhos como mais jovens, sobretudo após a Abolição, a manutenção de esteriótipos acerca da preguiça e da má qualidade do trabalho desses grupos em relação ao trabalhador branco (especialmente europeu), refletiram-se a termos de salários inferiores, com todas as suas consequências. As precárias condições de vida do trabalhador negro vão afetar diretamente as crianças, condicionando a alta taxa de mortalidade.

Comparando o grupo de crianças pretas e branca-estrangeiras, verifica-se a mais elevada mortalidade entre as de cor, na faixa etária de 0 |—— 5 anos. A morte no primeiro ano de vida nos demonstra as difíceis condições em que se encontravam. O trabalho pesado da mulher grávida, o semi-abandono de seus filhos após o parto, a má nutrição da mãe e da criança e a pouca higiêne, dizimaram os menos resistentes. Tudo isso era agravado pela necessidade de utilização da medicina caseira, baseada nos conselhos do fazendeiro, que, forçado pelas dificuldades, nada fazia, senão exercer, ele mesmo, as funções de médico, valendo-se para isso de manuais de medicina, livretos e formulários, que o orientavam.

O quadro geral da saúde da massa trabalhadora rioclarense no final do Império e na República Velha, mostra condições semelhantes que formam o quadro geral da Saúde Pública da capital, de toda a Província e Estado de São Paulo. Enquanto a mentalidade burguesa dos fazendeiros num contexto capitalista dirigia a ação governamental, preocupando-se em primeira mão, com a política protecionista do café, a dívida externa continuava aumentando e os cuidados com a massa trabalhadora eram cada vez mais deficientes, diante da carência das condições de vida dos mesmos. Isto é constatado pelos Relatórios dos Presidentes da Província ou Estado que documentaram essa situação. Apesar de transparecer claramente uma "política" de interesses pessoais numa distorção daquilo que realmente acontecia, nas declarações dos diferentes presidentes de Província e do Estado; a situação real não é difícil ser conhecida.

De 1875 a 1882[32], os relatórios provinciais, nada informaram de específico sobre o estado sanitário da Província, deixando apenas transparecer uma preocupação com o mesmo, sem nenhuma afirmação categórica.

Do ano de 1882 em diante, até 1930, continuaram a persistir algumas contradições nos seus relatos como, por exemplo, o fato de comentarem, num mesmo documento, o ótimo estado sanitário da Província e mais adiante demonstrarem a existência de doenças, que provém da falta de higiêne e de precariedade sanitária. Através destas contradições percebe-se os

interesses políticos dos Presidentes de Províncias, que procuravam abstrair as questões negativas da saúde pública e do saneamento. De qualquer forma, nos parece evidente o estado precário destes setores.

Algumas vezes, declarações otimistas sobre a salubridade da Província de São Paulo nos informam das condições nacionais a esse respeito.

> *O território da província de São Paulo, por justo título goza do conceito de salubridade, e se attender-se às vantajosas circunstâncias de sua formação e latitude reconhece-se que a Província collocou-a fora do alcance das flagelladoras enfermidades que epidêmicas ou contagiosas, passando por outras regiões, fazem victimas aos milhares, e deixão após de si o deserto...*(33)

Nove anos após, a situação da Província de São Paulo, segundo informações oficiais, já era outra bem diferente, embora ressalte-se - como responsável, o clima:

> *Não é bom o estado Sanitário da Província.. Em Santos e Campinas, febres de máu caracter-devido talvez suas condições climáticas ... estão dizimando a população e causando grandes prejuízos econômicos...*(34)

A situação continuava a mesma dois anos depois, e pode ser confirmada por um ofício do Juíz de Direito de Rio Claro, à capital da Província, em 28 de dezembro de 1891.

> *Tomamos a liberdade de levar ao vosso conhecimento que o estado atual d'esta cidade, sob o ponto de vista da hygiene é um motivo de sérias appreehensões para áquelles a quem cabe uma certa responsabilidade pela prosperidade e bem estar da população.*
> *...nenhuma medida higienica sendo tomada, de*

modo a athenuar um tal estado de cousas, ca da vez mais se aggravam, se multiplicam, os elementos mortíferos que trabalham que, minão a saúde pública, com grave prejuízo para o futuro desta localidade.(35)

Assim os dados quantitativos da mortalidade, complementados com as informações gerais da situação vigente, nos mostram que, os produtores diretos da riqueza do café, a massa trabalhadora, quase nada lucrou, uma vez que não houve uma elevação do nível de vida como se podia esperar.

Desta forma, parece perigosamente generalizante, a afirmação de M.Sylvia C.Franco: "A expansão dos negócios e a cultura do café, trouxe consigo por onde passou, uma considerável melhoria nas condições materiais de existência e também alguns refinamentos no trato e nos hábitos de vida".(36)

Esta colocação denota uma visão, presa aos resultados da "boa" economia cafeeira, constatados para a figura do fazendeiro, que, explorava suas terras em termos capitalistas. Quando, porém, se abre a perspectiva para um estudo populacional, procurando conhecer também as populações de menores recursos econômicos que, no caso, foram os principais construtores da "riqueza da nação", percebe-se diferenças marcantes.

"A mortalidade de crianças, principalmente a mortalidade infantil, é um reflexo das condições sócio-econômicas e ambientais de uma área".(37)

Quando o problema da saúde era detectado pelas autoridades, tal fato era visto em termos de um empecilho ao desenvolvimento da economia. Este fato é fielmente retratado em 1892, pelo vice presidente do Estado, Dr. José Alves de Cerqueira César:

...Epidemias intensas devastaram durante os últimos mezes várias localidades do Estado ... A primeira providência delas refere-se ao saneamento da cidade de Santos.
As epidemias que assolam o principal dos

> *nossos portos, não só pertubam gravemente o mecanismo econômico do Estado e ameaçam de sérias dificuldades a sua communicação commercial com o exterior...*(38)

Mas, não eram somente as epidemias que maltratavam o nosso trabalhador. Doenças mais simples em relação à sua cura, doenças que podiam ser combatidas apenas pela melhoria na alimentação e hábitos de higiene, atingiam fortemente a população, como se pode verificar pelo município de Rio Claro.

Nas Tabelas 6 e 7 as quais utilizamos a Classificação Internacional de Doenças da O.M.S.(39), podemos confirmar o mais alto índice de causa-mortis dessa massa trabalhadora, referente às doenças infecciosas e parasitárias, analisando-se em conjunto os dois grupos étnicos.

Desta forma, para o grupo negro, na faixa etária em estudo (0|—15), temos um total de 466 mortes (por doenças infecciosas e parasitárias), numa porcentagem de 46,8% do total desse grupo (Tabela 6). Para o branco-estrangeiro, encontra-se na mesma faixa de idade (0|—15), o maior número de mortes também por estas doenças, num total de 214 óbitos ou 46,6% do total deste grupo (Tabela 7).

De um modo geral, nota-se ainda para os dois grupos o predomínio das mesmas doenças, como se pode observar pelas Tabelas 6 e 7.

Em doenças Mal definidas, que pela Classificação Internacional de Doenças, englobam: morte natural, febre, edampsia em crianças, "Mal de fogo", etc., há 135 óbitos ou 9,5% do total da faixa etária jovem, negra e branca-estrangeira. A seguir, encontram-se as doenças classificadas como Outras, tais como: diabetes, doenças do aparelho digestivo, artrite, anemia, senilidade , etc., num total de 119 óbitos ou 8,4% para os dois grupos. A seguir as Doenças do Aparelho Respiratório tais como: bronquite, catarro sufocante, pneumonia, etc., dão um total de 101 mortes ou 7,1% e Doenças Peculiares da Primeira Infância, com 47 mortes ou 3,3% para os dois grupos. Observando-se as tabelas 6 e 7, percebe-se para estas duas últimas

TABELA 6

População Preta

Causa-mortis
1875-1930

Estrutura Etária / Causa-mortis	0 ⊢ 1		1 ⊢ 5		5 ⊢ 10		10 ⊢ 15		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
1-N.H.I	104	0,2	15	0,0	3	0,0	0	-	122	2,8
2-N.S.A	28	0,1	0	-	0	-	0	-	28	2,9
3-Mal.Def.	42	0,1	63	0,1	4	0,0	3	0,0	112	11,8
4-D.Pecul. 1º inf.	45	0,1	0	-	0	-	0	-	45	4,9
5-C. Maternas	0	-	0	-	0	-	0	-	-	-
6-Tumores	0	-	0	-	0	-	0	-	-	-
7-Ap. Resp.	49	0,1	20	0,0	3	0,0	4	0,1	76	8,9
8-Inf.Paras.	140	0,3	285	0,6	24	0,5	17	0,5	466	99,9
9-Varíola	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-
10-Tifo	0	-	1	0,0	0	-	2	0,0	3	0,3
11-Febre Am.	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-
12-Ap.Circ.	6	0,0	4	0,0	1	0,0	1	0,3	12	2,6
13-Acidentes	2	0,0	5	0,0	2	0,0	2	0,0	11	2,2
14-Outras	5	0,0	35	0,0	5	0,1	4	0,12	49	5,3
TOTAL	449	0,4	428	0,4	42	0,0	33	0,0	952	100,0

FONTE: de dados brutos: IBID.

TABELA 7

Branco Estrangeiro

Causa-Mortis

1875 - 1930

Estrutura Etaria / Causa-mortis	0|— 1		1|— 5		5|— 10		10|—15		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
1. N.H.I	11	23,4	27	57,4	8	17,0	1	2,1	47	10,4
2. N.S.A	2	28,5	5	71,4	0	-	0	-	7	1,8
3. Mal Def.	9	39,1	43	18,6	7	30,4	0	-	23	6,3
4. D.Pecul 1º Inf.	1	50,0	1	50,0	0	-	0	-	2	0,5
5. C. Maternas	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-
6. Tumores	0	-	1	-	0	-	0	-	1	1,2
7. Ap. Respo	7	28,0	10	40,0	3	12,0	5	20,0	25	5,5
8. Inf. Paras	29	13,5	138	64,4	37	17,2	11	51,4	214	49,6
9. Varfola	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-
10. Tifo	0	-	1	11,1	3	33,3	5	55,5	9	1,9
11. Peste Am.	1	9,0	3	27,0	4	36,3	3	27,2	11	2,9
12. Ap. Circ	0	-	3	1000	0	-	0	-	3	0,0
13. Acidentes	1	11,1	4	44,4	2	22,2	3	33,3	9	1,7
14. Outras	13	18,5	33	45,7	20	28,5	4	5,7	70	17,0
TOTAL	74	16,1	269	58,6	84	18,3	32	6,9	459	1000

Fonte de Dados Brutos: IBID

categoria de doenças, um percentual maior para o negro, ainda que, comparando-se cada grupo, em seu total absoluto.

As doenças infecciosas e parasitárias, responsáveis por grande número de óbitos da faixa etária mais jovem, decorriam também da falta de assistência médica, da falta do mínimo conforto de condições habitacionais, da precariedade do vestuário, e - o que é mais importante - dos maus hábitos alimentares.

Em um estudo de mortalidade, é necessário, observar-se o "binômio infecção-desnutrição"(40), principalmente para as faixas mais jovens da população, pois são fatores interligados, sendo que a infecção, não só é facilitada pelas condições ambientais, como também pelo estado de desnutrição.

A demonstração quantitativa de ocorrência do evento da mortalidade na Região de Rio Claro vem fechar um quadro panorâmico, onde a tipificação das doenças constatadas como causa-mortis mostra a deficiência das qualidades ambientais, e ainda a presença da desnutrição, fato este comprovado pela documentação municipal rioclarense a respeito das condições sanitárias.

A desnutrição, como causa-associada, está presente em todos os grupos de doenças, aqui verificados numa região ainda subdesenvolvida na época focalizada.

Essa situação deve ter contribuido para retardar o"progresso"da região. A má nutrição determina uma menor produtividade, o que reflete na economia e na sociedade, com repercuções nos caracteres somáticos e biológicos do homem, sobretudo dos trópicos. O regime alimentar é a base do desenvolvimento da população.

É interessante notar que, para o grupo negro, a mortalidade geral se dá em maior ocorrência, nos meses de dezembro e janeiro. Especificando o grupo de doenças, que vitimou de forma intensa o grupo negro, foi o das Doenças Infecciosas e Parasitárias. O alto índice de mortes, ocorreu nos meses de janeiro com 87 falecimentos, novembro com 85, e dezembro

com 92. A seguir, as classificadas como Outras, e Mal Definidas, atingiram o seu mais alto índice, nos meses de verão. (Tabela 8).

Os grandes cafezais, a exportação intensa, o "Crescimento Econômico", e não o "Desenvolvimento Econômico", conforme coloca Paul Singer[41], estava longe de propiciar a melhoria nas condições de vida do trabalhador. Várias medidas eram tomadas visando "melhoria das condições materiais," porém, a persistência da situação de subdesenvolvimento é nítida para todo o período estudado. A alimentação continuava deficitária. Afirma Silva Mello que "o problema da alimentação nacional, principalmente nas classes pobres e rurais, é antes de tudo, um problema mais de quantidade que de qualidade alimentar".[42] É interessante notar, que nos Relatórios dos Presidentes da Província, não aparece preocupação alguma com o problema alimentar da população, enquanto se sabe que "o combate às infestações não pode prescindir do concurso de uma alimentação adequada do ponto de vista quantitativo e qualitativo".[43]. Continua Silva Mello:

> *Se a ciência nos mostra um erro essencial de alimentação, principalmente em se tratando de uma população tão atrasada e inculta como a nossa, é natural que a sua correção não possa ser realizada senão por medidas econômicas, tal como a de pôr à disposição da grande massa os produtos de que ela tem grande necessidade e a prêço verdadeiramente reduzido e acessível o mais baixo possível.*[44]

A subnutrição propicia a incidência tanto das doenças infecciosas e parasitárias, como das epidemias e etc., atingindo com maior intensidade as crianças.

Depois de 1893, as medidas preventivas à saúde, parecem ter sido acentuadas. Assim, nesta data, já se fala do "Instituto Bacteriológico e Vaccinogênico, e Laboratório de Analyses Chimicas".[45] Em 1896 se fala também do "Hospital de Isolamento da Capital e do Desinfectório Cen

Tabela 8

Rio Claro

Meses e Causa-Mortis

1875-1930

Causa-Mortis / Meses	Não se aplica		Mal Definidas		Doenças Peculiares à 1a Infância		Causas Maternas		Tumores ou Neoplasias		Doenças do Aparelho Respiratório		Doenças Infecciosas ou Parasitárias		Varíola		Tifo		Febre Amarela		Doenças do Aparelho Circulatório		Acidentes em Geral		Outras		Sub-total		Sem Informação		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Janeiro	1	0,4 3,7	24	10,5 11,3	9	4,0 20,9	3	1,3 20,0	-	-	13	5,7 7,5	87	38,2 11,7	-	-	3	1,3 8,8	-	-	31	13,6 11,6	6	2,6 8,9	34	14,9 9,5	211	10,7	17	7,4 8,1	228	100,0
Fevereiro	2	1,1 7,4	21	11,2 9,9	7	3,7 16,2	-	-	1	0,5 9,1	11	5,9 6,3	58	30,9 7,9	2	1,1 66,7	3	1,6 8,8	1	0,5 25,0	26	13,8 9,6	5	2,6 7,5	36	19,1 10,0	173	8,8	15	8,0 7,1	188	100,0
Março	-	-	10	8,1 4,7	4	3,3 9,3	1	0,8 6,7	-	-	11	8,9 6,3	51	41,5 6,9	-	-	2	1,6 5,8	2	1,6 50,0	14	11,4 5,2	-	-	15	12,2 4,3	110	5,6	13	10,5 6,2	123	100,0
Abril	2	1,4 7,4	11	7,4 5,1	1	0,7 2,3	1	0,7 6,7	-	-	9	6,0 5,1	48	32,4 6,5	-	-	-	-	1	0,7 25,0	26	17,6 9,6	4	2,7 6,0	30	20,3 8,5	133	6,7	15	10,1 7,1	148	100,0
Maio	3	2,1 11,1	9	6,5 4,2	4	2,8 9,3	5	3,6 33,3	3	2,1 27,2	12	8,6 7,0	43	31,2 5,8	-	-	1	0,7 3,0	-	-	19	13,7 7,0	5	3,6 7,5	21	15,2 5,9	125	6,4	13	9,9 6,2	138	100,0
Junho	5	3,0 18,5	16	9,7 7,5	1	0,6 2,3	-	-	-	-	12	7,3 7,0	55	33,3 7,4	-	-	2	1,2 5,8	-	-	27	16,4 10,0	4	2,4 6,0	31	18,8 8,5	153	7,8	12	7,3 5,7	165	100,0
Julho	3	1,8 11,1	14	8,4 6,6	3	1,8 7,0	1	0,6 6,7	3	1,8 27,2	20	12,0 11,5	46	27,5 6,2	-	-	3	1,8 8,8	-	-	17	10,2 6,3	5	3,0 7,5	33	19,8 9,2	148	7,5	19	11,3 9,0	167	100,0
Agosto	2	1,1 7,4	16	9,1 7,5	3	1,7 7,0	-	-	1	0,5 9,1	20	11,4 11,5	50	28,5 6,7	1	0,5 33,3	3	1,7 8,8	-	-	23	13,0 8,5	8	4,5 12,0	28	16,0 7,8	155	7,9	21	12,0 10,0	176	100,0
Setembro	1	0,6 3,7	21	13,5 9,9	2	1,3 4,7	1	0,6 6,7	1	0,6 9,1	7	4,5 4,0	54	34,8 7,4	-	-	3	1,9 8,8	-	-	22	14,2 8,1	7	4,5 12,0	20	13,0 5,7	139	7,1	16	10,3 7,6	155	100,0
Outubro	3	1,6 11,1	17	9,0 8,0	3	1,6 7,0	-	-	-	-	19	10,3 10,9	70	37,2 9,4	-	-	4	2,1 11,7	-	-	14	7,5 5,2	6	3,2 8,9	34	18,1 9,5	170	8,6	18	9,6 8,6	188	100,0
Novembro	2	0,8 7,4	24	9,9 11,3	2	0,8 4,7	2	0,8 13,2	1	0,4 9,1	26	10,6 14,9	85	35,0 11,5	-	-	3	1,2 8,8	-	-	28	11,6 10,4	10	4,2 15,0	36	14,8 10,0	219	11,1	24	9,9 11,5	243	100,0
Dezembro	3	1,2 11,1	29	11,6 13,7	4	1,6 9,3	1	0,4 6,7	1	0,4 9,1	14	5,6 8,0	92	36,8 12,5	-	-	7	2,8 20,5	-	-	23	9,2 8,5	7	2,8 12,0	42	16,8 11,1	223	11,3	27	10,8 12,9	250	100,0
Sem informação	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	100,0
TOTAL	27	100,0	212	100,0	43	100,0	15	100,0	11	100,0	174	100,0	740	100,0	3	100,0	34	100,0	4	100,0	270	100,0	67	100,0	360	100,0	1960	100,0	210	100,0	2170	100,0

FONTE de dados brutos: Ibid.

Nota: 1ª percentagem - por linha
2ª percentagem - por colunas

tral".(46) Em 1900, têm-se informações do "Instituto Serumtherápico", responsável pelo soro antipestioso de Yersin contra a peste bubônica.(47) Em 1901, já se achava instalado o "Instituto Serumtherapio de Butantan", sem funcionar ainda, por falta de aparelhamento.(48)

Em 1917, o Presidente da Província relata sobre a "Secção de Protecção à Primeira Infância": "as difficuldades da mesma, redobram a cada ano, em conseqüência do crescimento da população infantil, e ela continua instalada em local acanhadíssimo".(49)

Em 1918, uma epidemia de gripe muito prejudicou a população infantil de todo Estado(50), no entanto as declarações dos Presidentes da Província e do Estado, continuavam contraditórias, com afirmações otimistas das condições de saúde e higiêne da região.

Desta forma, todas as instituições, criadas como prevenção para saúde pública, parecem-nos insuficientes diante da realidade.

A análise dos atestados de óbito de Rio Claro nos comprova tal afirmação. Embora presente, a grande necessidade da mão-de-obra, pode-se perceber que não era o desemprego o causador da "pobreza". Tal fato pode ser demonstrado através da Tabela 9, mesmo deixando de lado o item não "há informações". Desta forma, observando-se os sub-totais, nota-se a pequena quantidade de "indigentes" existentes tanto para o negro com 92 indivíduos ou 18,6% do sub-total deste grupo, como para o branco-estrangeiro com 28 indivíduos ou 6,5% do sub-total relativo a este grupo.

Comparando-se as profissões nos dois grupos, chega-se a um resultado percentual bem menor, para o grupo imigrante, o que significa um indício de melhor nível de profissionalização (Tabela 9). Isto talvez se explique pela diferença da "mentalidade" de quem vem de fora, com a meta de mudar de vida, e melhorar sobretudo economicamente, aceitando qualquer tipo de trabalho, considerando-o apenas como um meio para conseguir seus objetivos. Os problemas decorrentes de 4 séculos de escravidão, e a necessidade de afirmação numa sociedade de mentalidade ainda escravista, levara os imigrantes estrangeiros a um comportamento diverso.

Tabela 9

Pretos e Branco Estrangeiros
Profissão do Indivíduo
1875-1930

Profissão do Indivíduo / Etnia	Profis. Definidas		Indi-gentes		Sub-total		Não há Informações		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Pretos	402	50,1	92	76,5	494	53,5	1676	59,4	2170	58,0
Branco Estrangeiro	400	49,9	28	24,5	428	46,5	1142	40,6	1570	42,0
TOTAL	802	100,0	120	100,0	922	100,0	2818	100,0	3740	100,0

FONTE de dados elaborados: Julia Maria L. Scarano, op. cit.

Tabela 10

Branco Estrangeiro
Profissão do Indivíduo
1875-1930

Profissões	Profis. definidas		Indi-gentes		Sub-total		Sem In-formações		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Branco Estrangeiro	400	25,5	28	1,8	428	27,3	1142	72,7	1570	100,0

FONTE de dados elaborados: Julia Maria L. Scarano, op.cit.

Por essas razões, é curioso constatar que, nos estudos a respeito da mão-de-obra, em termos de recursos humanos, não tenha sido enfatizadas as condições de saúde, na razão direta da produtividade.

Uma maior ênfase à situação profissional do branco-estrangeiro é dado pela Tabela 10, destacando para este grupo isoladamente, as duas categorias profissionais: "Profissões definidas" e "Indigentes".

A análise dos percentis constatados na Tabela 9 complementa-se na Tabela 11. Os 402 negros, na Tabela 9, estão incluídos na categoria de Profissões Definidas, e os 92 Indigentes, são mostrados na Tabela 11, subdivididos por condição social. Desta forma, entre os indivíduos de Profissões Definidas há 52,3% de Escravos, para 47,3% de livres. Quanto a escravos menores, que ocupavam Profissões Definidas", há apenas um pequeno índice de 0,4%. O grupo de Indigentes apresenta uma interessante percentagem de 1,1% para o escravo, e 98,9% para o livre.

Desta forma, apesar de contarmos com a "falta de informações", em número significativo, os percentuais analisados das profissões definidas, e dos indigentes, mostram para o escravo, uma diferença marcante em relação ao trabalhador livre. Este resultado se torna mais significativo ao levarmos em conta que, embora o período de escravidão analisado seja bem menor que o período pós-abolição, a diferença do número total absoluto do negro escravo, ainda assim, é maior que o livre.

A Tabela 12 nos mostra uma subdivisão por sexo, onde de 1.204 indivíduos do sexo masculino, 53% são escravos 44%, livres, e 2,8% menores. Para 960 indivíduos do sexo feminino, o percentual de escravas é de 49,9%, e de livres 45,5%, enquanto que para menores há 4,7% do total feminino. Comparando agora os indivíduos mortos, na condição de escravos e livres, para o sexo masculino e feminino, há um aumento para a categoria menor, de 11 indivíduos.

Classificar os indivíduos, segundo a condição social, dentro da estrutura etária, torna-se uma tarefa difícil. Elementos de ordem jurídica, religiosa, militar e profissional mudam no decorrer dos tempos, di

Tabela 11

Pretos
Condição Social e Profissão do Indivíduo
1875-1930

Profissão do Indivíduo / Condição Social	Profissões Definidas		Indigentes		Sub-total		Sem Informação		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Escravos	210	52,3	1	1,1	211	42,7	911	54,5	1122	51,7
Livres	190	47,3	91	98,9	281	56,9	686	40,9	967	44,6
Menores	2	0,4	-	-	2	0,4	77	4,5	79	3,6
Sub-total	402	100,0	92	100,0	494	100,0	1674	99,9	2168	99,9
TOTAL	402	100,0	92	100,0	494	100,0	1676	100,0	2170	100,0

FONTE: Jeanne Berrance de Castro: Morte e Vida de Negro Paulista (são João Baptista do Rio Claro). Tese de Livre Docência (inédita).

Tabela 12

Rio Claro

Condição Social do Indivíduo Negro e Sexo

1875-1930

Sexo / Condição Social	Masculino		Feminino		Sub-Tptal		N.há inf.		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Escravos	638	53,0	479	49,9	1117	51,6	5	83,3	1122	51,8
Livres	530	44,0	436	45,5	966	44,7	1	16,7	967	44,7
Menores	34	2,8	45	4,7	79	3,6	-	-	79	3,6
Não há inf.	2	0,2	-	-	2	0,0	-	-	2	0,0
Total	1204	100,0	960	100,1	2164	99,9	6	100,0	2170	100,1

FONTE: J.B. Castro, op.cit.

ficultando aquela divisão etária. Se a maioridade para o casamento era uma, não o era contudo para fins de herança, serviço militar e alistamento eleitoral.

A critério comparativo apenas, acrescentamos a Tabela 14, onde podemos visualisar as diversas categorias das condições sociais, de acordo com o restante das faixas etárias.

Estudando a parte jovem da população trabalhadora, torna-se expressiva a análise do contingente populacional negro, quanto à condição social, nas primeiras faixas etárias. (Tabela 13). Deste modo, completamos uma visão quantitativa da colocação do negro nas diversas categorias que denominamos de Condição Social. Assim, abrangendo a faixa etária de 0 ⊢— 20, a Tabela 13,nos mostra, para a faixa etária de 0 ⊢— 10, uma porcentagem bastante significativa de mortes de indivíduos Ingênuos Filhos de Escravos[51] com 54,9% de Inocentes Filhos de Escravos, e 7,4% para o preto menor, baixando bastante para as outras categorias, conforme mostra a referida tabela. Para a faixa etária sequente de 10 ⊢— 20, os valores se alteram. Abrangendo indivíduos jovens, mas já na faixa adulta, encontramos a maior percentagem na categoria de Preto Escravo Criolo, com 38,7%.A seguir, dentre as percentagens mais significativas, encontramos a categoria de Preto Liberto Criolo com 20% e preto menor 13,7%

Para a maioria dos anos em estudos, os atestados de óbito mostram uma alta "força da mortalidade", refletindo as condições sócio-econômicas ambientais precárias. Assim, "como bem diz Swaroop, idealmente nenhuma criança deveria morrer, exceto é claro, as nascidas com sérias deficiências, tais como vícios de conformação congênitos ou desordens que se originam na vida uterina".[52]

Analisando as más condições de vida da massa trabalhadora, através da alta mortalidade de suas crianças, devemos salientar que um elevado coeficiente de mortalidade entre infantes sugere, novas conotações. Do ponto de vista da Saúde Pública, o programa de imunização era inadequado, os programas de saúde precários, o serviço neo-natal e pós-natal insa

Tabela 13

Rio Claro

Condição Social da População Jovem

1875-1930

Condição Social \ Faixa Etária	0 ⊢ 10		10 ⊢ 20		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Ingenuo, filho escravo	504	54,9	8	10,0	512	51,3
Inocente, filho liberto	339	36,9	3	3,8	342	34,2
Preto escravo	2	0,2	7	8,8	9	0,9
Preto escravo africano	-	-	-	-	-	-
Preto escravo crioulo	2	0,2	31	38,7	33	3,3
Preto liberto	-	-	4	5.0	4	0.4
Preto liberto africano	-	-	-	-	-	-
Preto liberto crioulo	1	0,1	16	20,0	17	1,7
Preto menor	68	7,4	11	13,7	79	7,9
Sub-total	916	99,7	80	100,0	996	99,7
Não há informação	3	0,3	-	-	3	0,3
Total	919	100,0	80	100,0	999	100,0

FONTE de dados brutos: Ibid.

Tabela 14

Rio Claro

Condição Social e Faixa Etária

1875-1930

Condição Social \ Faixa Etária	0 ⊢ 20		20 ⊢ 60		60 ⊢ +		Não há Inf.		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Ingênuo f. escravo	512	51,3	-	-	-	-	58	30,7	570	26,
Inocente f. liberto	342	34,2	-	-	-	-	9	4,7	351	16,
Preto escravo	9	0,9	108	17,8	31	8,3	93	49,2	241	11,
Preto escr. afric.	-	-	21	3,4	48	12,9	2	1,1	71	3,
Preto escr. crioulo	33	3,3	181	29,7	22	5,9	4	2,1	240	11,
Preto liberto	4	0,4	106	17,4	47	12,6	18	9,6	175	8,
Preto liberto afric.	-	-	2	0,3	132	35,4	1	0,5	135	6,
Preto liber. criolo	17	1,7	191	31,4	93	24,9	4	2,1	305	14,
Preto menor	79	7,9	-	-	-	-	-	-	79	3,
Não há informação	3	0,3	-	-	-	-	-	-	3	0,
Total	999	100,0	609	100,0	373	100,0	189	100,0	2170	100,

FONTE: Jeanne Berrance de Castro, Morte e Vida do Negro Paulista (São João Baptista do Rio Claro). Fase de Livre Docência (inédita).

tisfatório, a nutrição da mãe e da criança inadequadas. Do ponto de vista Sanitário, a higiêne ambiente era péssima, os reservatórios de água não protegidos, a presença de moscas e mosquitos constante , enfim, as condições do lar eram inadequadas à saúde.

Atualmente há uma preocupação marcante do correlacionamento político com questões populacionais, principalmente no que diz respeito ao crescimento da população.(53)

A revista O Correio,(54) em seu número dedicado ao Ano Mundial da População, refletia uma preocupação com os problemas da explosão demográfica, e denotou favorabilidade ao controle da natalidade. Por outro lado mostrou as posições de diversas Nações, inclusive a do Brasil que se coloca definidamente como contrária ao controle da natalidade.

Desta forma, este Congresso (referente ao Ano Mundial da População), amplamente divulgado pela imprensa, ressaltou o antagonismo ideológico de duas linhas de política populacional, uma contrária e outra favorável ao controle da natalidade.

Informa o jornal "O Estado de São Paulo":

> *A proposta norte-americana para diminuir a taxa mundial de natalidade a fim de evitar se a fome, está enfrentando séria oposição na conferência...*
> *Várias delegações do terceiro mundo e do bloco comunista contestaram essa tese, afirmando que o desenvolvimento sócio-econômico é o grande problema e não a expansão demográfica.*
> *Essas delegações sustentaram que as nações industrializadas devem dividir suas riquezas com as mais necessitadas por meio de uma nova ação econômica.*(55)

Deste modo, é marcante a preocupação mundial com o problema do aumento populacional, que em última análise, nada mais é, do que a problemática econômica que envolve os países de economia dependente.

O estudo de uma realidade brasileira do passado, nos permite compreender toda a importância que um dos eventos da dinâmica populacional - a mortalidade - significa em termos de desenvolvimento de uma sociedade global.

Notas Bibliográficas do 1º capítulo

1 Decreto n. 1144, de 11 de setembro de 1861

2 Decreto n. 3069, de 17 de abril de 1863

3 Maria Luiza Marcílio, Crescimento populacional da população Brasileira até 1872, (mímeo) p. 2

4 Rio Claro - AAH-FFCL, Ofício da Câmara Municipal de Rio Claro ao Presidente da Província, Rio Claro, 17.04.1863. (M.S.)

5 Rio Claro - AAH-FFCL, Informe da Câmara Municipal de Rio Claro, encaminhando ao Juiz de Paz, Rio Claro, 12.08.1866. (M.S.)

6 Relatório apresentado pelo Exmo. Sr. Dr. Sebastião José Pereira, Presidente da Província à Assembléia Legislativa Provincial no dia 27 de julho por ocasião da abertura de sua Reunião Extraordinária, São Paulo, Typografia do "Diário", 1875. p. 50

7 IBID, p. 51

8 Sérgio Buarque de Holanda, Visão do Paraízo, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editôra, 1959

9 Podemos citar os seguintes trabalhos: Diana Maria de Faro Leal Diniz, Rio Claro e o Café, Tese de doutoramento Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro. 1973 (mímeo) Maria Silvia C. B. Bassanezi, Fazenda de Santa Gertrudes: Uma Abordagem das relações de trabalho em uma Propriedade Rural Paulista. 1895-1930. Tese de Doutoramento, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro. 1975 (mímeo) Júlia Maria Leonor Scarano, O Imigrante: Trabalho, Saúde e Morte. Tese de Livre-Docência, Universidade Federal de Santa Catarina. 1974, (mímeo)

10 Alice P. Canabrava, A Grande Lavoura, História Geral da Civilização Brasileira, TI, vol 14, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1971. p. 89.

11 Embora tenha havido continuidade no sistema de latifúndio, a propriedade cafeeira, era geralmente quatro vezes menor que a canavieira. Alfredo Ellis Junior e Myriam Ellis, A Economia Paulista no Século XVIII, USP., Boletim nº 115, São Paulo, 1950. p. 194, Para Rio Claro, um estudo da caracterização das propriedades agrícolas, demonstra, que as propriedades aumentaram de 1859 a 1892 de 56 a 152 unidades o que indica uma possível

fragmentação no final do século.Diana Maria Faro Leal Diniz.op.cit.p.47.

12 Leôncio Basbaum, op. cit. p. 139

13 Sérgio Milliet, Roteiro do Café e outros ensaios, São Paulo, Coleção Departamento de Cultura, 1941, p. 24

14 IBID, p. 8

15 Diana Maria Faro Leal Diniz, op. cit. p. 59

16 A. d'Escragnolle Taunay, História do Café no Brasil, Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Café, 1939, vol. IX, T.I., p. 209

17 Maria Silvia B. Bassanezi, op. cit. p. 197

18 Diana Maria F. L. Diniz, op. cit. p. 65

19 Maria Silvia C. B. Bassanezi, op. cit. p. 32

20 Caio Prado Junior, Evolução Política do Brasil, São Paulo Editôra Brasiliense, 1969, p. 217

21 IBID, p. 216

22 Maria Silvia B. Bassanezi, op. cit. p. 33

23 Caio Prado Junior, op. cit. p. 216

24 Emília Viotti da Costa, Escravidão nas Áreas Cafeeiras. Tese de Livre-Docência Universidade de São Paulo. 1964, vol. I, p. 6 (mímeo)

25 IBID, p. 12

26 Maria José Villaça, A Força de Trabalho no Brasil, São Paulo, Editôra da Universidade de São Paulo, 1967. p. 23

27 Emília Viotti da Costa, op. cit. p. 16

28 IBID, p. 404

29 Stanley Stein, Grandeza e decadência do café no Vale do Paraíba, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1961.

30 Thomas Davatz, Memórias de um colono no Brasil, São Paulo, Ed. Martins, 1941

31 Júlia Maria Leonor Scarano, "Comentários sobre imigrantes que demanda-

ram uma zono cafeeira", Anais do I seminário de Estudos Brasileiros, 1971. p. 3

32 Consultamos os Relatórios dos Presidentes da Província de São Paulo, dos anos de 1875 até 1930

33 Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo pelo pp. Laurindo Abelardo de Brito no dia 5 de fevereiro de 1880, Santos. Typ. à Vapor do Diário de Santos. 1880 p. 140

34 Exposição com que o Exmo. Se. Dr. Pedro Vicente de Azevedo passou a Administração da província de São Paulo ao Exmo. Sr. Dr. Barão de Guajará, no dia 11 de abril de 1889. São Paulo typ. à Vapor de Jorge Seckler & Comp. 1889. p. 31

35 São Paulo - DAESP - T.I.R., Juiz de Direito, 1847-191, cx 60, nº 4805 (M.S.)

36 Maria Sylvia de C. Franco, Homens Livres na ordem escravocrata, São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros, 1969, p. 188

37 Ruy Laurenti, op. cit. p. 1

38 Mensagens apresentadas ao Congresso legislativo de São Paulo, pelos Presidentes do Estado e Vice-presidentes em exercício, desde a proclamação da República até ao Anno de 1916. São Paulo. Typ. do "Diário Oficial", 1916. p. 37

39 Classificação Estatística Internacional de Doenças, Lesões e Causas de Óbito (O.M.S.), Washington, O.M.S., 1969, Previsão de 1965, vol. I e II.

40 Ruy Laurenti, Alguns aspectos da mortalidade de crianças menores de 5 anos em três áreas brasileiras, Rio de Janeiro, XXV Reunião Anual da S. B.P.C. 1973

41 Paul I. Singer, Dinâmica Populacional e Desenvolvimento, Tese de Livre Docência, apresentada à Faculdade de Saúde Pública na Universidade de São Paulo. S.P. (mímeo) p. 34

42 A. da Silva Mello, A Alimentação no Brasil - Problemas e Sugestões, Rio de Janeiro, Emprêsa Gráfica "O Cruzeiro", 1946. p. 26

43 Mário Pinotti, Vida e Morte do Brasileiro, Rio de Janeiro. Editôra Civilização Brasileira, 1959. p. 33

44 A. da Silva Mello, op. cit. p. 27

45 Comissão de Saneamento do Estado de São Paulo. Atlas que acompanha o Relatório Anual apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Jorge Tibiriça M.D. Secretário D'Agricultura pelo Engro. Chefe João Pereira Ferraz. s.d., s. e. 1893. p. 76

46 Mensagens apresentadas ao Congresso Legislativo de São Paulo pelos presidentes do Estado e Vice Presidentes em exercício, desde a proclamação da República até o ano de 1916. São Paulo, Typ. do "Diário Oficial" 1916. p. 129

47 IBID, p. 145

48 IBID, p. 165

49 Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo, em 14 de julho de 1918 pelo Dr. Altino Arantes, Presidente do Estado de São Paulo, s.e., s.d. p. 37

50 IBID, p. 29

51 Jeanne Berrance de Castro, Considerações da população preta escrava e livre, num período de mudança: 1875 - 1930, Anais do I Seminário de Estudos Brasileiros, 1971. A autora esclarece quanto ao critério de classificação utilizado. "A Constituição de 25.03.1824, título II Dos Cidadãos Brasileiros art. 6º, § 1º, os que tiverem nascido, quer sejam ingênuos ou libertos, ou... Esta é a lei, e se incluímos os ingênuos na categoria de escravos, foi porque o documento explicitava a sua condição de filho de escravo, e a lei do ventre livre (29.9.71) permitia ao senhor que compensasse as despesas com o filho da escrava, com o trabalho desde até certa idade".

52 Elza Berquó, M. Lucila Milanesi, Ruy Laurenti, Estatística Vital, São Paulo, 1972, 9ª edição (mímeo) p. 30

53 A constatação maior deste fato, foi a determinação da UNESCO, consagrando o ano de 1974, como Ano Mundial da População. Em Bucarest realizou-se a "Conferência Mundial sobre População das Nações Unidas", com a participação de 141 países. O chefe da delegação brasileira, em âmbito político, esteve presente à conferência, o Sr. Miguel A. Osório de Almeida, que colocou a posição do Brasil como firmemente contrária ao controle da natalidade, ao lado dos países do Terceiro Mundo.

54 O Correio, Julho, 1974. nº 7

55 O Estado de São Paulo, 24.07.1974. p. 32

II A MORTALIDADE EM FUNÇÃO DA MOBILIDADE ESPACIAL

Partindo do ponto de vista sociológico, para o qual migrante " é todo indivíduo que abandona um sistema social onde a rede de interação grupal lhe é familiar e vai para outro onde ela é imediatamente estranha"(1), podemos classificar como tal, tanto o trabalhador branco estrangeiro como o negro.

O negro na história do Brasil, tanto na sua condição de escravo, como na de livre destacou-se pelo seu papel de agente direto nos modos de produção.

Desde os anos de 1830, quando o café começa a ocupar os solos férteis das regiões do Vale do Paraíba, Espírito Santo e Minas Gerais, com grandes investimentos em terras, é que os pretos escravos(2), vão se tornando cada vez mais necessários para este tipo de grande lavoura. A necessidade de mão de obra estava em razão diretamente proporcional às plantações de café. Num período em que vigorava o regime escravista, a entrada de "imigrantes" negros no país aumentava ou diminuía de certa forma, conforme as necessidades econômicas. Depois de 1835, porém, várias iniciativas foram tomadas para impedir o tráfico de escravos, que passava então a constar como contrabando. Nenhuma delas parece ter dado algum resultado. Por volta de 1850, o projeto referente à cessação do tráfico introduz uma emenda, tornando a importação de escravos, ato de pirataria, passível de punição. Ainda assim a entrada de negros no Brasil continuou por um largo período de tempo, repercutindo na situação de Rio Claro, que também os recebia.

No período estudado (1875 a 1930), o negro formava o grosso da mão-de-obra da cafeicultura na região. Neste quadro, ele constituia um elemento de interferência na estrutura demográfica nacional, através do evento migratório, com maior ênfase nas zonas de cultivo do café, caracterizando a nossa história populacional.

Conforme Emília Viotti da Costa, de 1887 a 1921, o incremento populacional de São Paulo somado ao do Rio de Janeiro e Minas Gerais continha 50% da população escrava do país.(3)

Em 1880, o Presidente da Província de São Paulo afirmava que, de 1878 a 1879, entre os estrangeiros que entraram no porto de Santos, havia 2 negros e, entre os que saíram para o estrangeiro, encontravam-se 5, mostrando um excedente de 3 elementos que saíram sobre os que entraram.(4) Embora através de números baixos, pode-se perceber em um mesmo momento histórico a dinâmica imigratória negra, que por uma razão, ou outra, apresentava um movimento de entrada e saída que, de alguma forma, modificava a estrutura populacional.

Em 1882, a província de São Paulo contava com uma população escrava significativa de 144.443 indivíduos, entre os quais 4.852 eram escravos matriculados no município de Rio Claro. A 3ª quota de emancipação dada pelo governo Imperial destinou a São Paulo, neste mesmo ano, a quantia de 277.858$588, sendo que para Rio Claro coube 7.719$532, uma das mais elevadas entre 27 municípios em questão.(5)

Tais fatos nos permitem perceber que, mesmo depois de 1850, quando cessara o tráfico, ele continuou, e continuaria ainda por muito tempo, a interferir no aspecto demográfico local, e as razões estavam no contrabando.

É necessário reafirmar que, através do estudo da mortalidade, verificamos também que a dinâmica populacional de Rio Claro recebeu a interferência da imigração negra, no período de 1875 a 1930, para o que certamente contribuiu além da entrada ilegal direta, o contrabando interno.

Participando ativamente no fenômeno da mobilidade espacial, o "grupo" negro, estudado através dos atestados de óbito da região de Rio Claro, vai demonstrar (Tabela 15) que em um total de 2.170 negros, 212 provinham da África, sendo que para 200 indivíduos não há uma indicação precisa da região de procedência. Os 12 outros, vieram de Angola, Cabinda, Congo e Moçambique.

Vê-se ainda que o restante está identificado como procedente do Brasil, em geral, do Estado de São Paulo, ou sendo mesmo de Rio Claro. Isto, além dos enquadrados na categoria de outras procedências, e

TABELA 15

Pretos

PROCEDÊNCIA DOS INDIVÍDUOS

1875-1930

Procedência	Total de nºs absolutos	%
ÁFRICA	212	9,6
África +	200	9,2
Angola	1	0,0
Cabinda	3	0,1
Congo	5	0,2
Moçambique	3	0,1
BRASIL	1125	51,8
Províncias e Estados	161	7,4
ESTADO DE S.PAULO	964	44,4
Rio Claro	177	8,1
Capital, outras vilas e cidades	787	36,3
OUTRAS	10	0,4
SUB-TOTAL	1347	61,8
S/INFORMAÇÃO	823	38,2
TOTAL GERAL	2170	100,0

FONTE: CASTRO, J.B. e SCARANO, J.M.L., op.cit.

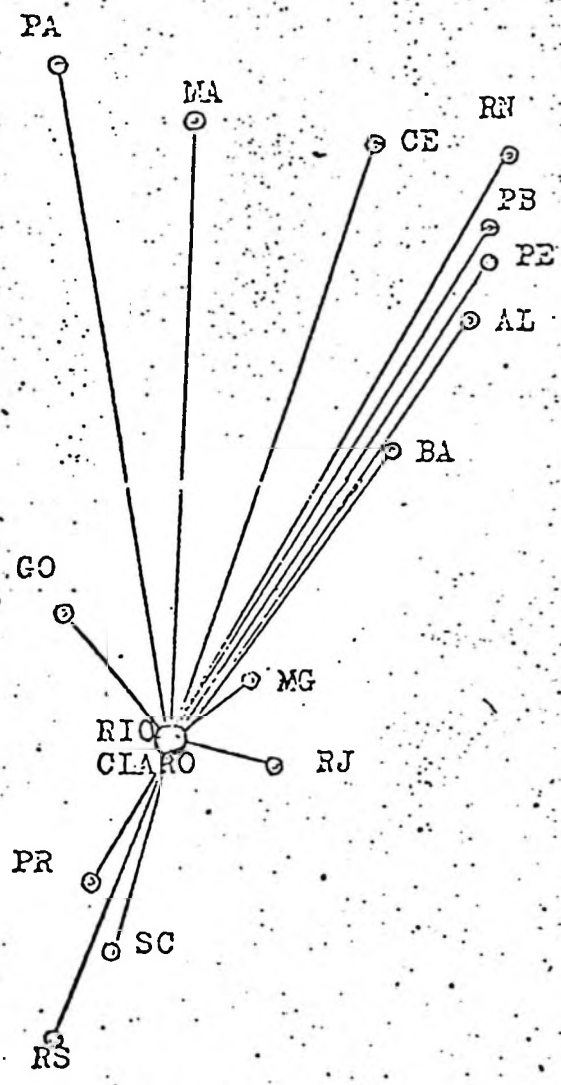
aqueles que não possuem informação sobre sua origem.

É interessante notar-se que, para o período estudado, o número de negros imigrantes afetou também a quantificação do dado mortalidade para Rio Claro. Isto é bastante significativo, uma vez que abrange duas datas importantes: tanto a da abolição do tráfico como a da escravatura. Desta forma, parece-nos claro que, embora o período estudado abranja uma época posterior a essas datas, a imigração africana repercutiu na interferência da mortalidade local, no período dos 55 anos em estudo.

Embora não se tenha informações sobre os problemas da adaptação do negro no novo ambiente, como se tem para o imigrante europeu, é evidente que ele seria seriamente atingido pelo sistema escravista com todas as suas implicações negativas. A relação entre dominantes e dominados marcava o homem negro, através do tratamento desumano que sofreu e, desta forma, o trabalho, (causa única que colocava o escravo diante do senhor), passava a conter uma marca de dissabor e opressão. Havia toda uma situação de agressão ao negro como houve onde os velhos, os doentes e as crianças eram por vezes abandonados à própria sorte. Esses fatôres de abandono e maltrato, sensibilizavam de modo geral o escravo, afetando sua saúde, independentemente de faixa etária. A participação ativa do negro, na mobilidade espacial, é demonstrata em Rio Claro, com maior ênfase, na migração interna. Este fato é observado, através do número bastante significativo de 1.125 negros, que provinham das mais diversas regiões do Brasil, conforme podemos verificar pela Tabela 16 e pela Figura 2. Sua participação no movimento migratório inter-regional também é verificada pela mesma Tabela onde (964 negros provinham do Estado de São Paulo — V. Figura 3).

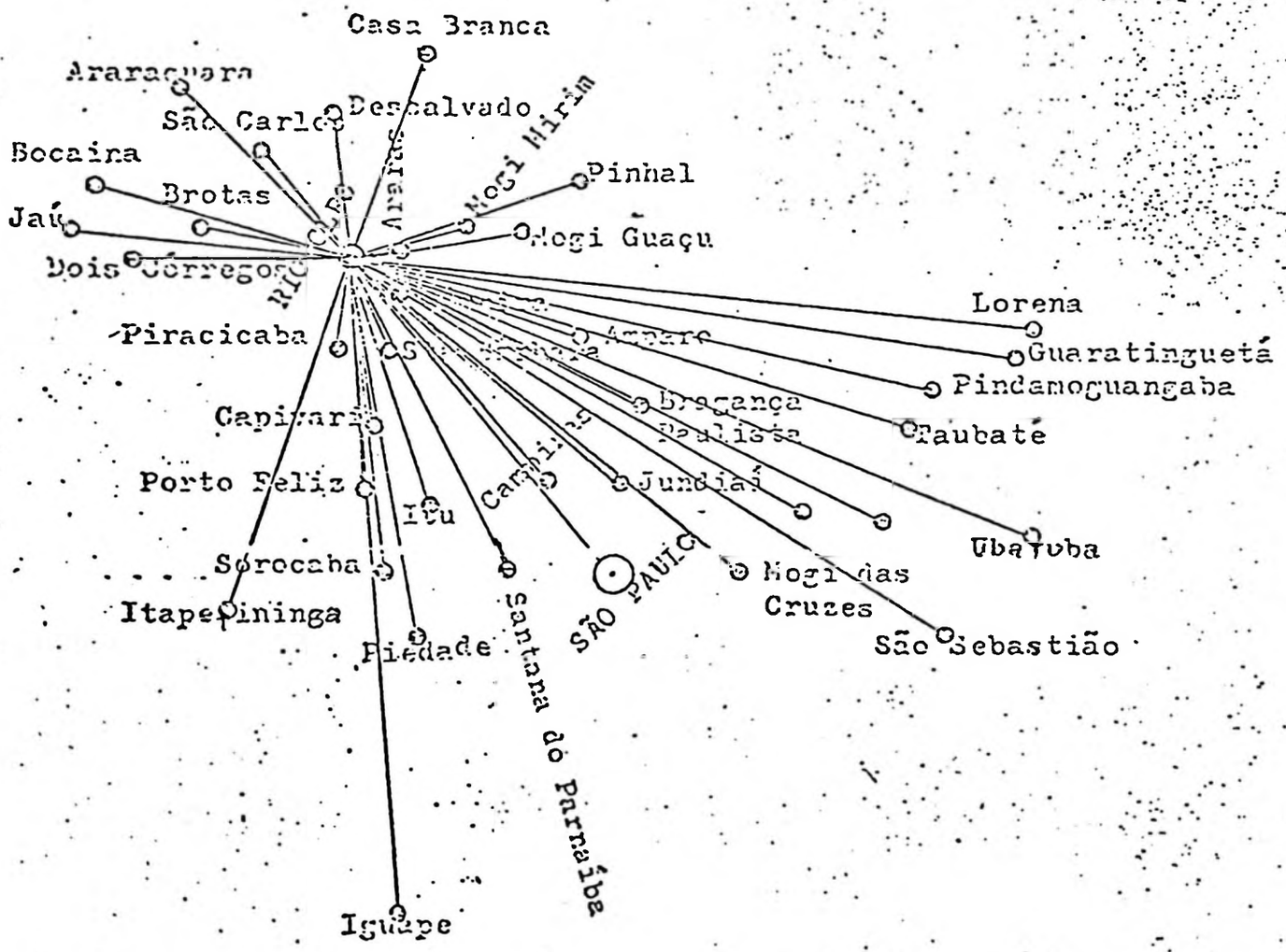
Com a abolição da escravatura, a mobilidade espacial interna intensificou-se. O negro vai poder dispor de sua liberdade de locomoção como meio de afirmação, sem pretender salários justos ou estabilidade, dada sobretudo à sua condição de ex-escravo. Passava assim a formar uma população flutuante, instalando-se não somente nas zonas rurais como nos centros urbanos, formando verdadeiros contingentes populacionais, que se

Figura 2 - Mortalidade em Rio Claro: movimento migratório inter-regional (1875-1930).



Fonte: Jeanne B. de Castro, Morte e Vida do Negro Paulista: São João Baptista de Rio Claro (Tese de Livre Docencia, UFSC, Inédita).

Figura 3 - Mortalidade em Rio Claro: movimento migratório intra-regional(1875-1930).



Fonte: Jeanne B.de Castro, Morte e Vida do Negro Paulista:São João Baptista do Rio Claro(Tese de Livre Docencia, UFSC, Inedita).

somavam à população das regiões de maior prosperidade na lavoura do café. Esta mesma situação se verificava para Rio Claro, e é demonstrada através dos atestados de óbito do período em estudo. A Tabela 16 mostra que, entre a mortalidade de negros que vieram de locais diversos, 80,9% fazem parte da migração interna, sendo representados por aqueles que vieram de outras Províncias ou Estados e da Capital, outras vilas e cidades.

Por outro lado, entre a migração interna que perfaz um total de 958 indivíduos, a migração intraregional (Figura 2) é representada por um percentual de 16,8. O movimento migratório inter-regional (Figura 1) conta com um percentual bastante significativo de 82,1. Essa maior incidência da migração inter-regional pode ser explicada, tanto pela maior facilidade de meios de transporte, como por ser Rio Claro, um polo de atração, pelo serviço médico"bom,"uma vez comparado ao das regiões próximas.

Por outro lado, a decadência do sistema escravista agrava-se com o problema da necessidade crescente do aumento da força de trabalho para a lavoura cafeeira. A desagregação da mão-de-obra escrava parecia só deixar, como solução, uma importação em massa de mão-de-obra estrangeira branca. Esta situação, num primeiro momento, trouxe grandes preocupações aos fazendeiros. A predominante mentalidade empresarial, burguesa e absorvente, resistia à idéia do abandono da comodidade exploradora da relação senhor-escravo. Temia também a nova tentativa, diante de outras que já haviam falhado, desde a iniciativa da colonização. O agravamento porém da precariedade da mão-de-obra, num segundo momento, ao lado dos altos preços atingidos pelo café, no mercado externo, do aperfeiçoamento dos meios de comunicação e transporte, do aumento populacional, e em suma, de algumas "melhorias econômicas", vêm criar condições e animar os proprietários de terra à incentivar o sistema da imigração européia.

Em 1882,(6) o Presidente da Província, autorizou a compra de um edifício para Hospedaria dos Imigrantes. Esta compra decorreu, de uma medida oficial deste Presidente, assessorado por uma comissão de cafeicultores, cuja interferência na política governamental já se firmava e

que, na República, vai colocar São Paulo, liderado pelos cafeicultores, a testa do governo, conforme comprovam os estudos de Boris Fausto, Carlos Pelaez, Nicia Vilela Luz, Edgard Carone, W. Dean, e outros.

A ênfase maior na política governamental imigratória baseava-se, sobretudo, num sistema de propaganda, a fim de atrair estrangeiros, na maioria europeus, aumentando a massa trabalhadora da lavoura do café. É de 1882 um documento elucidativo a este respeito, proveniente de um relatório do governo que informa:

> ... *Estas instrucções foram publicadas e vertidas para o francez, italiano, alemão, vão sair em pequenos folhetos, acompanhados da carta das estradas de ferro da Província. Esta impressão é destinada à propaganda. Devem ser enviadas pelos agentes consulares e dos fazendeiros, para os logares de onde nos podem vir immigrantes* ...(7)

O Presidente da Província de São Paulo, em 1882, comenta sobre o Serviço Provincial da Imigração, que recebia, hospedava e encaminhava os imigrantes. "Acha-se a Hospedaria preparada em boas condições para receber até 500 imigrantes no mesmo tempo..."(8) Por intermédio deste mesmo relatório do Presidente da Província, sabe-se que entraram na Hospedaria de São Paulo, 4.389 estrangeiros, dos quais apenas 693 permaneceram na Capital e os 3.696 restantes seguiram para o interior.

Mas mesmo a esses estrangeiros que despertavam bastante interesse como mão-de-obra, pouco podia ser oferecido em termos de condições favoráveis ao trabalho, dadas as deficientes condições de saúde pública constatada para todo o país, e mais especificamente para as regiões cafeeiras.

"A política de imigração subsidiada repousa, em parte, na idéia de fixar o colono à terra e, se, por outro lado, o fazendeiro desejava um substituto para o escravo, as nações de imigração visavam a saí

da de elementos indesejáveis ou incapazes para o trabalho, tais como alei jados, doentes e velhos".(9)

As más condições sanitárias gerais, em toda a região pau lista, afetavam intensamente inclusive a região de Rio Claro, grande centro cafeeiro, onde os efeitos do sistema capitalista de produção, que então se iniciava, contribuiam para afetar a saúde do trabalhador. As medidas toma das pelo governo eram tímidas em relação à gravidade do problema.

Em termos de saneamento, a região nada oferecia, nem aos imigrantes, nem aos nacionais que, na maioria das vezes, já chegavam debilitados e doentes, tendo de enfrentar ainda as dificuldades da adapta- ção ao meio. O relato de contemporâneos como von Tehudi(10) e Thomas Da vatz(11) é elucidador desta situação.

Em 1889, o estado de saúde pública em São Paulo era cala mitoso. O Presidente da Província em seu Relatório enfatiza as febres, que, além de dizimar a população, acarretava sérios prejuízos econômicos.(12)

Apesar de ter características de uma região subdesenvol vida, o Município de Rio Claro atraía a presença de um número relativamen te grande de médicos. Durante o período em estudo, o Município contou com a prestação de serviços de 101 médicos, conforme demonstra a Tabela 17. A procedência desses médicos, informada pelo local de formação profissional, é variada, apesar de contar-se com pouca informação neste sentido, nos docu mentos em geral.

Mesmo com a presença de um número razoável de médicos no Município, os atestados de óbito demonstram uma assistência médica precá ria, talvez pela resistência da população, tanto às medidas preventivas, como às terapêuticas.

As atitudes governamentais, voltadas para os interesses econômicos, deixavam de lado o aspecto humano da massa trabalhadora. Isto fica claro, quando se pode notar nos Relatórios Oficiais da Província

Tabela 16

Rio Claro

Procedência dos Indivíduos Negros
1875-1930

		PROCEDÊNCIA	Nº	%
		África	212	80,9
Brasil		Províncias e Estados	161	13,7
Brasil	Província ou Estado de São Paulo	Capital, outras vilas e cidades	787	67,2
Outras			10	0,85
TOTAL			1.170	100,00

FONTE: J.B. Castro, op.cit.

Tabela 17

Rio Claro

Local de Formação Profissional dos Médicos
1875-1930

	FACULDADES DE MEDICINA	Nº
Brasil	Rio de Janeiro (Corte)	18
Brasil	Salvador	5
Europa	Lisboa	2
Europa	Genebra	1
Europa	Nápoles	2
Europa	Paris	2
Não há informação		71
Total		101

FONTE: J.B. Castro, op.cit.

e Estado de São Paulo, que no ano de 1889, a diferença entre a Receita (3.266:503$174 réis) e a Despesa (3.352:177$178 réis) era de 84:674$004 réis, causando um desequilíbrio no orçamento provincial. Todavia, as despesas com a intensa propaganda para a atração de imigrantes levaram os cofres públicos a gastar cerca de 1.943:776$665 para a introdução de 40.000 imigrantes que faltava para completar os 100 mil autorizados.(13) E, por outro lado, as verbas dispendidas com a saúde eram insuficientes, demonstrando uma contradição entre a atitude de trazer trabalhadores e a pouca preocupação com as precárias condições materiais que eles teriam, aqui chegando.

Nos dois últimos anos do Império, no início da República, os objetivos da campanha migratória foram atingidos, tornando-se bastante significativa a entrada de imigrantes em São Paulo. Nesse momento, com uma contingência migratória cada vez maior, é que começa uma mudança das atividades econômicas que até então caracterizavam a Província e, de modo geral, o país. Assim é o caso da construção de rodovia em 1898(14), facilitando o transporte dos produtos agrícolas, ou ainda por volta de 1902, a renovação do maquinário agrícola.

A somatória deste contingente migratório à população paulista, interferiu em sua composição, trazendo a necessidade de uma melhor assistência aos trabalhadores.

As contradições entre a situação vigente, com levas de trabalhadores estrangeiros que chegavam e as dificuldades de adaptação a nova realidade, tem sido descrita por inúmeros autores em entrevistas realizadas, não apenas com antigos imigrantes como com seus descendentes.

Para a região de Rio Claro, temos o trabalho específico de Maria Silvia Beozzo Bassanezi(15) que através do estudo de uma propriedade rural da região, num importante depoimento, analisa a força de trabalho do imigrante europeu, num ambiente desfavorável à sua saúde.

Esses problemas decorrentes da saúde pública também preocupavam as autoridades, porém os gastos dispensados neste setor, eram inversamente proporcionais às necessidades existentes e, entre esses problemas, des

tacam-se as epidemias.

Em 1889, na região de Rio Claro, Belém do Descalvado e Limeira, em virtude de uma epidemia caracterizada como "febres de mau caracter", determinou-se a ida de um "Dr. Inspector de Hiygiene" que em um longo relatório recomenda aos Delegados de Higiene das cidades e às Câmaras Municipais para que tomassem medidas imediatas a fim de evitar a propagação do mal. Autorizou o governo da Província a essas Câmaras Municipais que dispusessem da soma de 1:000$000 cada uma, para combater o mal, "mas felizmente a epidemia não se propagou naquelas localidades".(16) Neste momento é constatada a existência da febre amarela, causa da grande mortalidade no período, mas nem sempre constatada com este nome, nos atestados de óbito.

Por outro lado, quanto à dinâmica populacional, pelas informações quantitativas da população de São Paulo através dos recenseamentos, podemos notar nos anos dos Censos de 1872, 1896, 1890, 1900, um lento, porém progressivo aumento, causado pela demanda cada vez maior de imigrantes estrangeiros, conforme podemos notar através da Tabela 18. Desta forma, comparando o aumento da população estrangeira na Província e ou Estado de São Paulo, através dos Censos Nacionais, verificamos que, em relação ao ano de 1872, a porcentagem era de 3,5 com relação ao total. Em 1886, a percentagem era de 4,7 com um aumento de 1,4%. Em 1890, com 5,4% nota-se um crescimento mais acentuado de 2,9. Mas, no ano de 1900, houve um aumento acelerado de 17,7% de estrangeiros, perfazendo uma percentagem de 23,1 sobre o total. Em apenas dez anos, esse aumento percentual tão significativo, em termos nacionais pode ser explicado pelas necessidades de abundante mão-de-obra características também da lavoura cafeeira. Assim confirma Sérgio Milliet: "A grande imigração, que se iniciou em fins do século XIX e se intensificou aceleradamente após a abolição, se decorre do próprio alastramento da cultura cafeeira e altera com rapidez a fisionomia demográfica das zonas onde penetra o café..."(17) Desta forma, o novo trabalhador estrangeiro, provocou

não apenas provocou um aumento populacional significativo, como também alterou a composição demográfica do país, atingindo mais intensamente algumas regiões como no caso de Rio Claro.

Contando com informações mais completas, de acordo com os dados dos censos, para o ano de 1890, podemos comprovar pela Tabela 19 que, neste ano, a população do Estado de São Paulo, apesar de ter sido aumentada numericamente, manteve-se relativamente com as mesmas características com relação ao sexo. Desta forma, apresenta-se a população nacional composta de 50,8% do sexo masculino e 49,2% do sexo feminino. Com a chegada dos estrangeiros, houve uma alteração de 51,2% para o sexo masculino. Consequentemente, de forma relativa, baixou para 48,8% a população feminina com relação ao total.

Nos estudos populacionais, a política migratória é considerada um fator preponderante sobre o equilíbrio dos sexos, havendo sempre um aumento da maculinidade em consequência de haver, frequentemente, entre imigrantes, uma acentuada prevalência de homens.

Com mentalidade de certa forma "empresarial", o imigrante para cá se dirigia impelido por um desejo sobretudo de afirmação econômica, maior que de afirmação social. Havia porém, outros que vinham preocupados somente com a sobrevivência, obrigados, a partir pela miséria. De maneira geral, porém, a maioria deles visava melhorar economicamente, ou readiquirir uma independência econômica que haviam perdido, dada a situação de crise dos países europeus, de onde procediam. Se, as características da cafeicultura paulista prometiam ao imigrante uma ascensão econômica, era, contudo, uma minoria que, vencendo, dela conseguia desfrutar.(18)

Como resultado da política imigratória, Rio Claro passou a ser um polo de atração, uma vez que a cafeicultura aí teve especialmente, até os fins do século XIX, o seu centro.

A análise da variável sexo é de grande importância em um estudo quantitativo sobre a imigração porque, o desequilíbrio numérico acentuado entre os dois sexos poderá repercutir na incidência dos outros even

Tabela 18

São Paulo

Contingente Populacional
1872-1900

População / Anos	Nacionais		Estrangeiros		Total	
	nº	%	nº	%	nº	%
1872	807.732	96,4	29.622	3,5	837.354	100,0
1886	1.163.133	95,2	58.261	4,7	1.221.394	100,0
1890	1.309.723	94,5	75.030	5,4	1.384.753	100,0
1900	1.753.092	76,8	529.187	23,1	2.282.279	100,0

FONTE: J.M.L. Scarano, O Imigrante: Trabalho, Saúde e Morte, Tese de Livre Docência, U.F.S.C., 1974.

Tabela 19

Estado de São Paulo

Contingente Populacional
1890

Nacionalidade / Sexo	Brasileira		Estrangeiro		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
Masculino	663.910	50,69	44.101	58,7	708.011	51,2
Feminino	645.813	49,31	30.929	41,3	676.742	48,8
Total	1.309.723	100,00	75.030	100,0	1.384.753	100,0

FONTE de dados brutos: Recenseamento de 1890. População.

tos vitais, quais sejam: a nupcialidade, a natalidade e consequentemente a mortalidade. Este não é o caso de São Paulo, nem o de Rio Claro, que demonstram apenas uma pequena diferença entre eles, na época desta análise.

Repete-se para Rio Claro, o fenômeno da predominância de imigrantes do sexo masculino. Para o ano de 1890, (Tabela 20) há um excesso de elementos do sexo masculino com um acréscimo de 58,9% sobre o total de estrangeiros entre a população brasileira de Rio Claro, enquanto que os elementos do sexo feminino estão contidos em apenas 41,1% desta população.

Comparando-se os resultados quantitativos populacionais para a região de Rio Claro (Tabela 20), com os que verificamos para todo o Estado (Tabela 18), podemos observar que as características são semelhantes, com uma diferença um pouco maior, para o sexo masculino, na região de Rio Claro. Sabe-se que "o ideal demográfico é dado pelo equilíbrio dos dois sexos..."(19)

As informações quanto à população de Rio Claro, com referência a esta mesma variável - sexo - nos permitem uma comparação através dos Censos dos anos de 1890, 1900 e 1920, num processo mais acurado de análise, para o estudo dessas populações.

De modo geral, as teorias sobre estudos populacionais afirmam a preponderância do elemento masculino nas grandes correntes migratórias. No caso de Rio Claro, os dados dos Censos, não confirmam aquela assertiva, demonstrando apenas uma sensível diferença existente.

Assim, na análise dos percentuais encontrados para o ano do Censo de 1900, (Tabela 21), verificamos que a diferença percentual de 4,2 entre o sexo masculino e feminino sofreu um decréscimo de 2,6 em relação ao ano do Censo de 1890 (Tabela 20), quando a diferença entre os dois sexos era de 6,8%. Esse decréscimo vai acentuar-se ainda mais, quando duas décadas mais tarde (Tabela 22), encontramos uma diferença de apenas 1,8%, entre homens e mulheres. Essa diminuição crescente da diferença quantitativa entre os sexos, notada na população em geral de Rio Claro, pode ser entendida, não apenas pela própria ação da imigração na estrutura demográfica, co

Tabela 20

Rio Claro

Contingente Populacional

1890

Nacionalidade / Sexo	Brasileira		Estrangeira		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
Masculino	13.053	53,4	89	58,9	13.142	53,4
Feminino	11.380	46,6	62	41,1	11.442	46,6
Total	24.433	100,0	151	100,0	24.584	100,0

FONTE de dados brutos: Recenseamento de 1890. População.

Tabela 21

Estado de São Paulo

População de Rio Claro

1900

Sexo	nº	%
Masculino	16.621	52,1
Feminino	15.270	47,9
Total	31.891	100,0

FONTE de dados brutos: Synopse de Recenseamento de 31 de dezembro de 1900.

mo pelo aumento do número de famílias, regularmente formadas, de negros, após a Abolição, conforme afirma Stein[20] (para a região fluminense) e outros autores. Outro fator: a taxa de fecundidade acarretaria um aumento populacional, como afirmam Elza Berquó e outros estudiosos. É bem conhecido que "os homens são favorecidos no nascimento, com um superavit de 5 a 6% sobre as mulheres; em contraposição, estas por seu turno, são favorecidas diante da mortalidade, pois esta atinge de preferência os homens, com um excesso de 4 a 5%".[21]

A comprovação desse mecanismo, vem apenas explicar um relativo equilíbrio, constatando, para a população em estudo, o que nos faz pensar em uma imigração quantitativamente relativa para ambos os sexos. Tal fenômeno, vem contradizer à teoria de que: "nos imigrantes há uma acentuada prevalência de homens".[22] Essa contradição, porém pode ser explicada, pelo teor da propaganda visando intencionalmente o trabalho do "colono" ou melhor do grupo familiar. Os contratos de trabalho sendo coletivos, tornavam o chefe da família o responsável pela assinatura dos mesmos. Embora mulheres e crianças de 5 a 6 anos, até os mais idosos, todos, eram englobados nessa classificação de colono,[23] segundo a mentalidade patriarcal apenas o chefe da família aparecia: um dos fatores que tornam difícil o estudo da contribuição do trabalho feminino na economia cafeeira, é ter ele sido absorvido em termos legais pela presença do homem.

Estabelecendo-se uma análise comparativa entre os dados dos Censos e a massa documental, com a qual trabalhamos: os atestados de óbito da região de Rio Claro, observa-se uma predominância bem maior para o sexo masculino estrangeiro, num percentual de 62,4, com uma diferença significativa de 24,8% à mais que o sexo feminino (Tabela 23).

O fato de mortalidade masculina exceder a feminina, é um fenômeno comprovado pelos estatísticos especializados.[24] O mesmo verificamos através dos atestados de óbito de estrangeiros de Rio Claro, num período de mais de meio século. Numa análise comparativa entre os atestados de óbito e os Censos, observamos certa diferença nos resultados. Nos Censos, a

Tabela 22

Rio Claro

População: Sexo e Nacionalidade

1920

Nacionalidade / Sexo	Brasileira		Estrangeira		Ignorada		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Masculino	21.012	49,9	4.673	55,7	3	100,0	25.688	50,9
Feminino	21.023	50,1	3.705	44,3	-	-	24.738	49,1
Total	42.035	100,0	8.378	100,0	-	-	50.416	100,0

FONTE de dados brutos: Recenseamento de 1920 - Vol. IV, 2º parte, tomo IIº, p. 769.

Tabela 23

Rio Claro

População Estrangeira

1875-1930

Sexo	nº	%
Masculino	984	62,4
Feminino	596	37,6
Total	1.570	100,0

FONTE de dados brutos: Atestados de óbito do Município de Rio Claro. Arquivo Histórico de Rio Claro (S.P.)

discrepância é pequena entre os sexos, enquanto nos atestados de óbito, ela é bem marcante.

A massa trabalhadora estangeira atendendo à propaganda realizada, veio em levas sucessivas, sobretudo, para as regiões cafeeiras.

Enquanto a resolução do problema da mão-de-obra estava tão fortemente ligada à importação de braços, a situação dos trabalhadores nacionais continuava precária. O pouco interesse pelo aproveitamento do trabalhador nacional é fato comprovado desde os tempos coloniais, dada a concorrência do braço negro.(25)

Se, de um lado, grandes grupos de estrangeiros, desembarcavam nos principais portos do país, de outro, a migração interna era dificultada pela maior valorização ao trabalho estrangeiro. Além disso, coloca M.Silvia B.Bassanezi que:"...o trabalho assalariado nas fazendas cafeeiras, na mente dos fazendeiros como na dos trabalhadores nacionais, estava ligado ao trabalho escravo.Existia ainda um forte preconceito contra a mão-de-obra nacional, como sendo indisciplinada, ociosa e violenta, e a idéia entre os povos de uma pretensa superioridade de uma cultura ocidental cristã e branca".(26)

Nícia Vilela Luz comenta que os proprietários não estavam interessados em trazer trabalhador livre nacional de outras regiões, e quando houve interesse, passaram a transportá-lo, porém em condições semelhantes ao do transporte de escravos,(27) numa demonstração de pouco valor atribuido ao trabalhador braçal nacional.

Para Rio Claro, apesar de constatar-se a existência de trabalhadores das mais diversas partes do país, sobretudo através do documento básico dessa pesquisa, os atestados de óbito, podemos verificar, que eram numericamente menos significativos, do que o trabalhador que chegava de fora.

Desta forma, enquanto, sérios impecilhos impediam a movimentação do trabalhador nacional, que permanecia disperso, a existência de fortes pressões na Itália permitia dispor-se de mão-de-obra barata,em quan

tidade razoável, dado o custo relativamente baixo do transporte internacional. Conforme Jorge Balán[28] acentua, sempre se fizeram sentir as dificuldades do transporte inter-regional para os trabalhadores nacionais, bem como a oposição por diversos grupos, a essa transferência de mão-de-obra.

A Figura 1 permite uma visualização do movimento migratório inter-regional do trabalhador negro, confirmando para o Município de Rio Claro, a situação de polo de atração. Isto é novamente observado na Figura 2, onde Rio Claro é assinalado, como ponto de convergência do trabalhador negro, que procedia das diversas regiões do Estado.

Desta forma, apesar da migração interna ter sido numericamente inferior à imigração, ela constitue certamente um fator de interferência no panorama geral da região. Devido às diferenças características das várias regiões do país, tanto geográficas, quanto ecológicas e culturais, os trabalhadores de modo geral sofriam as consequências da necessidade de adaptação.

Ao lado da migração interna, o estrangeiro, proveniente de diferentes países, modificava, através de uma mobilidade espacial, o aspecto quantitativo dos eventos vitais de Rio Claro.

Entre os que morreram no município de Rio Claro, encontramos uma percentagem de 69,4 para os italianos (Tabela 24), significando um percentual muito maior do que a soma das percentagens de todos os outros, como decorrência de ter sido realizada a propaganda migratória, mais intensamente, na Itália. Segundo uma ordem decrescente da quantidade percentual, encontramos os dinamarqueses com uma percentagem 59,4 menor do que a italiana. A seguir os alemães, com 8,5% do total de óbitos de estrangeiros, e 5,5% de espanhóis. Computados na categoria de Outras procedências, temos os portugueses, muitos dos quais açorianos, além de suecos, norte-americanos e árabes. Desta forma, podemos notar que a esmagadora maioria é formada por europeus. A imigração italiana, vista através do estudo da mortalidade, mostrou-se numericamente superior às demais e exerceu visível influência na comunidade rioclarense.

Apesar de numericamente inferiores aos italianos, os alemães de Rio Claro, tiveram uma influência marcante, principalmente no sítio urbano, onde deixaram sinais indicadores de sua passagem,seja na arquitetura, nomes de casas comerciais, seja na formação de colégios e igrejas de variados cultos protestantes.

Não pode ser esquecido,também, o fato de que Rio Claro se tornou um centro de "atração cultural", dentro do contexto daquele momento, principalmente, pela influência dos alemães, que no setor da educação, e com o Colégio Alemão,o atual Colégio Köelle,(29) tornaram-se o foco de concentração dos descendentes de alemães de todas as regiões do Brasil.(30) Até hoje, a imigração alemã, na região conta com elementos de elevado nível educacional, geralmente "importados", como pastores,que uniam as funções religiosas com as da educação. A necessidade do conhecimento da língua para a leitura da Bíblia,favoreceu bastante o desenvolvimento educacional.- Sabe-se,porém,que nos países europeus naquela época, sobretudo naquelas que forneceram o grosso da mão-de-obra da nossa lavoura, era grande o número de analfabetos. No Brasil imperial,tal situação não impedia os cidadãos de participarem politicamente,assim como não constituia exigência imigratória. Só na República é que a alfabetização passou a ser valorizada e exigida como condição para votar e posteriormente como pré-condição para imigrar. Haja vista o caso dos italianos, que na região significava a maior contigência migratória, e sobre os quais Carlo Cipolla(31) comenta que, no período de 1871 a 1880, contavam com uma porcentagem bastante alta de 69,0% de analfabetos, que veio refletir nas áreas de grande concentração migratória. Ao contrário dos grupos protestantes, os grupos católicos não contavam com o incentivo da leitura da Bíblia como fator para a alfabetização.

O elemento português, que forneceu um respeitável contingente migratório, na Tabela 24, está incluído na categoria de Outros, dado o pequeno número de atestados onde a nacionalidade portuguesa era declarada. Provavelmente,muitos foram incluídos na categoria de Brasileiros, uma vez que pelo nome não era possível uma melhor identificação.Por outro lado,

Tabela 24

Branco Estrangeiro

Procedência dos Indivíduos

1875-1930

PAISES	Total de nºs absolutos	%
Alemanha	133	8,5
Dinamarca	157	10,0
Espanha	86	5,5
Inglaterra	3	0,2
Itália	1089	69,4
Outros	95	6,0
Não há informação	7	0,4
TOTAL	1570	100,0

FONTE: J.M.L. Scarano, op.cit.

Tabela 25

Branco Estrangeiro

Filiação

1875-1930

FILIAÇÃO	nº	%
Legítimos	557	35,5
Ilegítimos	7	0,4
Filiação desconhecida	90	5,8
Não há informação	916	58,3
TOTAL	1570	100,0

FONTE: J.M.L.Scarano, op.cit.

os portugueses que vieram para São Paulo, "se fixaram em maior número nas áreas litorâneas,e permaneceram geralmente na zona urbana".(32) Quando cresce a imigração portuguesa, a partir de 1904, a lavoura cafeeira em Rio Claro já não constituia um polo de atração para o europeu, uma vez que novas áreas cafeicultoras vinham sendo abertas e a zona rioclarense já entrara num periodo de decadência. Provavelmente pelo fato de não fazerem parte dos grupos mais desfavorecidos, os europeus buscavam centros maiores para tratamento de saúde, e daí terem sido incluídos em evasão de óbito.

Os suiços foram encontrados em número insignificante tal vez por sua presença já ter sido assinalada antes do período em estudo.

Quanto aos espanhóis, constituem um caso diferente, pois numericamente apareceram de forma relativamente significativa nos atestados de óbito, mas não deixaram marcas especiais no Município, como no caso dos alemães e italianos.

É interessante notar entre os estrangeiros o aspecto da filiação caracterizado pela legitimidade. Assim,pela Tabela 25,embora haja um grande índice de ausência de informações, e uma pequena porcentagem de filiação desconhecida, pode-se observar uma alta percentagem de 35,5% de óbitos para os estrangeiros identificados como filhos legítimos. Como ilegítimos, calculamos 0,4%, numa diferença de 35,1%. (Tabela 25).

Apesar da ausência de informações sobre a legitimidade da filiação,através dos dados fornecidos pelos atestados de óbito,tal fato parece confirmar a presença de um ideal religioso e social ao examinarmos o "estado civil" do estrangeiro.

Desta forma, analisando a Tabela 26, quanto ao "estado civil", a maior porcentagem está entre os casados com 67,1 sobre o total dos classificados como Branco Estrangeiro, categoria esta, que exclui o Branco Estrangeiro Menor (até 20 anos) e o Branco Estrangeiro Inocente (até 15 anos). Para os solteiros, a porcentagem é de 19,9% e para os viúvos, 13,0%. Numa tentativa de conseguir uma visão aproximada da fecundidade legítima e fecundidade ilegítima, dentro da teoria demográfica, relacionando-se o per

TABELA 26

ESTRANGEIROS

Condição Social do Indivíduo e Estado Civil

1875-1930

ESTADO CIVIL / CONDIÇÃO SOCIAL DO INDIVÍDUO -	Casado		Solteiro		Viuvo		Sub-total		N. há inf.		N.s.aplica		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
BRANCO ESTRANGEIRO	606	100,0	180	98,4	117	100,0	903	99,7	387	98,2	-	-	1350	86,0
BRANCO ESTRANGEIRO MENOR	-	-	3	1,6	-	-	3	0,3	7	1,8	107	50,9	117	7,5
BRANCO ESTRANGEIRO INOCENTE	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	103	49,0	103	6,6
T O T A L	606	100,0	180	100,0	117	100,0	906	100,0	394	100,0	210	99,9	1570	100,0

FONTE: CASTRO, J.B. e SCARANO, J.M.L., " A Mão-de-Obra Estrangeira numa Região de Economia Cafeeira " (uma experiência de pesquisa quantitativa na História rioclarense 1875-1930). Anais do Simpósio dos Professores Universitários de História, São Paulo, USP, 1972.

centual de filiação legítima (Tabela 25) com a percentagem de indivíduos casados, (Tabela 26) temos um relativo equilíbrio entre ambos, do que pode-se deduzir a possível predominância da Fecundidade Legítima.

Enquanto a esperança da posse da terra funcionava como fator de "atração" do imigrante para as fazendas paulistas, fatores de "repulsão" que estavam contidos na crise européia, os impeliam à saída em massa.

O desejo do camponês pela posse da terra, pode ser explicada, segundo Thomaz Holloway,(33) por uma razão econômica racional: uma vez dono da terra, ele poderia distribuir trabalho entre sua própria família, aplicar seus recursos na agricultura, e acumular os excedentes de produção de toda a família, em uma idealizada poupança. Além disso, ele poderia libertar-se dos mercados e da economia monetária, através de plantações para subsistência própria, e da criação de animais para a sua alimentação.

A esperança da massa migratória, porém, não coincidia com a realidade. As dificuldades principiavam na assinatura dos contratos de trabalho, na Europa, antes do embarque, quando os mesmos eram redigidos de forma a atribuir todas as vantagens aos empregadores. Além disso, desconheciam completamente o meio social e o ambiente ecológico para onde se encaminhavam.

Por outro lado, o recrutamento de trabalhadores para a nossa lavoura dava-se na Europa, sem nenhuma seleção. Sobre esta questão, comenta Caio Prado Junior: "Aceitavam qualquer candidato, sem indagar da sua prestabilidade para o trabalho agrícola, e sobretudo o pesado esforço exigido por uma agricultura tropical de desbravamento. Chegavam a emigrar - para o Brasil não raro até enfermos e velhos inválidos",(34) fato comum no fenômeno migratório.

Além disso, após uma longa e penosa viagem, eram encaminhados para a Hospedaria dos Imigrantes, ou diretamente para as fazendas num esforço redobrado, numa região de clima diverso. O caso da Hospedaria dos Imigrantes, era assim outro fator negativo, pois esta geralmente

agia como local de contágio de doenças, ou então favorecia a sua proliferação. Em condições ambientais desfavoráveis, com cuidados médicos praticamente inexistentes, a situação não os favorecia.

Ao chegar ao seu destino, na fazenda de café, era abandonado à sua própria sorte, e geralmente as suas noções de higiene não o colocavam em melhor situação que o trabalhador nacional, já que a maioria deles provinha também de regiões subdesenvolvidas. Apesar de proveniente muitas vezes de terras insalubres, o estrangeiro enfrentava aqui novas doenças que, aliadas ao cansaço da viagem, à necessidade de fazer casa, plantar e colher, acabavam por exaurir as forças dos mais fracos.

As doenças que mais intensamente atingiam a população trabalhadora eram as Infecciosas e Parasitárias, como doenças típicas de indivíduos de baixo nível de vida, subnutridos e vivendo em precárias condições de higiene.

Comenta Julita Scarano (35) que, na Hospedaria dos Imigrantes, nem para as crianças era fornecida uma melhor alimentação, cabendo às que tinham menos de 3 anos, apenas 500 gramas de leite fresco, de 3 a 7 anos, um quarto da ração atribuida aos adutos e dos 7 aos 12 a metade da mesma. Tal fato não é estranho, num momento em que a mão-de-obra infantil era explorada. Realmente, a alta mortalidade infantil estrangeira grassava dentro da faixa etária mais jovem, como podemos constatar para a região de Rio Claro.

De acordo com a Tabela 27, comprovamos a grande mortalidade entre os mais jovens, como também nas faixas de idade produtiva. Assim temos, dentro do número total de óbitos de estrangeiros, o maior percentual para as idades de 1 |— 5 anos, com 16,8, vitimados sobretudo pelas Doenças Infecciosas e Parasitárias. A mortalidade nesta faixa etária pode ser explicada por ser a idade do desmame, quando há uma maior probabilidade de a criança tornar-se subnutrida uma vez que falta o leite materno.

Apesar de nos atermos às idades de 0 |— 15 anos, a mortalidade estrangeira, entre os adultos em geral, vai interferir como fator

Tabela 77

Estrangeiros -

Faixa etária e Causa-mortis

1875 - 1930

Causa mortis / Faixa etária	Mal definidos		Lesões pericelulares do 1º infância		Causas externas		Tumores		Aparelho respiratório		Infecções parasitárias		Varíola		Tifo		Febre amarela		Circulatória		Acidentes		Outros		Sub-total		Não há informação		Não se aplica		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
0 ⊢ 1	9	5,8	1	50,0	-	-	-	-	7	9,6	29	7,4	-	-	-	-	1	0,4	-	-	1	2,1	13	5,1	61	4,3	11	7,8	2	28,6	74	4,7
1 ⊢ 5	43	27,4	1	50,0	-	-	1	4,1	10	13,7	136	35,2	-	-	1	1,2	3	1,2	1	2,9	4	8,3	33	12,9	237	16,7	27	19,1	-	-	264	16,5
5 ⊢ 10	7	4,5	-	-	-	-	-	-	3	4,1	37	9,4	-	-	3	3,6	4	1,6	-	-	2	4,2	20	7,8	76	5,4	8	5,7	-	-	84	5,4
10 ⊢ 15	-	-	-	-	-	-	-	-	5	6,8	11	2,8	-	-	5	6,0	3	1,2	-	-	3	6,3	4	1,6	31	2,2	1	0,7	-	-	32	2,0
15 ⊢ 20	6	3,8	-	-	4	11,2	-	-	1	1,4	7	1,8	-	-	7	8,4	19	7,7	3	2,9	-	-	6	2,4	53	3,7	2	1,4	-	-	55	3,5
20 ⊢ 30	13	8,2	-	-	6	16,6	1	4,1	6	8,2	30	7,6	-	-	25	29,7	69	27,9	7	6,8	11	22,9	17	6,6	185	13,0	5	3,5	-	-	190	12,1
30 ⊢ 40	13	8,2	-	-	16	44,4	2	8,4	5	6,8	29	7,4	-	-	17	20,2	68	27,5	18	17,3	8	16,6	22	8,6	195	13,9	17	12,1	-	-	215	13,7
40 ⊢ 50	21	13,4	-	-	8	22,2	3	12,5	13	17,6	36	9,7	-	-	10	11,9	45	18,3	15	14,4	8	16,6	13	13,0	193	13,6	5	3,5	-	-	198	12,7
50 ⊢ 60	16	10,2	-	-	1	2,8	8	33,3	5	6,8	22	5,6	-	-	11	13,1	16	6,5	19	18,3	5	10,4	21	8,2	124	8,7	9	1,4	-	-	133	8,5
60 ⊢ 70	15	9,5	-	-	-	-	7	29,2	10	13,7	24	6,1	-	-	4	4,7	11	4,5	20	19,2	1	2,1	11	12,2	123	8,6	19	13,5	-	-	142	9,0
70 ⊢ 80	8	5,1	-	-	-	-	2	8,4	6	8,3	15	3,8	-	-	-	-	4	1,6	13	12,5	3	6,3	12	12,6	83	5,9	19	13,5	-	-	102	6,5
80 e +	3	1,9	-	-	-	-	-	-	1	1,4	4	1,1	-	-	-	-	-	-	4	3,8	-	-	18	7,1	30	2,1	8	5,8	-	-	38	2,4
Não há informação	3	1,9	-	-	1	2,8	-	-	1	1,4	6	2,1	-	-	1	1,2	4	1,6	2	1,9	2	4,2	5	1,9	27	1,9	10	7,0	5	71,4	42	2,7
T O T A L	157	100,0	2	100,0	36	100,0	24	100,0	73	100,0	392	100,0	-	-	84	100,0	247	100,0	104	100,0	48	100,0	255	100,0	1422	100,0	141	100,0	7	100,0	1573	100,0

FONTE: SCARANO, Julia Maria Leonor, op.cit.

de relevância para a análise da mortalidade da faixa mais jovem da população. Tendo a mortalidade abrangido com maiores índices também as faixas etárias de 0 ⊢— 30, com 12,1%; 30 ⊢— 40 com 13,7% e 40 ⊢— 50 com 12,7%, percentuais estes, mais significativos, depois daquele encontrado para a faixa de 1 ⊢— 5 anos, podemos perceber que são mais atingidos os indivíduos da faixa etária produtiva e reprodutiva. Isto significa, numa perspectiva capitalista, uma perda significativa de mão-de-obra, e numa perspectiva demográfica, uma interferência no índice de natalidade.

Por outro lado, o índice significativo de 9,0% para a faixa etária de 60 ⊢— 70 e 6,5 para 70 ⊢— 80, parece confirmar a presença de pessoas de idade, conforme informa Caio Prado Junior.

O grande índice de Doenças Infecciosas e Parasitárias, constatado para o imigrante em geral, vem demonstrar, não apenas as más condições ambientais, como a sua dificuldade de adaptação e pouca resistência ao contágio, pela falta de imunidade às doenças próprias de climas tropicais, como gastroenterites, gripe, coqueluche, e outras.

Cruzando as variáveis idade e profissão do indivíduo (Tabela 28), podemos comprovar, para a região, a mais alta mortalidade, para os estrangeiros, nas idades de 0 ⊢— 10 anos, com um percentual de 27,1. Analisando pelo ângulo econômico aquele momento histórico, de exportação de matérias primas caracterizado no local pela necessidade de elevada mão-de-obra, essa alta mortalidade não interferia no sistema de produção. Por outro lado, do ponto de vista demográfico, a grande mortalidade na faixa etária jovem é um indicador das péssimas condições de vida, desta população.

Sendo porém os indivíduos da faixa etária de 20 ⊢— 50 anos, atingidos pela morte, também num percentual bastante significativo de 38,7 sobre o total, tal fato nos demonstra que, tanto pela perspectiva econômica, quanto pela perspectiva demográfica, a população afetada parece estar contida nesta faixa, fértil e produtiva.

De qualquer forma, foi o trabalho do negro e do branco europeu, que deu uma continuidade à cafeicultura durante muito tempo. O

Tabela 27
Estrangeiros
Idade e Profissão do Indivíduo
1875 - 1950

IDADE	PROFISSÃO DO INDIVÍDUO	Colono		Lavrador		Ferroviário		Carpinteiro		Operário		Serv. Doméstico		Pedreiro		Sapateiro		Alfaiate		Prof. Liberal		Proprietário		Comerciante		Carroceiro		Indigente		Outros		Sub-total		N.Nº inf.		N.e.apl.		TOTAL	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
0 ⊢ 20		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	35	4,7	391	98,7	426	27,1
20 ⊢ 25		-	-	-	-	-	-	-	-	2	7,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	4,0	3	0,7	27	3,6	2	0,5	32	2,0
25 ⊢ 30		1	0,7	1	0,9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	9,1	-	-	-	-	-	-	2	8,3	-	-	2	7,1	1	4,0	8	1,9	46	6,2	1	0,3	55	3,5
30 ⊢ 35		16	10,6	12	11,2	2	28,6	1	20,0	7	26,9	3	12,0	2	28,6	2	18,2	-	-	-	-	-	-	3	12,5	-	-	2	7,1	6	24,0	56	13,1	134	18,0	-	-	190	12,1
35 ⊢ 40		24	15,9	15	14,0	3	42,9	2	40,0	7	26,9	4	16,0	1	14,3	4	36,4	1	25,0	-	-	-	-	7	29,2	1	25,0	8	28,6	4	16,0	81	19,0	134	18,0	-	-	215	13,7
40 ⊢ 50		32	21,2	24	22,4	2	28,6	1	20,0	6	23,1	2	8,0	2	28,6	4	36,4	1	25,0	-	-	-	-	5	20,8	2	50,0	2	28,6	4	16,0	92	21,5	107	14,3	-	-	199	12,7
50 ⊢ 60		23	15,2	21	19,6	-	-	-	-	3	11,5	2	8,0	1	14,3	-	-	-	-	1	100,0	-	-	2	8,2	-	-	1	3,6	3	20,0	57	13,3	76	10,2	-	-	133	8,5
60 ⊢ 70		30	19,9	22	11,2	-	-	-	-	-	-	5	20,0	1	14,3	-	-	2	50,0	-	-	2	66,7	5	20,8	-	-	2	7,1	1	4,0	60	14,0	82	11,0	-	-	142	9,0
70 ⊢ 80		16	10,5	17	15,9	-	-	-	-	-	-	10	40,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	4,2	-	-	2	7,1	2	8,0	48	11,2	54	7,2	-	-	102	6,5
80 e +		5	3,3	5	4,7	-	-	-	-	1	3,8	1	4,0	-	-	-	-	-	-	-	-	1	33,3	-	-	-	-	1	3,6	1	4,0	15	3,5	23	3,1	-	-	38	2,4
Sub-total		147	97,4	107	100,0	7	100,0	4	80,0	26	100,0	25	100,0	7	100,0	11	100,0	4	100,0	1	100,0	3	100,0	24	100,0	3	75,0	26	92,9	25	100,0	409	98,3	728	96,2	391	98,5	1532	97,5
N. Nº inf.		4	2,6	-	-	-	-	1	20,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	25,0	2	7,1	-	-	8	1,9	28	3,8	6	1,5	38	2,4
TOTAL		151	100,0	107	100,0	7	100,0	5	100,0	26	100,0	25	100,0	7	100,0	11	100,0	4	100,0	1	100,0	3	100,0	24	100,0	4	100,0	28	100,0	25	100,0	416	100,0	756	100,0	397	100,0	1570	99,9

FONTE: CASTRO, J.B. e SCARANO, J.M.L., op.cit.

estudo da mortalidade destes dois grupos populacionais, em Rio Claro, através da mortalidade, mostra a interferência de ambos, nos eventos demográficos locais.

Notas Bibliográficas do II Capítulo

1 Manuel Augusto Costa, Migrações Internas no Brasil, São Paulo INPES, 1971

2 Emilia Viotti da Costa, op. cit. p. 22.

3 IBID p. 22.

4 Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo, pelo presidente da Província Laurindo Abelardo de Brito no dia 5 de fevereiro de 1880, Santos, Typografia á vapor do Diário de Santos, 1880. p.56

5 Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo pelo 1º vice-presidente da Província Conde de Três-Rios e apresentado no ato da instalação da Assembléia pelo 4º Vice-Presidente Dr. Manoel Marcondes de Moura e Costa, 17 de Janeiro de 1882, Santos, Typografia Vapor do Diário de Santos, 1882. p. 56.

6 Relatório com que o Exm.Presidente Conselheiro Francisco de Carvalho Soares Brandão, passou a administração da Província de São Paulo ao Vice presidente Manoel Marcondes de Moura e Costa. São Paulo, Typ. de Jorge Seckler, 1882, p. 21.

7 IBID. p. 20.

8 Falla Dirigida à Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo na abertura da 2ª. sessão da 24ª. Legislatura em 10 de janeiro de 1883 pelo presidente Conselheiro Francisco de Carvalho Moraes Brandão, São Paulo, Typ. do Ipiranga 1883.

9 Sérgio Milliet, loc. cit., p. 45.

10 J. J. Von Tchudi, Viagens às províncias do Rio de Janeiro e de São Paulo. São Paulo, Editora Martins, 1953.

11 Davatz, Thomas, Memórias de um colono no Brasil, São Paulo, Martins,1953.

12 Exposição com que o Exmo. Snr. Dr. Pedro Vicente de Azevedo passou a Administração da Província de São Paulo ao Exmo. Sr. Doutor Barão de Guajará no dia 11 de Abril de 1889 São Paulo, Typ. a Vapor de Jorge Seckler & Comp. 1889, p. 30.

13 IBID. p. 30.

14 Maria Silvia C. B. Bassanezi, op. cit. p. 99.

15 Maria Silvia C. Beozzo Bassanesi, loc. cit. p. 98.

16 Relatório de Presidente de Província, 11.04.1889, op. cit. p. 52.

17 Sérgio Milliet, op. cit. p. 52.

18 José de Souza Martins, Conde Matarazzo o empresário e a empresa, São Paulo, HUCITEC, 1973, p. 23.

19 E. Berquó, M. Lucila Milanesi, Ruy Laurenti, op. cit. p. 25.

20 Stanley Stein, op. cit.

21 Elza Berquó, M. Lucila Milanesi, Ruy Laurenti, op. cit. p. 16.

22 Maria Silvia Beozzo Bassanezi, op. cit. p. 103.

23 IBID, p. 45.

24 Elza Berquó, M. Lucila Milanesi, Ruy Laurenti, op. cit. p. 17.

25 A obra de Maria Silvia de Carvalho Franco, é um dos raros estudos sobre o "branco" trabalhador brasileiro.

26 Maria S. B. Bassanesi, op. cit. p. 56.

27 Nicia Vilela Luz e Carlos M. Pelaéz, "Economia e História; O encontro entre dois campos do conhecimento, Revista Brasileira de Economia, vol. 26 n. 3 (julho/setembro, 1972) pp. 276 e 277.

28 Jorge Balan, Un siglo de corriente migratórias en el Brasil.Minas Gerais U.F.M.G., 1973, p. 16.

29 Julia Maria Leonor Scarano, "Considerações preliminares sobre uma cidade de imigração teuto-italiana e os efeitos do segundo conflito mundial". Anais IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História, São Paulo, U.S.P., 1969 p. 5.

30 Maria Conceição Ribeiro e Silvia Maria Giovani, "Uma família de educadores de origem alemã no interior de São Paulo: Os"Köelle". Anais do Congresso do Sesquicentenário da Imigração Alemã, Porto Alegre, 1974.

31 Carlo M. Cipolla, "Fous Cinturies of Italian demographic development" In Population in History, London, Edward Arnold, 1969, p. 578.

32 Julia Maria Leonor Scarano, O Imigrante: Trabalho, Saúde e Morte. Tese de Livre Docência, Universidade de Santa Catarina, 1974. (mímeo) p. 33.

33 Thomaz Holloway, "Condições do Mercado de trabalho e organização do trabalho nas plantações na economia cafeeira de São Paulo, 1855-1915", Uma análise preliminar. "Estudos Econômicos", Vol. 2, nº 3 (1972) pp. 173 a 174.

34 Caio Prado Jr., História Econômica do Brasil, 13ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1970 p. 46.

35 Julia Maria Leonor Scarano, op. cit. 112.

III A MOBILIDADE ESPACIAL E OS SURTOS EPIDÊMICOS

Analisando em termos da mortalidade a presença do elemento negro africano, como imigrante no Município de Rio Claro, no período de 1875 a 1930, é preciso levar em conta as consequências do término do tráfico e a diminuição na entrada de grandes contingentes populacionais no país.

Mesmo assim, os atestados de óbito, demonstram que o negro estrangeiro, após a proibição do tráfico, modificou a dinâmica populacional de Rio Claro. Durante todo um período de 55 anos, o negro vindo da África alterou, através de seus descendentes, o índice migratório, o índice de natalidade e o da mortalidade da região.

Desde o ano de 1844, nota-se uma preocupação governamental em torno da importação de escravos, voltada unicamente para a resolução do problema econômico. Não se percebe grandes preocupações com o escravo como pessoa, ou pelo menos como trabalhador, necessitando de bom trato. O escravo somente era motivo de preocupação, enquanto se questionava se poderia ou não, atingir através dele objetivos imediatos. As doenças e a debilidade física do negro recém chegado, era motivo de contrariedade dentro da mentalidade empresarial dominante. Um documento nos elucida a este respeito:

> *Capitais imensos empregados em negros são todos os anos sepultados debaixo da terra ou anulados pelas enfermidades e pela velhice; e entretanto, a facilidade de achar à mão estas máquinas já feitas, impede que olhemos para tantos melhoramentos introduzidos pela atividade do gênio europeu nos processos da Indústria, que procuremos para o Brasil uma população melhor, convidando de outras nações colonos que venham cultivar o nosso solo.* (1)

Enquanto o trabalhador negro era encarado como "máquina", o imigrante europeu, embora idealizado como colono perfeito, não escapava também às mesmas precárias condições de vida e de trabalho.

O negro defrontou-se num primeiro momento com um sistema

escravista manifesto,onde a exploração era institucionalizada. Após a abolição do tráfico e mesmo da escravidão, ele continuou a sofrer as mesmas asperezas do antigo regime, agora não institucionalizado.

O estrangeiro europeu, por sua vez, embora não legalmente escravo, estava submetido a um regime de trabalho que o igualava ao escravo e suas aspirações de melhoria eram geralmente dificultadas.

Ambos, vindos de terras estranhas, estavam fadados a enfrentar sérias dificuldades em um lugar ainda subdesenvolvido, onde consequentemente a alimentação e as condições de saúde eram bastante precárias.

Assim,o deficiente quadro sanitário da região paulista também vai agir intensamente sobre o trabalhador negro, ou branco, uma vez que ámbos, por vezes, chegavam com a saúde abalada. O estado de debilidade física deste contingente populacional "importado" como massa trabalhadora, propociava maiores probabilidades de contágio das doenças e de alastramento das epidemias Isto pode ser constatado para o ano de 1875, quando o Presidente da Província de São Paulo mostra preocupação pelo "perigo constante da propagação de moléstias contagiosas trazidas pelos immigrantes ou contrahidas no porto da chegada".(3)

A necessidade premente da mão-de-obra agravada com a suspensão do tráfico e posteriormente com a Abolição da escravatura, colocava o problema da imigração européia, como meta primordial dos cafeicultores e governantes.

Em seu aspecto demográfico, o panorama nacional, até a Abolição, caracteriza-se pelo afluxo expontâneo de colonos nacionais, pela importação de escravos africanos e pela incorporação do indígena(4), quando começa a modificar-se,com a chegada de grandes correntes migratórias.(5)

Os interesses da política econômica da época vão provocar uma aceleração na dinâmica populacional do país, pela entrada de grande número de trabalhadores de origem européia. Desta forma,vai haver uma mudança na composição da população nacional, quantitativamente e em vários aspectos, tanto nos "estritamente demográficos como nos sociais e culturais".(6)

Os "fatos vitais"(7), logicamente sofriam uma transformação, e sobretudo o evento da mortalidade.

O estudo dos atestados de óbito, de Rio Claro, demonstram a sensibilidade do trabalhador estrangeiro a contrair moléstias e principalmente as epidêmicas. Isto pode ser explicado, pelo fato de que os trabalhadores já chegavam, em sua maioria, com a saúde deficiente. Além disso, as condições de sobrevivência a enfrentar eram difíceis, agravando-lhes, ainda mais, o estado de saúde.

A população do Município de Rio Claro sofria as consequências de ser uma região subdesenvolvida, o que aumentava principalmente o índice das Doenças Infecciosas e Parasitárias, e o das epidemias.

O tifo(8), que em Rio Claro teve um caráter endemo-epidêmico, era bastante conhecido na Europa, onde manifestou-se até o século XX. Nos Estados Unidos, ainda em 1915, figurava como uma das causas de grande mortalidade. No Brasil era encontrado por toda parte, durante um largo período, tomando maiores proporções no verão, na época das chuvas.(9)

Pela observação dos atestados de óbito, constata-se que em Rio Claro a epidemia de tifo foi a que primeiro apareceu na faixa de tempo estudada. Isto é demonstrado na Tabela 29, quando no ano de 1875, surgiram 3 casos de tifo entre o elemento negro. De maneira geral, para todo o período, Rio Claro contou com 122 casos de óbito por tifo, sendo que, conforme pode-se observar, este número anualmente embora relativamente pequeno, foi o causador de óbitos durante todo o período em estudo. Os anos que contaram maior número de mortes por tifo foram pelas sequências: 1896, 1892, 1891, 1895 e 1889. Cabe ressaltar que a população trabalhadora mais atingida foi a negra, com um percentual de 68,9% sobre o total. O tifo, não aparece nos Registros de óbito como a epidemia mais grave na região rioclarense. Não sabemos entretanto até que ponto os atestados são fiéis à realidade, fato que deve ser observado em qualquer pesquisa que envolva dados quantitativos oficiais. Outra interferência que possa talvez ter alterado o número de mortes por tal moléstia, é que, possivelmente atribuíam . . . outro

Tabela 29
Negro e Branco Estrangeiro
Epidemia de Tifo: ano da morte
1875-1930

Etnia \ Ano	1875	1876	1877	1878	1879	1880	1881	1882	1883	1884	1885	1886	1887	1888	1889	1890	1891	1892	1893	1894	1895	1896	1897	1898	1899	1900	1901	1902	1903	1904	Total
Negro	3	6	-	1	4	3	1	-	-	-	1	1	4	-	2	2	4	-	-	-	1	1	1	2	-	-	-	1	-	-	36
Branco Estrangeiro	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	1	6	4	6	14	-	3	9	22	3	7	-	1	-	1	2	1	86
Total	3	7	-	1	4	3	1	-	-	-	4	1	4	1	8	6	10	14	-	3	10	23	4	9	-	1	-	2	2	1	122

FONTE de dados brutos: Ibid.

nome. Esta hipótese nos pareceu viável, por relatar o Presidente da Província de 1890, (data que marca a epidemia de tifo), sobre o reaparecimento de uma epidemia, a qual chama de "febres de mal caracter", em várias cidades do Estado, inclusive a região de Rio Claro.(10)

Neste mesmo sentido, há um ofício de 1891 enviado pelo Juiz de Direito de Rio Claro, ao Presidente da Província de São Paulo, informando que uma epidemia não classificada afetava já há dois anos a população. Há, neste documento, uma contradição. Ao descrever a situação, ao mesmo tempo que nos informa não ter havido "caso algum fatal", por outro lado a epidemia "tem feito já não poucas victimas" além de "casos assombrosos e fulminantes". É ainda realçada neste documento a necessidade de maior atenção à Saúde Pública de Rio Claro:

> *Referimo-nos a causa do mal que todos affirmam provir das péssimas condições hygiênicas da cidade, isto é a acumulação de lixo nos quintais, o uso de latrinas, de simples fossas, que se multiplicam dentro da pequena área, o acúmulo de toda espécie de immundicies nas áreas já tomadas pelas latrinas.*
> *Os melhoramentos necessários ... consistia n'um bom systema de esgotos e de abastecimento d'agua ...*
> *Não precisamos aduzir argumentos para provar a necessidade inadiável que tem esta cidade de melhoramentos.*(11)

Ao lado destes fatores, que caracterizavam de modo geral, as condições materiais em que vivia a população, estavam logicamente os problemas econômicos do Estado e consequentemente do país.

Logo após a Independência, os empréstimos públicos, e as aplicações de capital estrangeiro, em estradas de ferro, navegação, empresas de mineração, etc., mais tarde o estabelecimento de filiais dos grandes bancos estrangeiros, fizeram com que interesses financeiros internacionais se infiltrassem cada vez mais em nosso meio atingindo até mesmo a produção

cafecira. A dívida externa que na época da Proclamação da Republica era de quase 30 milhões de libras, cresce em 1910, para 250 milhões.(12) Diante desta situação econômica de déficit é que se pode compreender as dificuldades da Capital do Estado, em atender a pedidos urgentes, tais como a aprovação em 1890 de um contrato pedido por Rio Claro, para a "construção de fossas fixas, remoção de materiais fecaes e águas servidas".(13) Essa aprovação foi negada, sob a justificativa de que cabia ao município a resolução de tudo o que interessasse à comodidade e saúde de seus habitantes. Presume-se que nada então foi feito nesse sentido, uma vez que o município se declarava sem verba suficiente para tal serviço.

Assim se apresentava o estado sanitário da capital, bem como do interior, e as condições de melhoria pareciam pouco prováveis. A população trabalhadora sofria a ameaça não só das péssimas condições de higiene da comunidade, como também da desnutrição.

Quanto ao migrante europeu, dentro desse contexto, visivelmente debilitado frente ao novo ambiente e sobretudo às agruras de uma difícil adaptação, tornou-se muitas vezes um agente transmissor das epidemias.

O desconhecimento do processo de contágio, com hábitos diferentes daqueles aqui encontrados, agravava o problema.

Com o aumento da mortalidade, agravava-se mais ainda, o problema de mão-de-obra.

Documentos da época confirmam a situação do imigrante como elemento de difusão das epidemias.

> *O perigo constante da propagação de molés tias contagiosas trazidas pelos immigrantes, ou contrahídas no porto da chegada acabrunha a administração pelos súbitos e variados expedientes que tem que recorrer para se preservar os immigrantes e a população dadas as differentes emergências.*(14)

O Dr. José Alves de Cerqueira César, Vice-Presidente do

Estado de São Paulo em 1892, também analisa a situação do porto de Santos:

> *"As epidemias que assolam o principal dos nossos portos, não só pertubam gravemente o mecanismo econômico do estado e ameaçam de sérias dificuldades a sua comunicação commercial com o exterior, mas expõe também todo o território paulista à invasão da febre amarela, como uma cruel experiência nos tem demonstrado..."*(15)

As Hospedarias de Imigrantes, tanto do Rio de Janeiro como de São Paulo, eram focos de contágio e muitos deles se queixavam de que nessas moradas de espera, os recém-chegados de viagem marítimas e ainda não encaminhados aos lugares de destino, estavam sujeitos a graves moléstias.(16)

Em Rio Claro, tanto a epidemia de tifo como a de febre amarela apresentavam um índice bastante significativo de contágio. Segundo outro Relatório do Presidente do Estado de São Paulo de 1896, em janeiro já era avultado o número de doentes de tifo e de febre amarela, aumentando bastante no decorrer do mesmo ano. Assim descrevendo a preocupação das autoridades, continua o Relatório:

> *Em presença destas circunstâncias, parece bem fundado um prognóstico animador á respeito da marcha do terrível flagello, que além de outros males que há produzido, tem sido mesmo um elemento de pertubação e embaraço à administração do Estado, accarretando enormes despesas e occupando uma boa parte da actividade administrativa...*(17)

Analisando a incidência de tifo no Município de Rio Claro, através dos atestados de óbito, verificamos pelas Tabelas 30 e 31, que o elemento masculino era o mais atingido, tanto para o grupo negro, como para o branco-estrangeiro. Em termos de idade, a faixa etária mais atingida é a de 20 |— 30 para o branco-estrangeiro, com 27 casos, sendo este o maior

Tabela 30

Branco Estrangeiro

Epidemia de Tifo: idade e sexo
1875-1930

Idade / Sexo	0⊢ 1	1⊢ 5	5⊢ 10	10⊢ 15	15⊢ 20	20⊢ 30	30⊢ 40	40⊢ 50	50⊢ 60	60⊢ 70	70⊢80	80 e +	N.H.I.	Total
Masculino	-	-	2	2	3	22	13	8	9	4	-	-	1	64
Feminino	-	1	1	3	4	3	4	2	2	-	-	-	-	20
Total	-	1	3	5	7	25	17	10	11	4	-	-	1	84

FONTE de dados brutos: Ibid.

Tabela 31

Negro

Epidemia de Tifo: idade e sexo
1875-1930

Idade / Sexo	0⊢ 1	1⊢ 5	5⊢ 10	10⊢ 15	15⊢ 20	20⊢ 30	30⊢ 40	40⊢ 50	50⊢ 60	60⊢ 70	70⊢80	80 e +	N.H.I.	Total
Masculino	-	-	-	2	3	3	4	5	3	1	1	-	1	23
Feminino	-	1	-	-	3	2	3	1	-	-	-	-	1	11
Total	-	1	-	2	6	5	7	6	3	1	1	-	2	34

FONTE de dados brutos: Ibid.

índice encontrado entre os dois grupos. A seguir, as idades mais atingidas, são as mesmas para os dois grupos: 30 ⊢— 40 e 40 ⊢— 50, com maior número de casos para o branco-estrangeiro. A faixa etária jovem de 0 ⊢— 15 contém um índice relativamente baixo de casos, contando com 12 mortes para os dois grupos. (Tabela 31 e 32).

A maior incidência entre o sexo masculino pode ser explicada por teorias de Estatísticas Vitais, que acreditam ser a maior ocorrência da mortalidade verificada sempre para o homem.(18)

Em termos de produtividade, a epidemia de tifo afetou negativamente a mão-de-obra, pois atingiu com maior intensidade a faixa etária produtiva e reprodutora (15 ⊢— 50). Dessa forma, torna a lavoura cafeeira deficitária quanto à força de trabalho, e diminue a taxa de "fecundidade", aspecto este negativo numa economia agrícola em que o elemento humano era o maior responsável pela produção.

Num levantamento das profissões entre os mortos por tifo, constatamos terem sido os colonos e os lavradores os mais atingidos.(Tabela 32).

As informações acerca das providências, tomadas contra o tifo, que se alastrou por todo o Estado, datam somente de 1913 quando,

> *...foi iniciada a campanha especifica contra a molestia, synthetizada pela vaccinação anti-thyphica, revisão dos abastecicimentos de água potável e da rede e dos exgottos no interior do Estado, guerra às moscas, etc.*(19)

Este documento parece bastante esclarecedor de uma situação deficitária que permaneceu durante um largo tempo, e que se pode constatar pela ineficácia de várias providências tomadas durante este mesmo período.

Assim, em 1891, já se efetuara a oficialização do serviço sanitário do Estado, designando para o seu desempenho uma inspetoria geral

Tabela 32

Negro e Branco Estrangeiro

Epidemia de Tifo

1875-1930

Profissao / Etnia	Colono	Lavrador	Ferroviário	Carpinteiro	Operário	Serv. Dom.	Pedreiro	Sapateiro	Alfaiate	Carroceiro	Prof. Lib.	Proprietário	Comerciante	Indigente	Outras	Sub-Total	Não há Inform.	Não se Aplica	Total
Negro	7	-	-	1	3	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2	14	22	2	38
Branco Estrangeiro	12	5	1	1	3	-	1	2	-	-	-	-	2	2	2	31	50	3	84
Total	19	5	1	2	6	1	1	2	-	-	-	-	2	2	4	45	72	5	122

FONTE de dados brutos: Ibid.

de higiene.[20] No ano seguinte, tal serviço acrescentara alguns ítens na legislação, visando uma melhor organização.[21] Fora atribuido um crédito de 500:000$000, para a construção de hospitais de isolamento e outras benfeitorias em diversas localidades.[22] Em 1896, as atribuições do serviço sanitário passaram às municipalidades.[23] Tais medidas pouco sucesso tiveram, uma vez que, 17 anos depois, em 1913, as condições sanitárias continuavam as mesmas, facilitando o contágio das epidemias em geral, e do tifo.

A epidemia de febre amarela,[24] causadora de tantos óbitos em todo o Brasil, verificou-se numa época de crise econômica. Seu alastramento por todo o país coincidiu com as grandes secas das províncias nordestinas e com os reflexos do término da guerra do Paraguai, quando o déficit das finanças aumentara.

O surto epidêmico da febre amarela se verifica em uma faixa de tempo, incluída para Edgard Carone[25], numa primeira etapa da evolução industrial brasileira, que se inicia com o encilhamento em 1890 e termina com a crise geral em 1900. Com o início da industrialização, aumenta aqui a instalação de capitais estrangeiros e a dívida externa permanece em uma sequência progressiva. A situação econômica do país, baseada na economia externa, tornava cada vez mais difíceis as condições de vida da massa trabalhadora, mais sensível pela subnutrição determinada por uma dieta alimentar mais pobre em proteínas, vitaminas e sais minerais. Aliada às deficientes condições de saúde pública em geral, torna-se bastante clara a presença de epidemias em nosso meio.

Desta forma, as dificuldades econômicas do país, atingiam diretamente a problemática do saneamento, causando grandes dificuldades para as autoridades. Em 1890, quando os dados demonstram a situação difícil da Saúde Pública, do Estado, a "Inspectoria de Hygiene", além de sofrer uma redução de pessoal, ainda conservou os mesmos exíguos vencimentos, sem portanto, despertar interesse nenhum para a melhoria dos serviços.

Este quadro geral, refletia-se em Rio Claro, conforme um ofício do Juíz de Direito, enviado à capital:

> *Tomamos a liberdade de levar ao vosso conhecimento que o estado atual d'esta cidade, sob o ponto de vista de hygiene é um motivo de sérias appreehensões para àqueles a quem cabe uma certa responsabilidade pela prosperidade e bem estar da população.*
> *...É bem de ver que não tendo sido removidas as causas do mal e nenhuma medida hygienica tomada, de modo a athenuar um tal estado de cousas, cada vez mais se aggravam, se multiplicam, os elementos mortíferos que trabalham, que minão a saúde pública, com grave prejuízo para o futuro desta localidade.*(26)

As condições ambientais eram bastante propícias à permanência ou proliferação da febre amarela.

Esta epidemia manifestou-se primeiramente na cidade de Santos, em 1880 e imediatamente foi liberada uma verba para tratamento dos indigentes que fossem acometidos do mal.(27) Em 1889, já havia duas enfermarias destinadas a abrigar os casos de epidemias de febre amarela identificados entre os imigrantes. Observa o Presidente da Província que estes casos eram "importados e não espontâneos".

Para o Município de Rio Claro, nota-se através dos atestados de óbito, que sua presença dar-se-á a partir de 1882. O trabalhador branco-estrangeiro foi o mais atingido, ao contrário do negro relativamente pouco afetado, com apenas 4 casos, para os quais não há informação do ano em que ocorreram, de acordo com os atestados de óbito. Quanto ao europeu, o maior índice de mortes ocorreu no ano de 1892 com um número bastante significante de 128 casos. Passados 4 anos, em 1896, a febre amarela volta a atingir a região de Rio Claro com 66 óbitos e em 1898 decresce com a presença de 33 óbitos, sendo esses, os anos mais críticos. O trabalhador branco-estrangeiro acusou cerca de 251 óbitos num total de 1.570 mortes. (Tabela 33).

Tabela 33

Negro e Branco Estrangeiro \
Epidemia de Febre Amarela: ano da morte
1875-1930

Etnia \ Ano	1882	1883	1884	1885	1886	1887	1888	1889	1890	1891	1892	1893	1894	1895	1896	1897	1898	1899	1900	1926	N.H.I.	Total
Negro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	4
Branco Estrangeiro	1	-	-	-	-	1	-	8	1	3	128	-	1	-	66	3	33	-	1	1	-	247
Total	1	-	-	-	-	1	-	8	1	3	128	-	1	-	66	3	33	-	1	1	4	251

FONTE de dados brutos: Ibid.

É curioso observar os dados dos Anuários Estatístico-Demográficos, dos anos de 1898 e 1901, sobre Rio Claro. Num quadro referente à Febre Amarela, ambos são coincidentes na informação de que, para 1895, não há nenhum caso desta doença. Para 1896, 57 casos; para 1897, 54 casos; para 1898, 10 casos; 1899, nada informam e para 1900 informam não ter havido nenhum caso.

Comparando os dados dos atestados de óbito, com esta informação oficial, parecem-nos significativos três aspectos para o Município de Rio Claro:

1º - Os dados dos atestados de óbito acusam, com exeção do ano de 1897, um número de mortes, por febre amarela, bem maior que o das estatísticas oficiais;

2º - Para 1892, verificamos um maior número através dos atestados de óbito;

3º - É preciso levar em conta que os resultados dos atestados de óbito referem-se apenas à população negra e branca-estrangeira, enquanto que os dados oficiais referem-se à população total, o que nos leva a uma espectativa de dados numéricos bem maiores.

Esta situação nos permite indagar da precisão das informações oficiais sobre uma epidemia de tão grande amplitude surgida em uma época de crise econômica, e numa região cujas condições materiais eram bastante precárias no tocante ao saneamento e saúde pública.

Quanto à faixa etária mais atingida, ocorre para a Febre Amarela, o mesmo já verificado com o Tifo. O maior número de casos para o branco-estrangeiro, atinge a faixa etária de maior intensidade da força de trabalho, que coincide exatamente com a maior probabilidade de fecundação, dos 15 aos 50 anos de idade. Mas, a faixa etária de 30 |— 40 anos foi a que apresentou maior número de óbitos com 68 mortes. A seguir, aumenta ligeiramente com 45 óbitos e de 15 |— 20 anos com 19 mortes. (Tabela 35).

Na epidemia de Febre Amarela, foi o sexo masculino o mais duramente atingido, com uma porcentagem bastante grande de 62,5% sobre o se

Tabela 34

Negro

Epidemia de Febre Amarela: idade e sexo
1875/1930

Idade / Sexo	15 ⊢ 20	20 ⊢ 30	30 ⊢ 40	TOTAL
Masculino	1	2	1	4
Feminino	-	-	-	-
Total	1	2	1	4

FONTE de dados brutos: Ibid.

Tabela 35

Branco Estrangeiro

Epidemia de Febre Amarela: idade e sexo
1875-1930

Idade / Sexo	0⊢ 1	1⊢ 5	5⊢ 10	10⊢ 15	15⊢ 20	20⊢ 30	30⊢ 40	40⊢ 50	50⊢ 60	60⊢ 70	70⊢80	80 e +	N.H.I.	Total
Masculino	1	2	4	3	14	58	52	36	15	10	2	-	3	200
Feminino	-	1	-	-	5	11	16	5	1	1	2	-	1	47
Total	1	3	4	3	19	69	68	45	16	11	4	-	4	247

FONTE de dados brutos: Ibid.

xo feminino.

Quanto à população negra, a epidemia não parece ter afetado tão duramente como quanto aos imigrantes europeus, e nos atestados de óbito localizamos somente 4, todos do sexo masculino e distribuidos entre as faixas etárias de 15 a 40 anos. (Tabela 34).

Em 1893, Bernardino de Campos, Presidente do Estado, diante da ação devastadora das epidemias, envia ao Congresso de São Paulo uma mensagem informando ter confiado às autoridades científicas o encargo de elaborar planos "Systemáticos e efficazes para debellar a invasão periódica do terrível flagelo em alguns pontos do estado". Além disso, informa também sobre outras providências tomadas por intermédio do Secretário do Interior, como por exemplo o processo de desinfecção por meio de aparelhos adequados e a criação de uma repartição própria.

Mais uma vez, vê-se confirmada a insuficiência das medidas de Saúde Pública, já que as epidemias persistiam. Mas o combate ao mal só teria sucesso, uma vez sanadas as precárias condições de higiene, ao lado da melhoria da alimentação da população trabalhadora.

As medidas de economia do governo recaiam quase sempre nos setores da Saúde Pública. Em 1899, foi dissolvida a Comissão de Saneamento,[28] no momento em que sua existência ainda se fazia necessária, tanto pelas próprias condições do setor Sanitário, que continuaram deficientes, quanto pelos dados da mortalidade, que persistiram pelos mesmos motivos.

Mas, somente em 1904, é que se tem notícia do desaparecimento da febre amarela no obituário do Estado.

Quanto ao carater epidêmico tomado pela varíola, que tantos prejuízos trouxe à comunidade brasileira, o Município de Rio Claro, parece ter sido bem pouco atingido pelo que mostram os atestados de óbito.

Pela Tabela 37, verifica-se apenas 3 óbitos de varíola entre os negros, e nenhuma referência ao branco-estrangeiro. Nota-se 2 casos para o ano de 1902, e 1 caso, sem informação do ano em que ocorreu. E houve o predominio do sexo masculino com 2 mortes sobre o feminino que re

Tabela 36

Negro

Epidemia de Varíola: Idade e sexo
1875/1930

Idade / Sexo	40 ⊢ 50	N.H.I.	TOTAL
Masculino	1	1	2
Feminino	-	1	1
Total	1	2	3

FONTE de dados brutos: Ibid.

Tabela 37

Negro

Epidemia de Varíola: Ano da Morte

Etnia / Ano	Negro	TOTAL
1902	2	2
N.H.I.	1	1
Total	3	3

FONTE de dados brutos: Ibid.

gistrou apenas 1 óbito. (Tabela 36).

Assim, os dados desta epidemia, qualificados através dos atestados de óbito, aparecem irrelevantes para a região de Rio Claro.

Os Relatórios dos Presidentes da Província,porém, apesar de não mostrarem dados numéricos, apontam, através de sua preocupação com a varíola, uma realidade ameaçadora.

Essa diferença de informações pode ser explicada, observando-se que os relatos oficiais preocupam-se com a população total, enquanto que neste trabalho foi apenas estudado o trabalhador negro e o branco-estrangeiro, excluindo-se o resto dos trabalhadores nacionais brasileiros.

É importante porém, registrar aqui, um depoimento do Presidente da Província de São Paulo para o ano de 1875, quando informa que Rio Claro, foi uma das cidades mais atingidas pela epidemia da varíola. Deve-se ressaltar também, que neste trabalho analisamos apenas os atestados de óbito referentes à massa trabalhadora negra e branca-estrangeira. Assim expressa o documento:

> *... Os efeitos da varíola foram desastrosos no ano precedente.*
> *...Onde a epidemia mais demorou-se e mais victimas fez foi na Capital, Rio Claro...*
> *No Rio Claro, extinguiu-se em agosto*(29)

Outra informação da incidência da varíola em Rio Claro está relatada num documento de 1883 sobre a autorização de uma despesa de 500.000$000 réis com o tratamento de enfermos (variolosos) naquela localidade.(30) A abertura do Lazareto, a 9 de setembro deste mesmo ano, abrigando 11 enfermos, vem completar os dados dos atestados de óbito.

Na região paulista o foco central era o porto de Santos, onde desembarcavam os imigrantes.

Em 1880,as despesas com a epidemia de varíola foram de 200$000 a 1.760$447 rs. em Santos e algumas cidades do interior.(31)

Em 1889, a situação sanitária era grave,pois, foram auto

rizadas providências para os consertos mais urgentes no antigo Lazareto da praia de Góes "afim de adaptar-se ao serviço dos imigrantes entrados no porto de Santos atacados de varíola..."(32)

Isto confirma a interferência do elemento europeu como veículo dessas epidemias, fato este, confirmado por vários Relatórios dos Presidentes da Província de São Paulo.

A varíola, afetou a população em geral, tanto no aspecto da morbidade como da mortalidade, reinando de forma tanto endêmica, quanto epidêmica(33), e tudo isto se deu apesar da criação da vacina e do "Instituto Vaccinico Provincial".(34) Isto porque "houve negligência,muito compreensível para o tempo, por parte das autoridades sanitárias e houve resistência do povo à inoculação".(35)

Resta ressaltar a constatação das epidemias de Sarampo(36), Malária(37) e Lepra(38),que também fizeram padecer nossa população.

Quanto ao Sarampo, uma informação de 1880(39),vem confirmar o início da epidemia e com carater grave, para o litoral, de onde pode surgir a impressão da atuação do estrangeiro também nessa epidemia.

Um documento de 1918,usando o termo "epidemia da Lepra", diz: "infelismente tem tomado um grande incremento nos últimos tempos pelo grande número de doentes que nos vêm de fora".(40) Este fato vem comprovar mais uma vez a participação do migrante, na constatação das epidemias, e a afirmação de que foi "trazida pelos europeus e pelos negros, manifestando-se com maior frequência nestes últimos".(41)

Quanto à Malária, os Relatórios dos Presidentes da Província de São Paulo, mostram que seu surgimento também provocou sérias dificuldades. Assim,em 1916, fala-se de grande número de vítimas,e em 1924(42), com a instalação dos Postos de Profilaxia da Malária, verifica-se que a doença se alastrara.

Quanto ao que demonstram os atestados de óbito de Rio Claro, é preciso dizer que tanto o Sarampo, como a Malária e a Lepra foram classificados nesta pesquisa entre as Doenças Infecciosas e Parasitárias,

aparecendo o Sarampo em 1905, a Lepra em 1918 e a Malária em 1924.

Assim, as condições de subdesenvolvimento da Região, salientadas no aspecto Sanitário e da Alimentação e agravadas pela assistência médica, acarretava um ambiente desfavorável para o trabalhador estrangeiro.

O panorama geral do Município de Rio Claro, constatando características marcantes de região subdesenvolvida, mostra-se, no período em estudo, bastante afetado pela mortalidade geral. Destaca-se, com carater epidêmico, a maior mortalidade para o Tifo e para Febre Amarela, sendo a maior incidência verificada para o elemento estrangeiro.

Notas Bibliográficas do III Capítulo

1 Sales Torres Homem,"L'abolition de l'esclavage",p. 421, in Mauricio Goulart, Escravidão Africana no Brasil, São Paulo, Livraria Martins Editora, s/d. p. 255.

2 Consultamos os Relatórios dos Presidentes da Província de São Paulo,dos anos de 1875 até 1930.

3 Mensagens apresentadas ao Congresso Legislativo de São Paulo, pelos presidentes do Estado e Vice-Presidente em exercício, desde a proclamação da República até ao anno de 1916. São Paulo, typ. do "Diário Official". 1916. p. 47.

4 Caio Prado Junior, História Econômica do Brasil, São Paulo, Editora Brasiliense, 3ª. edição, 1955 p. 181.

5 "Rigurosamente definida, una corriente migratória es el número total de traslados hechos durante determinado intervalo de migración procedente de una mesma zona de origem y encaminhados a una misma zona de destino. En la prática generalmente es un conjunto de migrantes que tienen una zona de origem comum y una zona de destino comum".
"Métodos de Medición de la migración interna", Estudios de Población, Nueva York, Nações Unidas, 1972, Manuel VI, nº 47 p. 2.

6 Há uma subdivisão entre os critérios estritamente demográficos: faixa etária e sexo e os critérios vários: sociais e culturais. Informação dada pelo Prof. Cândido Procópio Ferreira de Camargo, Curso de Dinâmica Populacional aplicada à Saúde Pública II, Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 1974.

7 Ver definição de "fatos vitais". Elza Perquó, M. L. Milanesi e Ruy Laurenti, Estatística Vital, São Paulo, Faculdade de Saúde Pública da USP, 9ª. edição, 1972 (mímeo) p. 1.

8 TIFO - Doença infecciosa produzida pelo bacilo Eberthella typhosa;o mesmo que tifo abdominal e febre tifoide.

9 Júlia Maria Leonor Scarano, op. cit. p. 121.

10 Exposição apresentada ao Dr. Jorge Tibiriçá pelo Dr. Prudente J. de Moraes Barros. 1º Governador do Estado de São Paulo, ao passar-lhe a administração no dia 18 de outubro de 1890. São Paulo typ. Vanorden & Comp.

- 1890, p. 9.

11 D.A.E.S.P. T.I.R. Juiz de Direito, 1847 - 1891, cx 60, nº 4.805 (MS.).

12 Caio Prado Junior, loc. cit. p. 217.

13 Exposição apresentada ao Dr. Jorge Tibiriçá pelo Dr. Prudente J. de Moraes Barros. op. cit. p. 84.

14 Relatório com que o Exmo. Monsenhor Dr. Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade, 5º Vice-presidente passou a administração da Província de São Paulo ao Exmo. Sr. Dr. Sebastião José Pereira,Presidente da mesma no dia 8 de junho de 1875, São Paulo, Typografia do Diário, 1875. p. 26.

15 Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo de São Paulo, pelo Vice-Presidente do Estado, Dr. José Alves de Cerqueira César, no dia 7 de abril de 1892, São Paulo, Typ. do Diário, 1892 p. 56.

16 Júlia Maria Leonor Scarano, O Imigrante: Trabalho, Saúde e Morte, Tese de Livre Docência apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina, 1974, p. 127.

17 Mensagens apresentadas ao Congresso Legislativo de São Paulo, pelos presidentes do Estado e Vice-presidentes em exercício desde a proclamação da República até o anno de 1916. op. cit. p. 87.

18 Elza Berquó, M. L. Milanesi e Ruy Laurenti, Estatística Vital,São Paulo, Faculdade de Saúde Pública da U.S.P., 9ª edição, 1972, (mímeo) p. 15.

19 Mensagem apresentada ao Exmo. Sr. Dr. Altino Arantes Marques, em 1º de maio de 1916 pelo Exmo. Sr. Dr. Francisco de Paulo Rodrigues Alves.s/e, s/d. p. 22.

20 LEI N. 12 - de 28 de Outubro de 1881.
Organiza o Serviço Sanitário do Estado. p. 13.

21 LEI N. 43 - de 18 de Julho de 1892.
Organiza o Serviço Sanitário do Estado. p. 25.

22 DECRETO N. 120 - de 29 de Outubro de 1892.
Abre à Secretaria do Interior um crédito de 500:000$000, no Tesouro do Estado, destinado à construção de hospitaes de isolamento em diversas localidades, bem como de um desinfectório central e pavilhão para isolamento, annexo ao hospital de variolosos da capital. p. 236.

23 LEI N. 432 - de 3 de Agosto de 1896.

Sobre o Serviço Sanitário do Estado de São Paulo.

24 Uma das mais formosas experiências da história da medicina, provara que os micróbios da febre amarela penetrava no corpo humano pelo ferrão do mosquito Stegomya, e que estes, desovavam sempre em águas paradas ou estagnadas.

25 Edgard Carone, A República Velha, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970, p. 76.

26 Exposição apresentada ao Dr. Jorge Tibiriçá pelo Dr. Prudente J. de Moraes Barros, op. cit. p. 84.

27 D.A.E.S.P. - T.I.R., Juiz de Direito, 1847-1891, cx 60, nº 4.805 (M.S.)

28 Mensagens apresentadas ao Congresso Legislativo de São Paulo, pelos presidentes do Estado, e Vice-Presidente em exercício desde a proclamação da República até ao anno de 1916. op. cit. p. 127.

29 Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo pelo Exmo. Sr. Dr. João Theodoro Xavier presidente da Província no dia 14 de fevereiro de 1875, São Paulo, Typ. do "Diário", 1875, p. 71.

30 Falla dirigida à Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo na abertura da 2ª. sessão da 24ª. Legislatura em 10 de janeiro de 1883 pelo presidente Conselheiro Francisco de Carvalho Soares Brandão, São Paulo, Typ. do Ypiranga, 1883, p. 26.

31 Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo pelo presidente da Província Laurindo Abelardo de Brito no dia 5 de fevereiro de 1880, Santos, typ. à Vapor do Diário de Santos, 1880, p.150.

32 Exposição com que o Exmo. Sr. Dr. Pedro Vicente de Azevedo passou a Administração da Província de São Paulo, ao Exmo. Sr. Dr. Barão de Guajará, no dia 11 de abril de 1889, São Paulo,Typ. à Vapor de Jorge Seckler & Comp. 1891, p. 21.

33 "História Geral da Civilização Brasileira", O Brasil Monárquico,São Paulo, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1967, 3º Vol. Tomo II, p.479.

34 Relatório dirigido à Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo, pelo 1º Vice-presidente da Província Conde de Três-Rios e apresentado - no ato de instalação da Assembléia pelo 4º Vice-presidente Dr. Manoel Marcondes de Moura e Costa, 17 de janeiro de 1882, Santos, Typografia à Vapor do Diário de Santos, 1882, p. 31.

35 História Geral da Civilização Brasileira, op. cit. p. 479.

36 SARAMPO - Doença infecciosa aguda, contagiosa, caracterizada por conjuntivite, febre e exantema.
F. A. Gonçalves Ferreira. Moderna Saúde Pública. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 1967, p. 680.

37 MALÁRIA - Infecção produzida por protozoários do gênero Plasmodium. Também é chamada febre intermitente, febre palustre, febres, maleita ou maleitas, paludismo ou impaludismo, sezão, sezonismo, tremedeira.
IBID p. 682.

38 LEPRA - Doença de bactérias, de localizações cutâneas e nervosas, evolução muito arrastada e de caráter epidêmico.
IBID. p. 649.

39 Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo, pelo presidente da Província, Laurindo Abelardo de Brito,op. cit.p.151.

40 Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo em 14 de julho, pelo Dr. Altino Arantes, Presidente do Estado de São Paulo, s/e, s/d, p. 23.

41 Mensagem apresentada ao Exmo. Sr. Dr. Carlos de Campos, em 1º de Maio de 1924, pelo Exmo. Snr. Washington Luis Pereira de Sousa, s/e, s/d, p. 80.

42 Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo, pelo presidente da Província, Laurindo Abelardo de Brito, op. cit. p. 151.

IV FATORES ECOLÓGICOS E ECONÔMICOS NA ADAPTAÇÃO DO MIGRANTE

O estudo da mobilidade espacial da população trabalhadora negra e branca estrangeira no Brasil, como fator de interferência na mortalidade e na força produtiva, abre novas perspectivas para os estudos históricos.

Assim, com este enfoque,visamos o conhecimento das transformações sofridas em Rio Claro, num estudo inter-disciplinar cujo interesse central é a comunidade, e mais explicitamente o povo.

Em Cartas do Brasil, Max Leclerc[1], comenta que se de um lado os paulistas incentivaram a imigração, de outro, não davam aos imigrantes melhores condições de adaptação,sem considerar a série de impactos sofridos pelo estrangeiro em terras desconhecidas.

A organização Panamericana de Saúde, através de estudos específicos, constatou esta necessidade de adaptação física do indivíduo a regiões diferentes onde passa a habitar. Assim, verificou-se que essa mudança ecológica a que está sujeito o imigrante, o debilita e expõe à enfermidade.

O grosso da massa trabalhadora, formada em grande parte por estrangeiros em geral no Brasil, no período em estudo, sofreu as agruras de uma adaptação a um meio físico novo, inserido em uma situação sócio econômica e cultural totalmente diversa.

Os "vitoriosos", entretanto, foram,como sempre, uma minoria. O grosso da mão-de-obra agrícola ou urbana encontrou e manteve um modesto e insatisfatório padrão de vida.

A agressividade do meio natural, ao elemento humano estrangeiro, talvez possa ser incluída entre as razões que levaram os viajantes do início do século XIX, a se preocuparem, principalmente no caso de São Paulo, com aspectos do meio (botânica, zoologia, mineralogia e etnografia)[2], além da curiosidade científica por novas regiões tropicais.

A flora e a fauna brasileira, assustava o imigrante. A extensão do território e o clima, atingiam-no diretamente,refletindo-se em sua saúde física, logo na sua produtividade também.

O trabalhador europeu recém chegado, na maioria das vezes com a saúde debilitada pela larga travessia, necessitava de forças redobradas para cumprir as obrigações de uma sociedade capitalista. Aqui chegando, encontrava, ao lado de uma verdadeira riqueza de animais úteis e belos, outros perigosos e nocivos.

Desde tempos remotos encontra-se nos relatos de viajantes, entre descrições sobre animais que serviam de alimento, outras, que traduzem o pavor do estrangeiro diante das ameaças das feras selvagens. Assim, entre as descrições dos animais de caça, tais como: tatu, porcos, capivaras, lagartos, encontramos a dos "tigres", "que estraçalham homens e causam grandes danos".(3)

Outro perigo enfrentado pelo trabalhador era a grande variedade de cobras, entre elas a cascavél, a coral e a jararaca.(4) Tinha por vez, que defender-se das vespas, que, em enxames perigosos, tornavam a fuga difícil; môscas, como a varejeira verde, as formigas, das quais, as "grandes e vermelhas", eram as mais daninhas, e cuja picada dolorosa era uma ameaça para aquele trabalhador vindo de fora. A existência de baratas, camondongos, besouros, e bicho de pé, em grande quantidade, causavam frequentemente, infecções fatais, numa ameaça contínua à vida dessa massa trabalhadora, com "valor de importação".

O relato dos viajantes expressa também a surpresa dos estrangeiros, diante das diferenças das estações do ano e do regime das chuvas, interferindo no curso dos rios e na força da vegetação. Tudo isto significava ao imigrante a adaptação a uma situação nova, onde deveria viver e "sobreviver".(5)

O clima e as chuvas no verão, copiosas e violentas, eram-lhe totalmente estranhas. Após uma visita à Fazenda de Ibicaba, em região próxima à Rio Claro, Thomaz Davatz nos dá esta descrição da intensidade do calor de verão:

> *Quem queria fugir ao risco de uma insolação ou de coisas peores, não fique muito*

> *tempo ao sol de cabeça descoberta. A terra se aquece por tal forma sob a influência dos raios solares, que seu contacto é insuportável mesmo aos que tem o hábito de andar descalço. Não é raro que as solas dos sapatos se desprendam chegando a queimar-se juntos aos pregos e assim desprender-se a força do calor. Não fosse o ar muito temperado pela própria umidade, intensa e constante, e o mercúrio subiria ainda mais. No entanto aqueles que vêm ao país em época de frio(junho, julho e agosto) ou que nele já viveram algum tempo, suportam tão facilmente quanto os suiços suportam as de seus vales.*(6)

Mas, parece-nos que quanto ao clima, não era somente a intensidade do calor que trazia embaraços ao trabalhador vindo de fora, mas também as repentinas oscilações de temperatura, às vezes em prazo muito curtos. Informa Davatz que o clima do interior do Brasil meridional, apesar de ser bastante saudável, contendo uma população com pessoas de até 100, 120 ou 130 anos, significava também uma barreira ao estrangeiro recém-vindo, fatigado e enfraquecido por uma penosa viagem e obrigado a uma alimentação diferente e para eles de difícil digestão. É claro, que as crianças eram as mais vulneráveis, e dentro dessas condições desfavoráveis eram vítimas constantes de moléstias, muitas vezes fatais. Conforme coloca Thomaz Davatz, as doenças mais comuns eram: a febre mucosa e a hidropsia, além das diarréias, coceiras e erupções.

Tal informação é comprovada para Rio Claro, com 25% das causa-mortis do total de atestados de óbito do grupo estrangeiro, ocasionadas por doenças classificadas como "Infecciosas e Parasitárias".(7) É preciso lembrar que, essa classificação abrange ainda vários tipos de verminoses, impaludismo, crupe, coqueluche, cólera, meningite, e outras. Essas moléstias caracterizam as regiões subdesenvolvidas, verificando-se principalmente onde as condições de higiene são precárias e a alimentação insuficien

te.

A maior mortalidade verificava-se nas faixas etárias mais baixas, e na idade produtiva. Assim, a faixa mais atingida situava-se entre 1⊢— 5 anos com um valor de 35,3% do total de 392 óbitos por esta doença, seguida pela faixa de 40⊢— 50 com um percentual bem mais baixo de 9,7% do mesmo total.(Tabela 38). A maior mortalidade para a faixa de 0⊢— 5 é explicada por ser a mais sensível às condições de subdesenvolvimento, principalmente de subnutrição. A sensibilidade maior às doenças infecciosas e parasitárias dos indivíduos de 40⊢— 50 anos, em relação ao restante, pode ser explicada pelo desgaste do trabalho pesado, em uma idade que marca a fase final da faixa produtiva.

Confirma-se ainda, a maior mortalidade para o sexo masculino com uma percentagem de 58,4 e o feminino com 41,7, com uma diferença portanto de 16,7%.

Às condições ecológicas, somavam-se as condições econômicas, refletidas principalmente na precariedade do setor sanitário. Desta forma, as altas temperaturas agravavam os resultados da péssima qualidade do saneamento.

Informa um ofício do Juíz de Direito de Rio Claro(8), que em 1891, a população foi atacada por uma epidemia "indeterminada", que aumentava de acordo com a temperatura mais elevada. Explica ele que o calor provocava a fermentação das matérias insalubres e "germes deleterios" afetavam a saúde pública, e ameaçavam até mesmo o futuro da cidade, caso não fossem tomadas certas providências quanto ao saneamento.

Assim sendo, o imigrante, com esperanças de melhoria de vida e trazido para suprir a carência da mão-de-obra, enfrentava, muitas vezes doente, zonas de precárias condições de saneamento, saúde pública, e o que é mais grave, de desnutrição. Por outro lado, os elementos sadios, frequentemente pela desadaptação às condições climáticas, alimentares e mesmo materiais e culturais, pareciam contaminados.

Além disso, ficavam sujeitos a um tratamento, discrimina

tório por parte dos fazendeiros, cuja mentalidade de senhores de escravos, de algum modo, era marcante, tratando-os dentro de um esquema diferencial de "classe".

Trabalhando então ao lado dos nacionais brancos e pretos (inclusive escravos e ex-escravos), o estrangeiro, no caso específico da área de Rio Claro, buscou um processo de integração, uma vez que sofria as mesmas pressões, sujeito que estava aos mesmos problemas que afetavam os trabalhadores nacionais em geral. Em termos competitivos, ele podia suplantar o nacional dada a valorização da sua imagem de branco europeu.

Por se tratar de estrangeiros, ainda não adaptados ao novo ambiente, muitas moléstias que tomavam forma de doenças virulentas e mortais poderiam ter sido evitadas, se tratadas adequadamente.

O comprometimento econômico de uma nação de "desenvolvimento para fora"(9), onde a dívida externa tendia sempre a aumentar, desafiava as necessidades do povo, da massa trabalhadora, sujeitando-o a precárias medidas, que serviam apenas para amenizar periodicamente o maior aparecimento de doenças, ou os surtos epidêmicos.

O trabalhador, em geral do Brasil, lutou por muito tempo, contra os efeitos da guerra do Paraguai, que desequilibrara ainda mais a vida financeira do país. Por outro lado, como coloca Caio Prado, "a multiplicação dos bancos, das empresas financeiras em geral, das companhias de seguro, dos negócios de bolsa, permite captar e mobilizar em larga escala, as fontes de acumulação capitalista".(10) Tudo isto, vai resultar, depois da extinção do Império, em 1889, em uma etapa de "evolução econômica". Tecnicamente, o Brasil desenvolvera bastante. Houve a expansão das estradas de ferro, da navegação fluvial a vapor, e até mesmo, embora em menor escala da rede rodoviária. Toda essa "evolução", devida à lavoura de café, baseada no mercado internacional, parece ter refletido muito pouco na vida cotidiana da população ativa. Numa contradição do próprio sistema econômico, as melhorias não chegavam até o trabalhador, que era o mais necessitado.

Desta forma, apesar do avanço da tecnologia, as grandes

Tabela 38 .

Branco Estrangeiro

Doenças Infecciosas e Parasitárias

IDADE / SEXO	0 ⊢ 1	1 ⊢ 5	5 ⊢ 10	10 ⊢ 15	15 ⊢ 20	20 ⊢ 30	30 ⊢ 40	40 ⊢ 50	50 ⊢ 60	60 ⊢ 70	70 ⊢ 80	80 E +	N.HI	TOTAL
Masculino	17	76	21	8	4	19	17	23	13	12	11	2	6	229
Feminino	12	62	16	3	3	11	12	15	9	12	4	2	2	163
T O T A L	29	138	37	11	7	30	29	38	22	24	15	4	8	392

Fonte de Dados: IBID.

dificuldades enfrentadas pela Economia Nacional persistiam e atingiam mais de perto a população trabalhadora, durante um período de pouco mais de meio século, refletindo-se nas condições de saúde pública, tanto de São Paulo, como do Município de Rio Claro.

No mesmo ano de extinção do Império, 1889, o Presidente da Província nos informa que o mau estado sanitário da mesma provoca, em várias cidades do interior, inclusive Rio Claro, "febres de máu caracter", dizimando a população e criando por sua vez, sérios prejuízos econômicos.(11)

O Presidente da Província de 1897, comentando a obra de Yves Guyot: Trois ans au ministère des Travaus Publics, utiliza-se da opinião do autor, para argumentar a necessidade de providências urgentes, em todos os setores da Saúde Pública. Afirma que, para combater as epidemias, era indispensável cuidar do Saneamento como a "sciencia e a experiência aconselham".(12)

Embora, o "Serviço de higiene", tenha passado por várias etapas de organização e embora, por vezes, tenham sido tomadas providências quanto à Saúde Pública e saneamento, parece-nos que elas foram um pouco acanhadas diante da gravidade da situação.

Este quadro, das precárias condições materiais da saúde do trabalhador, somava-se à subnutrição, decorrente das dificuldades econômicas enfrentadas. Como resultado temos a alta mortalidade da faixa jovem da população rioclarense, verificado pelas doenças Infecciosas e Parasitárias.

Desta forma, entre os 3.740 atestados de óbito da massa trabalhadora negra, branca estrangeira e descendentes, 37,7% ou seja 1.411 mortes são de indivíduos na faixa etária de 0 |— 15 (Tabela 39), significando um percentual bastante significativo diante das outras faixas etárias até 80 anos e mais.

Essa alta mortalidade jovem, englobando a mortalidade infantil, isto é, de 0 |— 1 ano, vai caracterizar, conforme o Dr. Ruy Laurenti(13), a situação de subdesenvolvimento da região.

Tabela 39

Rio Claro

Negro e Branco Estrangeiro: Mortalidade
1875-1930

Idade / Etnia	0 ⊢1	1⊢ 5	5⊢ 10	10 ⊢15	15⊢ 20	20 ⊢30	30 ⊢ 40	40⊢ 50	50⊢ 60	60⊢ 70	70⊢80	80 e +	N.H.I.	Total
Preto	449	428	42	33	47	143	175	159	132	135	96	142	189	2170
Branco Estrangeiro	74	269	84	32	55	190	215	199	133	142	102	38	37	1570
Total	523	697	126	65	102	333	38C	358	265	277	198	100	226	3740

FONTE de dados brutos: Ibid.

Outro indício de situação precária de desenvolvimento é mostrado pela Tabela 40, onde as doenças classificadas como "infecciosas e parasitárias" aparecem em primeiro lugar com 1.133 mortes,ou 30,2% do total de óbitos estudados. Estas doenças, incluindo as epidêmicas, atacam com mais frequência o indivíduo enfraquecido pela subnutrição, em condições deficientes de higiene e saneamento.

Esse panorama de subdesenvolvimento se apresentava ao estrangeiro, como um forte desafio à sua resistência. Ainda assim,o imigrante cumpriu de certa forma o objetivo da política governamental, ou seja, preencher a necessidade de mão-de-obra na lavoura cafeeira.

Em relação à indústria, o imigrante tornou-se, sem dúvida, um elemento dinamizador, inclusive na área de Rio Claro, cuja industrialização tem início com a crise do café em fins do século XIX.(14)

Não apenas em decorrência de seu passado operário, os imigrantes, em grande número politizados, estão ligados as reivindicações de classe. Em Rio Claro,no início do século teve lugar uma famosa greve da Companhia Paulista. Mas, este Município, como núcleo urbano em desenvolvimento, estava longe de se constituir um centro industrial representativo, predominando, por muito tempo, as atividades agrícolas. Apesar disto, por volta de 1920, Rio Claro já não estava entre os dez primeiros produtores de café, predominando porém a lavoura de subsistência, conforme mostra a Tabela 41.

Até 1930, não havia então uma separação nítida entre o trabalho rural e urbano no Estado de São Paulo. Isto dificulta uma precisão na diferenciação das condições de vida entre o homem rural e o da cidade.

De acordo com os sociólogos Sorikin e Zimmermann(15), a diferenciação entre uma sociedade rural e urbana, é sumamente complexa. Afirmam aqueles autores que, para tal procedimento, segundo um ponto de vista clássico, aponta-se critérios diferenciais fundamentais referentes a vários traços da sociedade rural e da sociedade urbana. Colocam,como o principal traço diferencial, a ocupação, que seria fundamental para essa tipifica

Tabela 40

Rio Claro

Negro e Branco Estrangeiro: Causa-Mortis

1875-1930

Causa Mortis / Etnia	Não há inform.		Não se Aplica		Mal definidas		Doenças Pecul.		Causas Maternas		Tumores		Aparelho Respiratório		Infec. e Parasit.		Varíola		Tifo		Febre Amarela		Aparelho Circulatório		Acidentes		Outras		Total	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Negro	204	9,4	30	1,3	212	9,7	46	2,1	14	0,6	10	0,4	167	7,6	741	34,1	3	0,1	34	1,5	4	0,1	277	12,7	65	2,9	363	16,7	2170	100,0
Branco Estrangeiro	141	8,9	7	0,4	157	10,0	2	0,1	36	2,2	24	1,5	73	4,6	392	24,0	0	0	84	5,3	247	15,7	104	6,6	48	3,0	255	16,2	1570	100,0
Total	345	18,2	37	1,7	369	19,7	48	2,2	50	2,8	34	1,9	240	12,2	1133	59,0	3	0,1	118	6,8	251	15,8	381	19,3	113	5,9	618	32,9	3740	100,0

FONTE de dados brutos: Ibid.

Tabela 41

Rio Claro

Estabelecimentos Rurais Por Produtores (Área Cultivada)

1920

Produtos	Produtores	Área cultivada por produtos (em He.)
Arroz	652	1.792
Milho	716	4.419
Trigo	3	Não há informação
Feijão	626	1.471
Batata inglesa	312	592
Mandioca	17	105
Algodão	131	312
Cana de açucar	57	153
Fumo	8	6
Mamona	10	26
Café	236	14.871

Fonte de dados brutos: Recenseamento do Brasil, 1920, Vol. III, 2º parte.

ção. Na sociedade rural, os indivíduos estão essencialmente ligados a atividades agrícolas, tais como, exploração e cultivo da agricultura e criação de animais. No meio urbano, a preocupação maior é a transformação da matéria prima em produtos industrializados.

A diferença ambiental marca o homem do campo e o homem da cidade. O ambiente de trabalho, na agridultura e pecuária, vai expô-lo as agressões do meio físico, e consequentemente às variações climáticas.

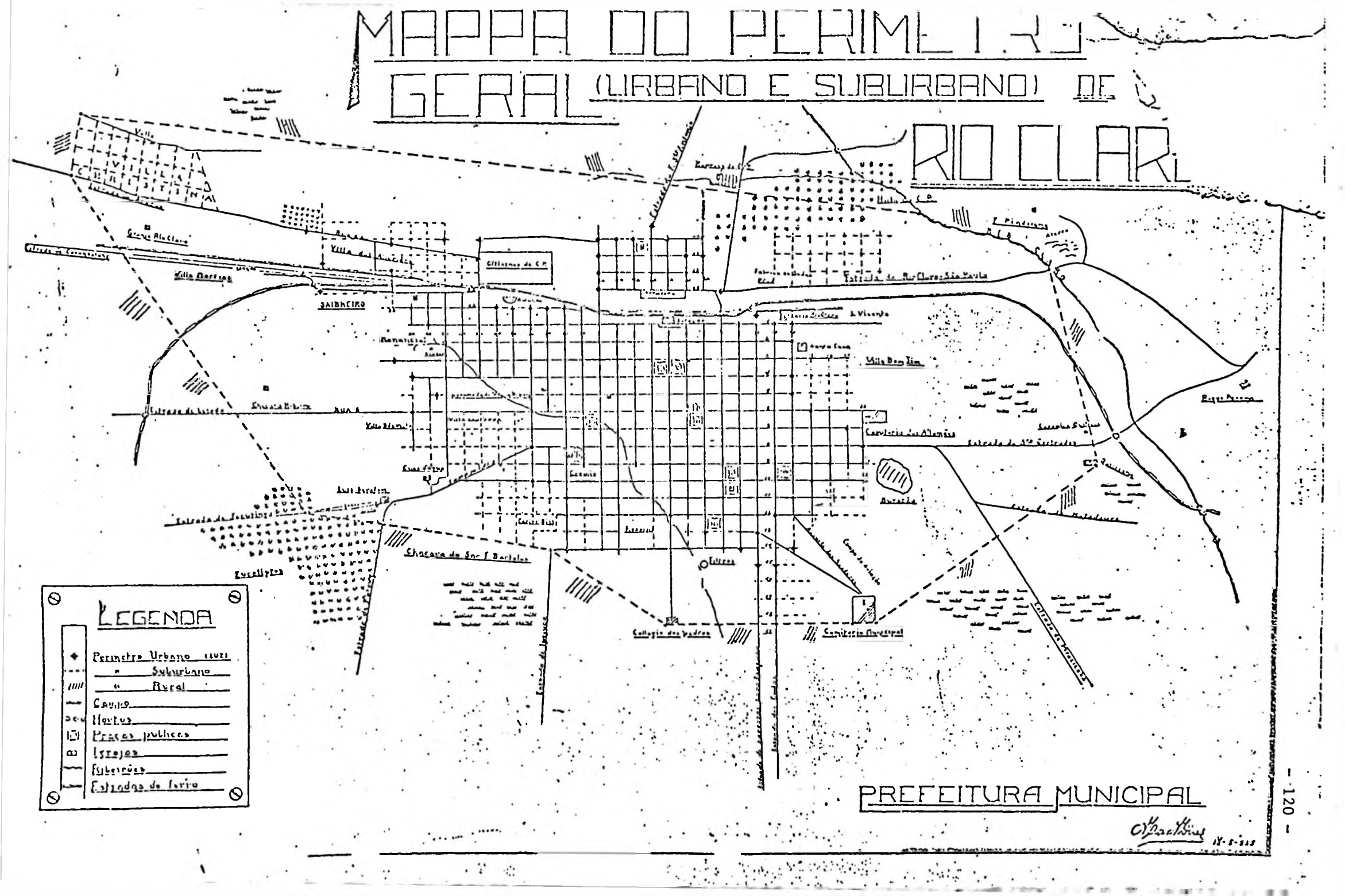
Outras diferenças são ainda encontradas, tais como: diferença no tamanho das comunidades, sendo mais extensas as rurais e também maior homogeneidade psicossocial nos habitantes rurais.(16)

O mapa da figura 4 permite uma visualização dos perímetros rurais e urbanos de Rio Claro para o ano de 1935. A necessidade da divisão do perímetro suburbano, como uma região intermediária neste mapa, demonstra ainda a inexistência de uma separação nítida entre a zona rural e urbana. Além disso, a zona urbana aparece como relativamente pequena, em relação à suburbana e a rural.

Para maior riqueza de análise, quanto às profissões rurais ou urbanas, retomamos o ano de 1872, através dos dados quantitativos do primeiro censo geral, numa comparação com os dados dos atestados de óbito.

Desta forma, através da análise de dados do Censo encontramos para Rio Claro, em 1872, conforme a Tabela 42, entre 12.243 habitantes, um total de 4.632 indivíduos sem profissão, sendo que 92,7% eram brasileiros, 0,2% de estrangeiros e 7,1% de escravos. Isto vem apenas confirmar, a quase total desvalorização da mão-de-obra nacional. Notamos que a maior parte dos trabalhadores dedicavam-se à lavoura em um total de 4.504 indivíduos, cabendo o maior índice percentual aos escravos com 55,4% seguido pelo estrangeiro com 44,6% e finalmente pelos brasileiros com 39,1. Aqui, cabe lembrar que em 1872 ainda havia uma predominância do trabalho escravo, que constava como superior ao do nacional livre, e que ainda não havia sofrido, com muita intensidade, a competição dos imigrantes europeus. Em segui

MAPPA DO PERIMETRO GERAL (URBANO E SUBURBANO) DE RIO CLARO



da, notamos um grande número de indivíduos desempenhando serviços domésticos, com 59,4% de brasileiros, 28,2% de escravos e 17,4% de estrangeiros.

Numa análise geral, a Tabela 42 nos mostra, através de dados censitários, a predominância do trabalho no campo.

Comparando os resultados do Censo, de 1872, com aqueles que obtivemos através das informações dos atestados de óbito, dos estrangeiros, do Império à República Velha, podemos perceber que as atividades de maior índice são as rurais. Desta forma, pela Tabela 43, encontramos o maior percentual de mortalidade entre os imigrantes, "colonos", e "lavradores", tendo o primeiro um total absoluto de 151 indivíduos e o segundo 107.

Um grande número de indivíduos, cerca de 396, estão na categoria, Não se Aplica, o que, por classificação da pesquisa, corresponde a população infantil. Entre as profissões, ditas urbanas, como comerciantes, ferroviários, carpinteiros, operários, o profissionais liberais, a mortalidade decresceu sencivelmente.

Tudo denota que a tipificação da comunidade rioclarense, tendo a conter-se no âmbito rural, onde a grande concentração de pessoas se localizava nas fazendas de café.

Os fatores ecológicos e econômicos que interferiam nas condições de vida do trabalhador, e principalmente o estrangeiro, eram as mesmas, tanto no campo, como na cidade.

Ainda em 1918, as condições precárias, a que eram submetidos os trabalhadores, são comprovadas na demonstração do ambiente da zona rural descrito, através da necessidade de providências urgentes mostradas pelo Presidente da Província do mesmo ano.

> *A adopção e a prática dum "Código Sanitário Rural", que encerre disposições relativas à proteção do sólo, dos mananciaes dos cursos d'água á correcção de accidentes topographicos geradores de fócos de mosquitos, ás construções e á vida do campo, á polícia sanitária dos animais, para*

Rio Claro
Condição Social e Profissões
Censo de 1872

Condição Social / ...ões	Livres						Escravos		Total	
	Brasileiros		Estrangeiros		Sub-Total					
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
...eiras	445	79,6	49	8,8	494	88,4	65	11,6	559	100,0
...metais	4	18,2	6	27,3	10	45,5	12	54,5	22	100,0
...madeiras	102	58,3	27	15,4	129	73,7	46	26,3	175	100,0
...edificações	15	19,8	23	30,2	38	50,0	38	50,0	76	100,0
...couros e peles	7	38,9	2	11,1	9	50,0	9	50,0	18	100,0
...vestuários	15	44,1	8	22,5	23	67,5	11	32,4	34	100,0
...chapéus	3	20,0	6	40,0	9	60,0	6	40,0	15	100,0
...dores	1759	39,1	249	5,5	2008	44,6	2496	55,4	4504	100,0
...os e jornaleiros	283	45,9	77	12,5	360	58,4	257	41,6	617	100,0
...go doméstico	632	59,4	203	17,4	835	71,8	327	28,2	1162	100,0
...rofissão	4294	92,7	10	0,2	4304	92,9	328	7,1	4632	100,0
...s	290	67,6	139	32,4	429	100,0	-	-	429	100,0
	7849	64,1	799	6,5	8648	70,6	3595	29,4	12243	100,0

...ASTRO, J.B., Morte e Vida do Negro Paulista: São João Baptista do Rio Claro (Tese de ...ivre Docencia, Inédita)

Tabela 43

Estrangeiros

Profissão do Individuo e Causa-mortis

1875 - 1930

Profissão / Causa-mortis	Nº declarados	%	Menores de 1 ano	%	Causas externas Nº	%	Quedas Nº	%	Aparelho respiratório Nº	%	Infecções intestinais Nº	%	Varíola Nº	%	Tifo Nº	%	Febre amarela Nº	%	Circulatório Nº	%	Acidentes Nº	%	Outros Nº	%	Sub-total Nº	%	Não foi inscrito Nº	%	Não se aplica Nº	%	Total Nº	%
Caixeiro	16	10,2	-	-	4	11,1	2	8,3	22	33,7	32	8,2	-	-	12	14,3	15	6,1	22	33,5	4	8,3	33	12,9	160	5,9	11	7,8	-	-	171	9,5
Lavrador	16	10,2	-	-	1	2,8	2	8,3	3	4,1	15	3,8	-	-	5	6,0	17	6,9	10	9,6	5	10,4	22	8,6	55	6,6	11	7,8	-	-	107	6,5
Ferroviário	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1,2	4	1,6	-	-	1	2,1	1	0,4	7	0,5	-	-	-	-	7	0,5
Carpinteiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1,2	2	0,8	-	-	-	-	-	-	4	0,3	-	-	-	-	5	0,3
Cigarreiro	5	3,2	-	-	-	-	-	-	1	1,4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,4	1	0,1	-	-	-	-	1	0,1
Serv.Domésticos	1	0,6	-	-	1	2,8	-	-	1	1,4	6	1,5	-	-	3	3,6	7	2,8	-	-	1	2,1	3	1,2	25	1,5	-	-	-	-	25	1,6
Ferreiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,3	-	-	-	-	-	-	2	1,9	-	-	2	0,8	7	0,5	18	12,5	-	-	25	1,6
Sapateiro	1	0,6	-	-	-	-	-	-	1	1,4	-	-	-	-	1	1,2	2	0,8	1	0,9	1	2,1	1	0,4	6	0,4	1	0,7	-	-	7	0,5
Alfaiate	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2,4	4	1,6	-	-	3	6,3	-	-	11	0,8	-	-	-	-	11	0,8
Carroceiro	1	0,6	-	-	-	-	2	8,3	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,4	1	0,9	-	-	-	-	4	0,3	-	-	-	-	4	0,3
Jornaleiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,4	-	-	1	2,1	-	-	3	0,2	1	0,7	-	-	4	0,2
Empresário	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,9	-	-	-	-	1	0,1	-	-	-	-	1	0,1
Comerciante	4	2,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	0,8	2	0,1	1	0,7	-	-	3	0,1
Indigente	2	1,3	-	-	1	4,2	-	-	-	-	2	0,5	-	-	2	2,4	5	2,0	4	3,8	2	4,2	3	1,2	21	1,6	1	0,7	-	-	24	1,5
Outros	1	0,6	-	-	3	8,3	-	-	-	-	8	2,0	-	-	2	2,4	9	3,6	2	1,9	-	-	2	0,8	28	2,0	-	-	-	-	28	2,0
Sub-total	67	29,9	-	-	9	25,0	7	29,1	28	27,0	4	1,1	-	-	2	2,4	8	3,2	3	2,9	3	6,3	2	0,8	21	1,6	2	1,4	-	-	25	1,6
Não foi inscrito	53	33,8	-	-	27	75,0	16	66,7	38	52,1	133	33,9	-	-	50	59,5	165	66,8	65	62,5	20	41,7	125	49,0	652	45,6	54	35,3	-	-	706	47,1
Não se aplica	57	36,3	2	100,0	-	-	1	4,2	26	25,0	191	48,7	-	-	3	3,6	7	2,6	3	2,5	7	14,6	59	23,1	349	24,5	40	25,4	7	100,0	396	25,4
TOTAL	257	100,0	2	100,0	36	100,0	24	100,0	73	100,1	392	100,0	-	-	61	100,2	247	99,8	104	99,7	48	100,2	255	100,0	1432	100,0	142	100,0	7	100,0	2570	99,5

FONTE: SCARANO, J.N.L., op.cit.

> *impedir o desenvolvimento das epizootias transmissíveis ao homem; fará baixar enormemente a mortalidade no interior do Estado, si não fizer desapparecer de todo o impaludismo, dysenteria, e a ankylostomia se, molestias facilmente evitáveis e entretanto, de tratamento longo, difficil e ás vezes mesmo improficio.*(17)

Desta forma, parece claro que, embora oficialmente o trabalho passe a ser livre, na zona rural, ele ainda permanecerá por muito tempo numa situação de miséria e ignorância, comparável à dos tempos da escravidão.(18) E a permanência, por largo período, das características rurais de Rio Claro, é constatada também através do exame das informações específicas de onde trabalhavam as pessoas, num período de cinquenta e cinco anos.

Assim, os resultados da Tabela 43 vão ser confirmados, quando examinamos a Tabela 44, onde a variável local de trabalho, vai apresentar maior concentração nas "fazendas", com 176 indivíduos, seguida de 19 indivíduos que trabalhavam na zona de "Rio Claro" (município) e finalmente 4 indivíduos nos Sítios, que eram as propriedades menores.(19) Apesar de grande falta de informação encontrada para as duas variáveis utilizadas nesta Tabela, a análise dos sub-totais, nos confirma as tendências rurais do município, que só vão se atenuar, quando o processo de desenvolvimento - da industrialização se tornar efetivo. A influência da vida urbana se fez sentir de maneira mais marcante com o advento das ferrovias.

Em 1873, foi firmado o contrato para a construção da Estrada de Ferro Campinas a Rio Claro.(20) Conforme as informações dos Presidentes da Província de 1875(21), 1876(22), 1880(23) e 1881(24), houve uma expansão progressiva que aumentou ainda mais de 1882 em diante conforme o Mapa da figura 5.

Da mesma forma, este meio de transporte moderno, atuando em uma região de grande produção cafeeira veio certamente modificar o estilo de vida. Apesar disto, a expansão das estradas de ferro, também foi afe

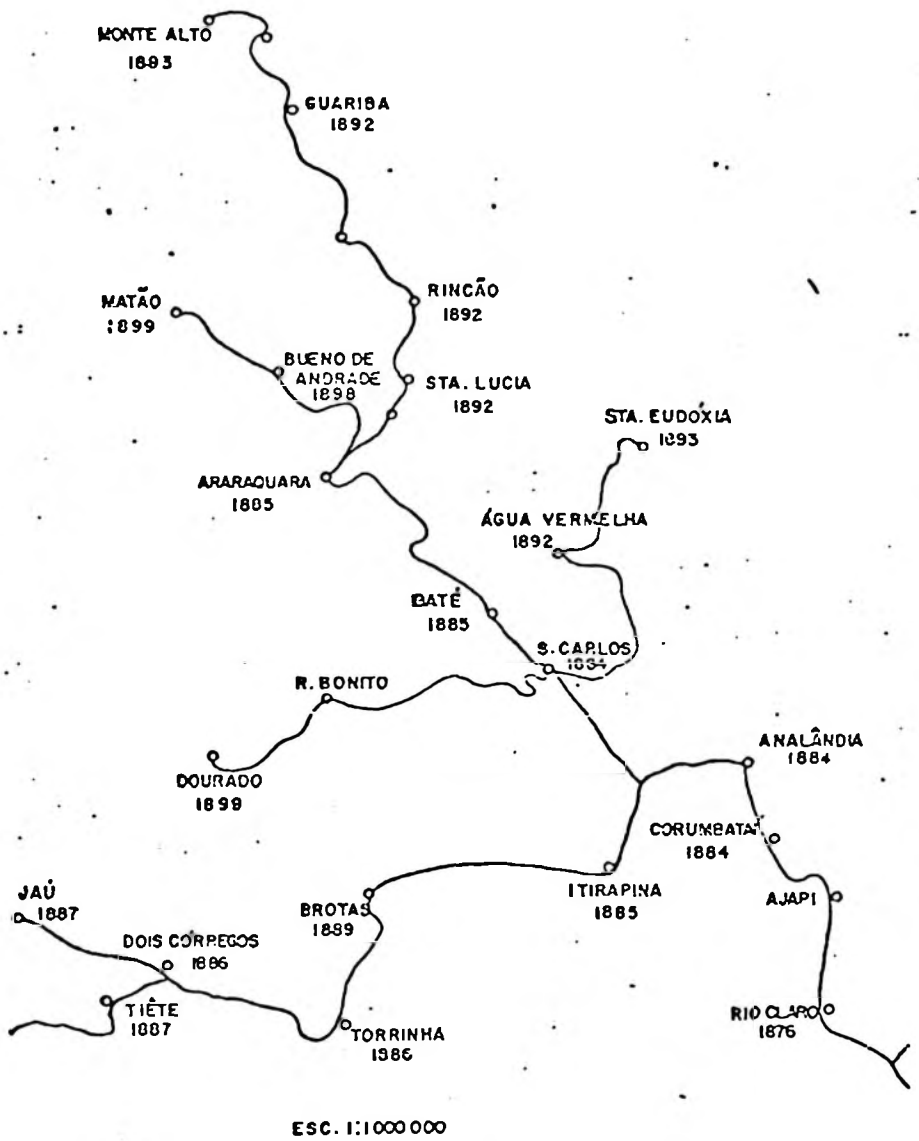
Tabela 44
Estrangeiros
Profissão do Indivíduo e Local de Trabalho
1875 - 1930

Local de Trabalho / Profissão do Indivíduo	Rio Claro		Fazendas		Sítios		Outras		Sub-total		Não há inf.		N.s. aplic.		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
LOMO	1	5,0	170	68,2	-	-	-	-	151	60,2	30	3,2	-	-	151	9,5
VIRADOR	1	5,0	42	24,0	3	73,0	-	-	46	22,0	61	6,4	-	-	107	6,8
RROVIÁRIO	1	5,0	-	-	-	-	-	-	1	0,5	6	0,6	-	-	7	0,4
RPINTEIRO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	0,5	-	-	5	0.5
ERÁRIO	1	5,0	5	2,8	1	23,0	-	-	7	3,5	18	1,9	1	0,2	26	1,7
ÉSTICOS	-	-	1	0,6	-	-	-	-	1	0,5	24	2,5	-	-	25	1,5
REIRO	1	5,0	-	-	-	-	-	-	1	0,5	6	0,6	-	-	7	0,4
ATEIRO	1	5,0	1	0,6	-	-	-	-	2	1,0	9	0,9	-	-	11	0,7
ALATE	1	5,0	-	-	-	-	-	-	1	0,5	3	0,3	-	-	4	0.3
ROCEIRO	1	5,0	1	0,6	-	-	-	-	2	1,0	2	0,2	-	-	4	0,3
F. LIBERAL	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,1	-	-	1	0,0
RIETÁRIO	1	5,0	-	-	-	-	-	-	1	0,5	2	0,2	-	-	3	0,1
ERCIANTE	8	40,0	1	0,6	-	-	-	-	9	4,5	15	1,6	-	-	24	1,5
GENTE	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	0,6	22	5,3	28	1,8
S	2	10,0	5	2,8	-	-	-	-	7	3,5	18	1,9	-	-	23	1,6
total	19	95,0	176	100,2	4	100,0	-	-	199	99,1	206	21,5	23	5,5	433	27,4
há inf.	1	5,0	-	-	-	-	1	100,0	2	1,0	739	77,6	5	1,2	746	47,5
se aplica	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	0,7	389	93,3	396	25.2
T A L	20	100,0	176	100,2	4	100,0	1	100,0	201	100,1	252	99,8	417	100,0	1570	100.1

SCARANO, J.M.L., op.cit.

FIGURA 5

EXPANSÃO DAS VIAS FÉRREAS A PARTIR DE RIO CLARO, 1882-1900



FONTE. Diana M. Leal. Rio Claro e o Café: desenvolvimento, apogeu e crise. (Tese de Doutoramento, F.F.C.L. Rio Claro, mimeo) 1973

tada pela situação econômica do país, uma vez que elas dependiam de instrumentos.(25)

"Antes da instalação da ferrovia, os recursos dos proprietários rurais concentravam-se na própria fazenda; porém, com o advento daquela, a influência da vida urbana se fez sentir de forma marcante nas propriedades rurais".(26) Suprindo as dificuldades de transporte, e dos meios de comunicação, a instalação da ferrovia, ampliou os recursos dos fazendeiros. Como exemplo do seu reflexo na zona rural, podemos citar a Fazenda Santa Gertrudes(27), em Rio Claro, na qual sua interferência foi facilmente notada. Silva M. B. Bassanezi(28), em uma análise das influências da ferrovia nesta fazenda, coloca que em 1898, a sede já era iluminada a gás acetileno, e em 1902 a fazenda já usufruia da energia elétrica. Acrescenta, ainda, que em 1904, o telefone colocava-a em contato com vários núcleos urbanos do interior e com a Capital.

Essas e outras características, marcavam a presença do sistema capitalista de produção, que fazia substituir o maquinário agrícola primitivo, por um moderno e mais produtivo.

As técnicas foram se renovando e o antigo emprego do pilão, na cafeicultura, tão bem descrito por Stanley Stein, na região de Vassouras(29), foi sendo trocado por métodos bem mais complexos e aperfeiçoados de beneficiamento. O crescente mercado cafeeiro exigia cada vez mais, outros implementos industriais.

Em 1920, encontramos um total de área cultivada em Rio Claro, de 22.133 hectares, conforme o Recenseamento Geral. Num total de 803 estabelecimentos recenseados, encontramos conforme a Tabela 45, um grande número de estabelecimentos que se utilizavam de instrumentos agrícolas desde o arado, até os mais complexos, como as semeadeiras, os cultivadores,os tratores, etc. Os tipos de mecanismos usados para o beneficiamento de produtos agrícolas, variavam desde hidráulicos, a vapor,e até elétricos . (V. Tabela 46).

O estudo dos atestados de óbito da Região de Rio Claro,

Tabela 45

Rio Claro

Estabelecimentos onde existem instrumentos agrarios

1920

Tipos de Instrumentos	Nº de Estabelecimentos possuidores	Quantidade de Instrumentos
Arados	556	1.037
Grades	360	452
Semeadeiras	23	25
Cultivadores	52	98
Ceifadores	14	26
Tratores	5	11

FONTE de dados brutos: Recenseamento de 1920 - Vol. III, 2º parte.

Tabela 46

Rio Claro

Maquinismo para beneficiamento de produtos agricolas

1920

Tipos de Beneficiamento	Quantidade
Animais	25
Hidráulica	36
A vapor	54
Elétrica	18
Indeterminados	36

FONTE de dados brutos: Ibid.

demonstram que, a transição do processo das técnicas rudimentais para as mais aprimoradas, em nada mudou as condições de vida do trabalhador, o qual permanecia num regime de subnutrição e de precariedade sanitária.

De modo geral, essa era a situação que cercava o trabalhador, durante todo o período em estudo, e principalmente o homem do campo, que enfrentou sempre dois grandes problemas essenciais: a falta de escola e a falta de assistência médica. Conforme Montoya, esses dois fatores são inter-relacionados, uma vez que a falta de escolaridade, somada a outros fatores, tais como nível econômico-social, cultural, demográfico e psicosocial, "modela as condutas de utilização dos serviços médicos, por parte de uma população..."(30) Desta forma, é necessário lembrar-se que, além da precariedade da assistência médica, as regiões subdesenvolvidas contavam com fatores de desvalorização da mesma, destituindo-lhe os propósitos.

O panorama das dificuldades, provenientes do subdesenvolvimento na região de Rio Claro, tornava-a carente de cuidados especiais na preservação do bem estar físico de seus trabalhadores.

Notas Bibliográficas do Capítulo IV

1 Max Leclerc, Cartas do Brasil. São Paulo. Editora Nacional, 1942.

2 Sergio Milliet, loc. cit. p. 15.

3 Hans Staden, Duas Viagens ao Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Livraria Itatiaia, Editora Ltda., 1974, p. 191.

4 Thomas Davatz, Memórias de um colono no Brasil, tradução e introdução de Sérgio Buarque de Holanda; São Paulo: Livraria Martins, 1941, p. 65.

5 C. A. Miró, e E. Behn, "Interrelaciones entre salud y poblacion" Publicaciones Científicas nº 232 s.d., p. 25.

6 Thomas Davatz, loc. cit. p. 43.

7 As doenças citadas por Davatz, foram neste estudo, englobadas na categoria de "Doenças Infecciosas e Parasitárias", conforme uma adaptação de "Classificação Internacional de Doenças", elaborada sob a orientação do Prof. Dr. Ruy Laurenti.

8 DAESP-TIR. Juiz de Direito, 1847 - 1891 cx.60, nº 4.805 (MS.)

9 Boris Fausto, Pequenos Ensaios de História da República: (1889-1945). - São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento,(CEBRAP), 1972 caderno 10.

10 Caio Prado Junior, loc. cit. p. 200

11 Exposição com que o Exmo. Snr. Dr. Pedro Vicente de Azevedo passou a Administração da Província de São Paulo ao Exmo. Sr. Dr. Barão de Guajará no dia 11 de abril de 1889. São Paulo, Typ. a Vapor de Jorge Seckler & Comp. 1889. p. 31.

12 Falla dirigida à Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo, pelo Presidente da Província em 7 de abril de 1896, São Paulo, Typ. à Vapor de Jorge Sckler & Comp. 1896. (190 pgs.).

13 Ruy Laurenti, "Alguns aspectos da mortalidade de crianças em três áreas brasileiras", in crescimento populacional, cadernos CEBRAP, São Paulo, 1973, nº 16, p. 75.

14 Warren Dean, A Industrialização de São Paulo. São Paulo: Difusão Européia, 1971.

15 Tomás Szmrecsanyi e Oriovalda Queda: Vida Rural e Mudança Social, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1973. p. 12.

16 IBID p. 15.

17 Mensagens apresentada ao Congresso Legislativo, em 14 de julho de 1918 pelo Dr. Albertino Arantes, Presidente do Estado de São Paulo s.e. s.d. p. 22.

18 Stanley Stein, Grandeza e decadência do café, São Paulo, Editora Brasiliense, 1961 p. 257.

19 Diana M. Leal, Rio Claro e o Café: desenvolvimento, apogeu e crise,1850 a 1900. Tese de Doutoramento, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, 1973 (mímeo) p. 46.

20 Relatório com que o Exmo. Monsenhor D. Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade 5º Vice-Presidente passou a Administração da Província de São Paulo ao Exmo. Sr. Dr. Sebastião José Pereira, presidente da mesma. No dia 8 de junho de 1875, São Paulo, Typografia do "Diário", 1875. p. 5.

21 Relatório apresentado pelo Exmo. Sr. Dr. Sebastião José Pereira, Presidente da Província a Assembléia Legislativa Provincial no dia 27 de junho de 1875 por ocasião da abertura de sua Reunião Extraordinária, São Paulo, Typografia do "Diário", 1875 p. 13.

22 Relatório apresentado á Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo pelo P.P. Exmo. Sr. Dr. Sebastião José Pereira em 2 de janeiro de 1876, São Paulo, typ. do "Diário", 1876 p. 14.

23 Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo, pelo presidente da Província Laurindo Abelardo de Brito no dia 5 de fevereiro de 1880, Santos, Typografia à vapor do Diário de Santos. 1880 p. 38.

24 Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo pelo presidente da Província Laurindo Abelardo de Brito no dia 13 de janeiro de 1881, Typografia à Vapor do Diário de Santos, 1881 p. 134.

25 IBID p. 56.

26 IBID p. 72.

27 Esta propriedade do atual município de Santa Gertrudes, pertenceu ao de Rio Claro até 1948 como uma das mais importante fazendas paulistas, du

rante a expansão e apogeu da lavoura cafeeira na região... Ver Tese de Doutoramento da ex-bolsista da F.A.P.E.S.P., M. Silvia B. Bassanezi op. cit. p. 15.

28 M. Silvia B. Bassanezi, loc. cit. p. 85.

29 Stanley Stein, op. cit. p. 33.

30 C. Montoya, "Algumas relaciones de la atención médica con el Sistema social", Cuadernos Medico-Sociales, nº 4/27, Dec. 1969.

CONCLUSÕES

O estudo da mortalidade da faixa etária jovem da população rioclarense, mostra, para todo o período de 1875 a 1930, características de "subdesenvolvimento", fundamentadas na tipologia das causa-mortis.

Por meio de elementos dos estudos de Saúde Pública, é que foi dada a este estudo, uma conotação especial à incidência marcante das doenças Infecciosas e Parasitárias da mortalidade infantil. Estes dois aspectos comprovam as precárias condições de vida da massa trabalhadora preta e branca estrangeira.

As acelerações sofridas na dinâmica populacional de Rio Claro, provocadas pela cafeicultura, são demonstradas através do estudo dos dois eventos demográficos: mortalidade e migração.

O negro, visto como migrante, teve um papel menos marcante que o europeu, o que é explicado pela proibição do tráfico negreiro e pela abolição da escravatura. Ainda assim, ao lado do europeu, o negro vindo de fora, contribui para uma modificação da estrutura populacional de Rio Claro.

De modo geral, é constatada para os dois grupos étnicos uma estreita ligação entre a mobilidade espacial e as relações do trabalho, assim como seus efeitos na economia da região, e consequentemente sobre o evento mortalidade.

A adaptação do migrante, no estudo de Rio Claro, foi um aspecto que pareceu não ter preocupado as autoridades. A política migratória, visando resolver o problema da demanda da mão-de-obra, preocupou-se muito mais em aumentar o número de trabalhadores. Assim, na nova terra, o migrante debateu-se com a interferência de fatores econômicos constatados, tanto para o trabalhador rural como urbano, através das condições materiais existentes na região em estudo, tais como: a precariedade do saneamento básico, a deficiência de recursos para a prevenção de doenças, e o que é mais importante, a subnutrição.

A ecologia da região, constatada principalmente através do clima, também causou problemas para a massa trabalhadora "importada".

A própria dificuldade de adaptação do migrante tornava-o mais exposto às doenças em geral e às epidemias. O imigrante, principalmente o europeu, que na maioria, já vinha com a saúde debilitada, muito contribuiu para o alastramento das epidemias, acelerando a mortalidade jovem, preta e branca estrangeira.

Desta forma, o quadro geral da vida do trabalhador em Rio Claro demonstra as contradições da política do café, baseada na produção para exportação, deixando de lado a preocupação com o mercado interno, o que implica em fatores de interferência na mortalidade dos trabalhadores. A economia cafeeira, vista através do binômio mortalidade-migração, pareceu ter proporcionado muito pouco benefício para o trabalhador de Rio Claro que, num período de pouco mais de meio século, não apresentou melhorias significativas nas suas condições de vida.

A lavoura cafeeira considerada como impulsora da industrialização e consequentemente do desenvolvimento da Província (ou Estado) paulista, se de um lado, colaborou com o aumento do capital dos senhores cafeicultores, de outro, não foi suficiente para equilibrar a balança de pagamentos. A economia do país permanecia deficitária, e portanto a oportunidade de melhorar as condições materiais de vida do trabalhador continuava bastante restrita, diante das necessidades constatadas. Demonstram os documentos que, mesmo no apogeu do comércio cafeeiro, a mortalidade nas faixas etárias mais jovens da população, não decaia, de modo a corresponder com as expectativas do setor econômico. Apesar de que o capital dos cafeicultores aumentava, a dívida externa não apresentava índices de diminuição satisfatórios.

Diante desse quadro econômico um antagonismo surgiu: entre a convocação da mão-de-obra estrangeira, que era "barata", e a condição precária de sobrevivência que a mesma aqui encontrava.

Desta forma, o estudo da mortalidade, na região paulista

de Rio Claro, dá a conhecer alguns aspectos da vida do trabalhador ligado a um sistema de "grande propriedade", onde as fazendas funcionavam como empresas capitalistas,num comércio dependente do mercado externo. E, se de um lado, o apogeu econômico do café, muito pouco contribuia para o benefício dos trabalhadores, de outro, aumentava consideravelmente o seu número, através da imigração subvencionada.

Desta forma, a política que envolvia o café, ao mesmo tempo que contribuiu para o aumento da mão-de-obra, muito pouco fêz para preservá-la. Assim, a mobilidade espacial e a mortalidade interagiram na economia cafeicultora rioclarense, numa demonstração da "dinâmica demográfica econômica do café.

ABREVIATURAS

AAH-FFCL - Arquivo da Área de História - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro.

DAESP - Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo.

U.S.P. - Universidade de São Paulo

s.d. - sem dada

s.e. - sem edição

MS(s) - Manuscrito(s)

FONTES PRIMÁRIAS

1. Manuscritas

Rio Claro - Arquivo da Área de História

1.1 Atestados de Óbito: 1875 - 1930

Número de documentos: 3.740

Pretos - 2.170 documentos; 233 pastas

Estrangeiros - 1.570 documentos; 235 pastas

1.2 Documentos Diversos da Câmara Municipal de Rio Claro.

- Ofício da Câmara Municipal, dirigido ao Sr. Juiz de Paz em exercício. Pedido de informação à respeito do cumprimento do Decreto nº 3069 de 17.4.1863 sobre o Registro Civil. Rio Claro, 11.8.1866.
- Ofício do Escrivão de Rio Claro, dirigido ao Sr. Juiz de Paz. Pedido de informação sobre o uso de dois livros especiais para registro de nascimento e óbitos de estrangeiros não católicos. Rio Claro, 12.8.1866.
- Ofício do Sr. Juiz de Paz, dirigido ao Sr. Presidente da Câmara Municipal. Informe sobre o Registro Civil. Rio Claro, 11.11.1876.
- Certidão do inventario de um escravo, expedida pelo "Carto - rio de Orphãos e Auzentes", Rio Claro, 4.11.1877.
- Ofício não assinado, dirigido ao Intendente da Câmara Municipal. Pedido de acerto de contas, por uma estadia no Lazare - tho. Rio Claro, 31.12.1891.
- Ofício da Câmara Municipal, dirigido à Comissão de Contas. Pedido de acerto de contas dos impostos dos agricultores de café. Rio Claro, 30.8.1884.
- Ofício da Câmara Municipal, dirigido ao presidente da Provincia, à respeito da designação de Rio Claro, como cabeça de Comarca. Rio Claro, 1.8.1875.
- Ofício do Serviço Sanitario do Estado de São Paulo dirigido ao Prefeito Municipal de Rio Claro. Pedido de informações sobre o Hospital de Lazaros. Rio Claro, 12.1.26.
- Ofício da "Sociedade Rural Brasileira", commercio e obras Publicas, à Câmara Municipal de Rio Claro, 7.4.1926.
- Relações de preços de serviços de carregadores. Relação de cada tipo de serviço que deve ser feito pelos carregadores, e os respectivos preços. Rio Claro, 1876.
- Ofício enviado à Câmara Municipal, pelo jornal "Archivo Rural do Brasil", pedindo colaboração para aumentar o número de assinantes. Rio de Janeiro, 14.6.1875.
- Jornal: "Archivo Rural do Brasil", pedindo o interêsse dos agricultores para maior exploração do solo. s.d. (Anexo ao ofício sw 14.6.1875).
- Ofício do Juiz de Direito Interino ao Presidente e Membros da Câmara Municipal desta cidade (RC), 28.6.1878 (MS).
- Circular. 6º Secção. Do Palacio do Governo da Provincia de São Paulo, em 20 de abril de 1886 ao Sr. Presidente e mais vereadores da Câmara Municipal de São João do Rio Claro. (I)

- Nota de Despesa e Recibo. Intendencia Municipal de Rio Claro, 18.6.1892. (MS). A desinfecção realizou-se nas casas de um varioloso e de um imigrante italiano vitima da febre amarela.
- Relatório sa Fiscalização Municipal de Districto sul da cidade, correspondente aos dias de ante-hontem, hontem e hoje. Rio Claro, 6.8.1900.
- Ofício ao ID Intendente da Câmara Municipal de Rio Claro, 1.3.1900.

1.3 Rio Claro - Cartorio de Registro Civil e Pessoas Naturais
- Registros de Nascimentos - 1888 (janeiro/dezembro) 94 atestados de nascimento.
- Registros de Nascimentos - 1889 (janeiro/dezembro) 102 atestados.
- Registros de óbito - 1875 (janeiro/dezembro).

1.4 São Paulo - Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo

T.I.R., Juiz de Direito, Rio Claro, 1847-1891, cx. 60, nº de ordem 4805.

T.I.R., Ofícios diversos, Rio Claro, 1866-1891, cx. 3, nº de ordem 1193.

T.I.R., Higiene Pública - 1890-1891, cx. 3, nº de ordem 5554.

T.I.R., Ofícios Diversos, Rio Claro, 1891-1892, cx. 1, nº de ordem 6606.

T.I.R., Secretaria do Interior, 1918-1919, maço 396.

2. Impressos

2.1 Annaes do Parlamento Brazileiro. Camara dos Srs. Deputados Segundo anno da Duodecima Legislatura, sessão de 1864. t. 1 Rio de Janeiro: Typ. Imperial e Constitucional de J. Villeneuve S C, 1864.

Annaes do Parlamento Brazileiro. Camara dos Srs. Deputados Terceiro anno da Decima-Quinta Legislatura, sessão de 1874. t. 1 Rio de Janeiro: Typ. Imperial e Constitucional de J. Villeneuve SC, 1874.

Annaes do Parlamento Brazileiro. Camara dos Srs. Deputados Terceira sessão da vigesima legislatura de 4 de julho a 2 de agosto de 1888. Volume II. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1888.

Annaes do Parlamento Brazileiro. Camara dos Srs. Deputados terceira sessão da vigesima legislatura de 4 de julho a 3 de julho de 1888. Vol. I e II. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1888.

2.2 Relatórios dos Presidentes de Província do Estado de São Paulo

-Relatorio apresentado à Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo pelo Exmo. Sr. Dr. João Theodoro Xavier presidente da Provincia no dia 14 de fevereiro de 1875. São Paulo: Typ. do "Diario", 1875.

-Relatório com que o Exm. Monsenhor Dr. Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade 5º Vice-Presidente passou a Administração da Provincia de S.Paulo ao Exm. Sr. Dr. Sebastião José Pereira, presidente da mesma. No dia 8 de junho de 1875. São Paulo: Typ. do "Diario", 1875.

-Relatorio apresentado pelo Exm. Sr. Dr. Sebastião José Pereira Presidente da Provincia a Assembléia Legislativa Provincial no dia 27 de junho de 1875 por ocasião da abertura de sua Reunião Extraordinária. São Paulo: Typ. do "Diario", 1875.

-Relatorio apresentado á Assemblea Legislativa Provincial de São Paulo pelo P.P. Exm. Sr. Dr. Sebastião José Pereira em 2/2/1876. São Paulo: Typ. do "Diario", 1876.

-Relatorio apresentado à Assemblea Legislativa Provincial de São Paulo pelo 2º vice-presidente da provincia ao Exmo. Sr. Barão de Três Rios no dia 2 de fevereiro de 1879. São Paulo: Typ. da "Tribuna Liberal", 1879.

-Relatorio apresentado à Assembléa Legislativa Provincial de São Paulo pelo presidente da Provincia Laurindo Abelardo de Brito no dia 5 de fevereiro de 1880. Santos: Typ. á vapor do "Diario de Santos. 1880.

-Relatório apresentado à Assemblea Legislativa Provincial de São Paulo pelo presidente da provincia Laurindo Abelardo de Brito no dia 13 de Janeiro de 1881. Typ. a vapor do "Diario de Santos", 1881.

-Relatório dirigido à Assembléa Legislativa Provincial de São Paulo pelo 1º vice-presidente da provincia Conde de Três Rios e apresentado no ato da instalação da Assembléa pelo 4º Vice-Presidente Dr. Manoel Marcondes de Moura e Costa, 17.1.1882. Santos: Typ. a vapor dp "Diario de Santos", 1882.

-Relatorio com que o Exmo. Presidente Conselheiro Francisco de Carvalho Soares Brandão, passou a administração da Provincia de São Paulo ao Vice-Presidente Manoel Marcondes de Moura e Costa. São Paulo: Typ. de Jorge Seckler, 1882.

-Falla dirigida á Assembléa Legislativa Provincial de São Paulo na abertura da 2ª sessão da 24ª Legislatura em 10 de janeiro de 1883 pelo presidente Conselheiro Francisco de Carvalho Soares Brandão. São Paulo: Typ. do Ypiranga, 1883.

-Relatorio com que passou a administração da Provincia de São Paulo ao Exmo. Presidente Barão de Guajará o vice-presidente Visconde de Itu (s.d. determinada). São Paulo: Typ. do Commercio, 1883.

-Falla dirigida à Assembléa Legislativa Provincial de São Paulo, na abertura da 1ª sessão da 25ª Legislatura em 10 de janeiro de 1884 pelo presidente Barão de Guajará. São Paulo: Typ. da Gazeta Liberal, 1884.

-Relatorio com que o conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira passou a Administração da Provincia de São Paulo ao 1º vice-presidente Barão do Parnaiba mo dia 26.4.1886. São Paulo: Typ. a vapor de Jorge Seckler & Comp., 1886.

-Exposição com que o Exm. Sr. Dr. Barão de Guajará passou a administração da Provincia de São Paulo ao Exm. Sr. General Dr. José Vieira Couto de Magalhães no dia 10 de junho de 1889. São Paulo: Typ. a vapor de Jorge Seckler & Comp.,1889.

-Exposição com que o Exmo. Sr. Dr. Pedro Vicente de Azevedo passou a Administração da Provincia de São Paulo ao Exm.Sr. Dr. Barão de Guajará no dia 11 de Abril de 1889. São Paulo: Typ. a vapor de Jorge Seckler & Comp., 1889.

-Exposição apresdntada ao Dr. Jorge Tibiriçá pelo Dr. Presidente J. de Moraes Barros, 1º Governador do Estado de São Paulo, ao passar-lhe a administração no dia 18 de outubro de 1890. São Paulo: Typ. Vanorden & Comp., 1890.

- Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo de São Paulo, pelo Vice-Presidente do Estado Dr. José Alves de Cerqueira César, no dia 7 de abril de 1892.

-Commissão de Saneamento do Estado de São Paulo. Atlas que acompanha o Relatorio Annual apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Jorge Tibiriçá M.D. Secretario d'Agricultura pelo Engro chefe João Pereira Ferraz. São Paulo: s.e., 1893.

-Annexos VI a XVI ao Relatorio apresentado ao Sr. Dr. Presidente do Estado de São Paulo pelo Dr. Cesario Motta Junior Secretario d'Estado dos Negocios do Interior em 31 de março de 1895. São Paulo: Typ. do "Diario Oficial", 1895.

-Falla dirigida à Assemblea Legislativa Provincial de São Paulo. São Paulo: Typ. a vapor de Jorge Seckler & Comp., 1896.

-Mensagem enviada ao Congresso Legislativo a 14 de julho de 1907, pelo Dr. Jorge Tibiriçá, presidente do Estado. São Paulo: Duprat & Comp., 1908.

-Exposição com que o Exmo. Sr. Dr. Jorge Tibiriçá passou a administração do Estado de São Paulo ao Exmo. Sr. Dr. Manoel Joaquim de Albuquerque Lins. A 1º de maio de 1908. São Paulo: Duprat & Comp., 1908.

-Mensagem enviada ao Congresso Legislativo a 14 de julho de 1910 por Fernando Prestes. São Paulo: Duprat & Comp., 1910.

-Mensagem enviada ao Congresso do Estado a 14 de julho de 1912 pelo Dr. F. de Paula Rodrigues Alves, Presidente do Estado. s.e.,s.d.

-Mensagem enviada ao Congresso do Estado, a 14 de julho de 1913, por Francisco de Paula Rodrigues Alves. s.e., s.d.

-Mensagem enviada ao Congresso do Estado a 14 de julho de 1914 pelo Dr. Carlos Augusto Pereira Guimarães, Vice-Presidente do Estado de São Paulo. s.e., s.d.

-Mensagem enviada ao Congresso do Estado, a 14 de julho de 1915, pelo Dr.Francisco de Paulo Rodrigues Alves, Presidente do Estado de São Paulo. s.e., s.d.

-Mensagens apresentadas ao Congresso Legislativo de São Paulo, pelos presidentes do Estado e Vice-Presidentes em exercício, desde a proclamação da República até o ano de 1916.São Paulo: Typ. do "Diario Official", 1916.

Mensagem apresentada ao Exmo. Sr. Dr. Altino Arantes Marques, em 1º de maio de 1916 pelo Exmo. Sr. Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves. São Paulo: s.e., s.d.

-Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo, em 14 de julho sw 1918 pelo Dr. Altino Arantes, Presidente do Estado de São Paulo. São Paulo: s.e., s.d.

-Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo, em 14 de julho de 1920, pelo Dr. Washington Luis Pereira de Spusa, Presidente do Estado de São Paulo, s.e., s.d.

-Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo, em 14 de julho de 1921, pelo Dr. Washington Luis Pereira de Sousa, Presidente do Estado de São Paulo. São Paulo:s.e., s.d.

-M ensagem apresentada ao Congresso Legislativo, em 14 de julho de 1922, pelo Dr. Washington Luis Pereira de Sousa, Presidente do Estado de São Paulo. s.e., s.d.

-Mensagem apresentada ao Exmo. Sr. Dr. Carlos de Campos, em 1º de Maio de 1924, pelo Exmo. Sr. Washington Luis Pereira de Campos. São Paulo: s.e., s.d.

-Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo, em 14 de julho de 1925 pelo Dr. Carlos de Campos, Presidente do Estado de São Paulo, s.e., s.d.

2.3 Estatística Sanitária

-Annuario Estatístico de São Paulo. São Paulo: Typ. do "Diario Official", 1889.

-Annuario Estatístico de São Paulo. São Paulo: Typ. do "Diario Official", 1901.

- Annuario Estatístico de São Paulo. São Paulo: Typ. do "Diario Official", 1904.

2.4 Recenseamentos

Recenseamento Geral do Brasil 1872, População, Rio de Janeiro, Officina da Estatistica, 1874.

Recenseamento de 1890: População, Rio de Janeiro, Officina da Estatistica, 1898.

Recenseamento de 1890: Sexo, Raça, e Estado Civil, Culto e Analphabetismo, Rio de Janeiro, Officina da Estatistica, 1898.

Synopse do Recenseamento de 1900. Rio de Janeiro: Officina da Estatistica, 1901.

Recenseamento de 1920, Anexos. Rio de Janeiro: Typ. da Estatistica, 1922, vol. I.

Recenseamento de 1920, Agricultura. Rio de Janeiro: Typ. da Estatisrica, 1924, vol. III.

Recenseamento de 1920, Sexo e Nacionalidade. Rio de Janeiro: Typ. da Estatistica, 1924, vol. IV, tomo II.

2.5 Legislação

Nº 417 - JUSTIÇA - Em 11 de Setembro de 1869. Firma a intelligencia do Aviso de 9 de julho ultimo a respeito das declarações que devem conter os attestados de Obitos.

N. 407 - JUSTIÇA - Em 11 de Setembro de 1869. Firma a intelligencia do Aviso de 9 de Julho ultimo a respeito das declarações que devem conter os attestados de obitos.

N. 12 - De 28 de Outubro de 1881. Organiza o Serviço Sanitario do Estado.

N. 95 - LEI DE 20 DE ABRIL DE 1885. Carta de Lei pela qual vossa excelencia manda executar o decreto da Assembléia Legislativa provincial, que houve por bem sanccionar concedendo loterias a diversas localidades da provincia, como acima se declara.

N. 22 - EM 2 DE OUTUBRO DE 1890. Não pode ser concedida licença a pratico para abrir pharmacia em localidade onde há estabelecimento desta especie dirigido por profissional legalmente habilitado.

DECRETO N. 680 - DE 21 DE NOVEMBRO DE 1891. Regula o modo por que devem ser passados os attestados de obito e dá outras providencias.

DECRETO N. 27A - DE 29 de FEVEREIRO DE 1892. Abre o thesouro um credito de 2:000$000 para ocorrer ao pagamento de despesas com a epidemia de febre amarella na Villa de Dous Corregos.

DECRETO N. 29A - DE 4 DE MARÇO DE 1892. Abre o thesouro um credito de 25:000$000, para occorrer ao pagamento de despesas com a epidemia reinante na cidade de Campinas.

DECRETO N. 29C - DE 8 DE MARÇO DE 1892. Abre o thesouro um credito de 2:000$000 para occorrer as despesas com o tratamento de indigentes atacados de variola em Ribeirão Preto.

DECRETO N. 29D - DE 8 DE MARÇO DE 1892. Abre no thesouro um credito de 3:000$000 para pagamento de ajuda de custo a doze estudantes de medicina, que seguem com destino a varias localidades do Estado, onde reina a epidemia, a serviço sanitario.

DECRETO N. 35 - DE 16 DE MARÇO DE 1892. Abre no Thesouro do Estado um credito de 1:200$000 na verba "Socorros Publicos".

DECRETO N. 65 - DE 24 DE MAIO DE 1892. Abre o Thesouro do Estado um credito de 500$000 para promover a execução de medidas urgentes e necessarias a evitarem-se as epidemias futuras e a organização do serviço de assistencia publica.

LEI N. 37 DE 1º DE JULHO DE 1892. Restringindo a obrigatoriedade da vaccinação e revaccinação no Estado de São Paulo, de conformidade com a Lei N. 13 de 7 de novembro de 1891.

N. 43 - DE 18 DE JULHO DE 1892. Organiza o Serviço Sanitario do Estado.

DECRETO N. 120 - DE 29 DE OUTUBRO DE 1892. Abre o Thesouro so Estado um credito de 11:601$467, para unido ao de 15:000$000, occorrer as despesas com a epidemia de febre amarela, na cidade do Rio Claro.

LEI N. 432 - DE 3 DE AGOSTO DE 1896. Sobre o Serviço Sanitario do Estado.

N. 59 - MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES - EM 28 DE SETEMBRO DE 1907. Declara não poder ser dispensada a declaração da causa do obito nos certificados passados pelos comissarios e sub-commissarios de hygiene e assistencia publica, convindo proceder-se a verificação systematica.

DECRETO N. 1395 - DE 3 DE SETEMBRO DE 1908. Cria na Diretoria do Serviço Sanitario o Serviço de profilaxia e tratamento do "Tracoma".

LEI N. 1357, DE 19 DE DEZEMBRO DE 1912. Estabelece o curso da Escola de Medicina e Cirurgia de São Paulo, creado pela Lei n. 19 de 12 de novembro de 1891 e dá outras providencias.

DECRETO N. 2918, DE 9 DE ABRIL DE 1918. Dá execução ao código Sanitario do Estado de São Paulo.

DECRETO N. 4809, DE 31 DE DEZEMBRO DE 1930. Modffica a organização do Serviço Sanitario do Estado.

FONTES SECUNDÁRIAS

1. Obras Gerais

A Ciência Social num Mundo em Crise. Introd. Garret Hardin. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1973.

BALAN, Un siglo de corrientes migratorias en el Brasil.1973 (mimeo).

BASTIDE, Roger e RIBEIRO, René - Negros no Brasil: Religião, Medicina e Magia (São Paulo: Escola de Comunicaçoes e Artes, USP., 1971) (Circulação Restrita).

BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo - Fazenda Santa Gertrudes, Uma abordagem Quantitativa das Relações de Trabalho em uma Propriedade Rural Paulista, 1895-1930. Tese de Doutoramento apresentada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, 1973 (mimeo).

BAER, Werner - A Industrialização e o Desenvolvimento Econômico no Brasil. Rio de Janeiro: Fundaç ao Getulio Vargas, 1966.

BELTRÃO, Pedro Calderan - Demografia Ciências da População, Análise e Teoria. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora.

BERQUÓ, Elza - Aspectos biológicos da fertilidade. Caderno 3. São Paulo: CEBRAP, 1971.

BOURGEOIS,- PICHAT, Jean - A Demografia. Lisboa: Livraria Bertrand, 1970.

BORRIE, W.D. - História y Estrutura de la Población Mundial. Inicia - ción a la Demografia. Madrid: Ed. Istmo, 1972.

BRAUDEL, Fernand - História e Ciências Sociais. Lisboa: Editorial Presença, 1972.

BRAUDEL, Fernand - Civilização Material e Capitalismo. Lisboa: Ed. Cosmos, 1970.

BURTON, Richard - Viagens aos Planaltos do Brasil. Rio de Janeiro: C.E.N., 1941.

BUESCU, Mircea - "Notas Sobre o Custo da Mão de Obra Escrava" (datilografado - inédito)

CARDIM, Fernão - Tratados da Terra e Gente do Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

CARONE, Edgar - A República Velha (evolução política). São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1974, 2ª ediçao.

_____ - A Primeira República. São Paulo: Difusão Européia do Livro,1969.

CASCUDO, Luis da Camara - História da Alimentação no Brasil, 2º vol., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

CENNI, Franco - Italianos no Brasil. São Paulo: Livr. Martins Editora, s.d.

COALE, & HOOVER, E. - Efeitos do Crescimento da População sobre o desenvolvimento economico. Cap. III in Populaç ao e Desenvolvi - men to economico. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1966, pp. 33/41.

CIPOLLA, Carlo - História Econômica da População Mundial. Lisboa: Editora Ulisses, s.d.

COSTA, Emilia Viotti da. Escravidão nas Áreas Cafeeiras. (Tese de Livre Docência) Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras da Universidade de São Paulo, 1964. Vol. I, II, III (mimeo).

D'AVILA, Fernando Bastos. L'imigration au Bresil. Rio de Janeiro: Agir, 1956.

DAVATZ, Thomas. Memórias de um colono no Brasil (1850). São Paulo: Martins, 1941.

DEAN, Warren. A Industrialização em São Paulo. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.

Diversos. Population in History. London: Edward Arnold (Publishers) Ltd., 1969.

DIÉGUES Jr., Manuel. Populações Rurais Brasileiras - Vida Rural e Mudança Social. Tomas Szmrecsanyi (ed.). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

DINIZ, Diana M.F.L. - Rio Claro e o Café. Desenvolvimento, Apogeu e Crise (1850-1900). Tese de Doutoramento - Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras de Rio Claro, 1973. (mimeo).

DIVISÃO DO BRASIL EM REGIÕES FUNCIONAIS URBANAS, IBGE., Rio de Janeiro, 1972.

DURHAM, Eunice Ribeiro. Assimilação e Mobilidade. A História do Imigrante Italiano num Município Paulista. São Paulo: IEB., 1966.

ECONOMIE ET POPULATION. LES DOCTRINES FRANÇAISES AVANT 1800. BIBLIOGRAPHIE GENERALE COMMENTÉE. Paris: PUF., 1956.

EUERSLEY, D.E.C. - Population, Economy and Society, Population in History..., D.V. Glass & D.E.C. Eversley (ed.) London: Edward Arnold-Publishers Ltd., 1965.

FAUSTO, Boris. Pequenos ensaios da História da República (1889-1945). São Paulo: CEBRAP, 1972, Caderno 10.

FAWCETT, James T. - Psicologie et Population. New York: Population Council, 1970.

FERRAZ, J. Romeu. História de Rio Claro.São Paulo: Typ. Hennies Irmãos, 1922.

FERRI, Mario Guimaraes. Ecologia. Temas e Problemas Brasileiros. São Paulo: Ed. U.S.P., 1974.

FOUCAULT, Michel. Naissance de la Clinique, une archéologie du regard medica. Paris: PUF., 1972.

FRIEIRO, Eduardo. Feijão, Angú e Couve ... Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, s.d.

FROMONT, Pierre. Économie Rurale. Paris: Ed. Génin, 1958.

FROMONT, Pierre. Démographie économique. Les rapports de la population dans le monde. Paris: Payot, 1947.

GINABREDA, J.M. Sala. Enfermedades Infecciosas en la Infancia. T. I, Barcelona: Editorial Cientifico-Medica, 1955.

GROSSI, Vicenzo. Storia della colonizzazione al Brasile e della emigrazione italiana nello stato di S.Paulo. Roma: di Albrighi, Segati & Co., Typ. Nazionalle, 1914.

HENRY, Louis. Anciennes Familles Genfnoises. Étude Demographique: XVI XX siécle. INED., 1956.

_____. Manuel de démographie Historique. Livraria DROZ, 1967.

_____. Perspectivas demográficas. Barcelona: s.e., 1971.

HAUSER, P.M. - A população do mundo: suas tendências e perspectivas recentes. Cap. I, in Panorama da Populaçao Mundial. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1965, pp. 9-20.

HISTÓRIA DA MEDICINA NO BRASIL... São Paulo: Ed.Brasiliense, 1947, p. 309.

HUTTER, Lucy Maffei. Imigração Italiana em São Paulo (1880-1889). São Paulo: IEB. - USP.

JANOWITZ, Morris. Os Elementos do Urbanismo. Rio de Janeiro: Forum, s.d.

KIDDER, Daniel P. - Reminiscências de viagens e permanência no Brasil. São Paulo: Livraria Martins Editora S/A., 1951.

KISER, Clydev. Estudios de demografia. Buenos Aires. Buenos Aires: Fundacion Interamericana de Bibliotecologia, Franklin,1967.

KOWARICK, Lucio. Estratégia do Planejamento Social no Brasil. Caderno 3. São Paulo: CEBRAP, s.d.

LECLERC, Max. Cartas do Brasil. (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942).

LEGEARD, C. - Guide de recherches documentaires en démographie. Paris: Gauthier Villars, 1966.

LITTLE, George F.G. - Fazenda Cambuhy: A Case History of Social and Economic Developmment in the Interior of Sao Paulo, Brazil. (Florida: University of Florida, 1960) PHD(Xerox) (inedito).

MARQUES, Aguinaldo N. - A Infância no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1973.

M KEOWN, Thomas and BROWN, R.G. - "Medical Evidence Related to English Population Changes in the Eigheenth Century" Population in History... D.V. Glass and D.E.C. Eversley (ed.), London: Edward Arnold (Publishers) Ltd., 1969.

MEDICINA NO PERÍODO IMPERIAL, in Brasil Monárquico, t. III, 3º vol. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

MELLO, Silva. A Alimentação no Brasil. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica "O Cruzeiro", 1946.

MILLIET, Sergio. O Roteiro do Café... São Paulo: Departamento de Cultura, 1941, p. 167.

PERROD, Enrico. La provincia di San Paolo (Brasile). Roma, 1888.

PICCAROLO, Antonio. L'imigrazione italiana nello stato di São Paulo. São Paulo: Livr. Magalhaes, 1911.

PINOTTI, Mário. Vida e Morte do Brasileiro. São Paulo: Editora Civilização Brasileira S.A., 1959.

POTHAS, Charles H. - La population française pendant la première moitié du XIXe siecle. Paris: INED, 1956.

PRADO, A. de Almeida. "Quatro Séculos de Medicina na cidade de São Paulo". Ensaios Paulistas. São Paulo: Martins, 1954, p. 788. Lei n. 19, de 24.11.1891.

PRADO JR., Caio. História Econômica do Brasil, Coleção Grandes Estudos Brasilienses. São Paulo: Editora Brasiliense Ltda., 1953, 3º ed., vol. II.

POUTHAS, Charles H. - La Population Française pendant la première moitié du XIX siecle. Paris: PUF., 1956.

PUFFER, Ruth Rice, Gwynne Griffith. Mortalidad Urbana. Washington: Organizacion Panamericana de Salud. Organizacion Mundial de Salud, maio/1968.

Recursos Humanos da Grande São Paulo. São Paulo: CEBRAP-CEDIP, 1970, vol. 1 e 2.

RUGENDAS, João Mauricio. Viagem Pitoresca através do Brasil. São Paulo: Martins Ed., 1949.

SAM & EPSTEIN, Berly. A Organização Mundial de Saúde. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1965.

SCARANO, J.M.L. - Devoção e Escravidão... São Paulo: Conselho Estadual de Cultura (no prelo).

SIGAUD, Ufx. Du climat et des maladies du Brésil. Paris: Chez Fortin, Masson et Cie. Libraries, 1844.

SIMONSEN, Roberto C. - Evolução Industrial do Brasil e Outros Estudos. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP., 1973.

SINGER, Paul I. - Força de trabalho e emprego no Brasil. 1920-1969. Caderno 3. São Paulo: CEBRAP, 1971.

STEIN, Stanley J. - Grandeza e Decadência do Café. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1961.

TSCHUDI, J.J. von. Viagem à província do Rio de Janeiro e São Paulo. São Paulo: Martins, 1953.

WERY, F.J. Santana. L'Italia al Brasile. Parigi, 1884, s.ed.

WAIBEL, Leo. Capítulos de geografia tropical e do Brasil. Rio de Janeiro: I.B.G.E., Conselho Nacional de Geografia, 1958.

WILLENS, E. - Aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemaes e seus descendentes no Brasil. São Paulo: Ed. Nacional, 1946.

WILLENS, E. - Assimilação e populações marginais no Brasil: estudo sociologico dos imigrantes germanicos e seus descendentes. São Paulo: Ed. Nacional, 1940.

WRIGLEY, E.A. - Historia y poblacion introducion a la demografia historica. Madrid: Ediciones Guadarrama, S.A., 1969.

WRYGLEY, E.A. - Population et Histoire. Paris: Hachette, 1969.

ZOCCHIO, Álvaro. Prática da Prevenção de Acidentes. s. l: Editora Atlas, S.A., 1971.

2. REVISTAS E PERIÓDICOS

ANNALES DE DÉMOGRAPHIE HISTORIQUE, Paris - Ve, Édition Sirey, 1968.

ARAUJO, Carlos da Silva - "O Dr. Silveira Lopes, A Febre Amarela em Campinas e a Academia", Boletim da Academia Nacional de Medicina, nº 3 (Julho-Setembro, 1970) pp. 222/233.

ARAUJO FILHO, José R. de. "O Café, Riqueza Paulista", Boletim Paulista de Geografia, nº 23, julho, 1956.

CAMARGO, Procopio - Objetivos de las investigaciones sobre Fecundidad. Buenos Aires, Argentina, Consigo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 1972.

CAMARGO, J.F. - Crescimento da população no Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1952. (mimeo)

CASTRO, Jeanne Berrance de - "Os "Bugres Selvagens" nos Campos Novos de Rio Claro", O Estado de São Paulo, 17.10.1971, Suplemento Literário n. 742.

_____, SCARANO, Julia Maria Leonor, AISSAR, A. Gloria - "A Mortalidade entre os filhos de trabalhadores pretos e brancos estrangeiros numa região cafeeira paulista: 1875-1930", in Revista de História, n. 94.

CARVALHO, P.Egydio de e GALVANI, L. - "Centros territoriais e demográficos, com aplicações ao Estado de São Paulo", Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, vol. XLIX, nº 49 (julho e agosto, 1938) pp. 35/70.

COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA, CEBRAP, 1973 (Caderno 15).

CIARI JUNIOR, Ciro e outros - "Alguns aspectos da mortalidade de crianças em Osasco, Sp., Brasil", Revista de Saúde Pública, vol. 7, (setembro, 1973) pp. 199-206.

DEMOGRAFIA Y ECONOMIA, México D.F., El Colegio de Mexico. vol. 3(1) 1969.

EASTERLIN, R.A. - "Evolutions demographiques: quelques causes et consequences economiques". Prospectives, Paris (3): 48-72, juil 1974.

E.G. Ravenstain - "The Laws of Migration", Journal of the Royal Statistical Society, XLVIII, Parte 2 (june, 1885), 167-227.

GONNARD, René - Historia de la Doctrinas de la Poblacion, Santiago de Chile, Centro Latinoamericano de Demografia (CELADE), 1969.

GRAHAN, Richard - "Brazil's Dilemma", Current History, vol. 53, n. 3/5 (nov., 19679 pp. 291-297.

GRMEC, Mirko D. - "Preliminaires d'une étude historique des mala - dies", Annales, 1473, nov./dec., 1969.

GERMANI, Gino - "Assimilacion de imigrantes en el medio urbano: no - tas metodologicas" - Revista Latinoamericana de Sociologia, Buenos Aires 1(2), julho, 1965.

GRAHAN, D.H. & HOLLANDA FILHO, S.B. - Migration and Urban Growthand developmment in Brasil. vol. I, São Paulo, I.P.E., 1971. (mimeo).

HABAKKUK, H.J. - Population growth and economic developmment since 1750. Leicester University Press, .572.

HERZLICH, Claudine - "Santé et Maladie, Analyse d'une représenta - tion sociale" (Paris: EPHE, 1969), Comptes Rendus de Gé - rard Lemaine, Annales, n. 6 (nov./dec., 1969), pp. 1519-1521.

HOLLOWAY, Thomas H. - Condições de Mercado de Trabalho e Organiza - ção do Trabalho nas Plantaçoes na Economia Caféeira de Sao Paulo, 1885-1915: Uma Analise Preliminar. Revista de Estudos Economicos, IPT-USP., vol. 2, 1972, nº 6.

IANNI, Octavio - "Capitalismo e Escravidão", Anais do Museu Paulista. T. XIX (1965).

LAURENTI, R. - "Alguns aspectos da mortalidade de crianças menores de 5 anos em três áreas brasileiras. in Crescimento Populacional (histórico e atual) e componentes do crescimento (fecundidade e migrações)". São Paulo, Cadernos CEBRAP, n. 16, 1973, p. 75-91.

LOWRIE, Samuel H. - "Orevisão da População", Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, vol. XV (agosto, 1935).

"La poblacion y el desarrollo en perspectiva, tendancias demográficas y crescimento economico moderno: notas para uma perspectiva histórica". Naciones Unidas Conferencia Mundial de Poblacion. Bucarest, 19 a 30 de agosto de 1974. (separata).

LEVY, M.Stella Ferreira - "O papel da migração internacional na evolução da populaçao brasileira (1872-1972)", Revista de Saúde Pública, São Paulo, 8 (supl.): 49-90, 1974.

LEE, E.S. - "The Theory of migration", in Demography, 1966, vol. 3, nº 1.

MARQUES, José de Oliveira."Colonização e povoamento", Revista de Imigração Colonial, abril, 1940.

MORTARA, G. - "Estudos sobre a utilização do censo demográfico para a reconstrução das estatísticas, do movimento da população do Brasil", Revista Brasileira de Estatística. Rio de Janeiro, janeiro/março, 1941.

_____."Estudos sobre a utilização do censo demográfico para a reconstrução das estatísticas, do movimento da população do Brasil". Revista Brasileira de Estatística, Rio de Janeiro, abril/junho, 1941 (continuação)

_____. "A prolificidade natural das mulheres naturais do exterior conforme o censo demográfico de 1º de setembro de 1940", Revista Brasileira de Estatística, Rio de Janeiro, julho/setembro, 1948.

_____. "A mortalidade da população natural do Brasil: ensaio de determinação pela comparação entre os censos de 40 e 50", Revista Brasileira de Estatística, Rio de Janeiro , outubro/dezembro, 1953.

MÉTODOS DE MEDICION DE LA MIGRACIÓN INTERNA, Estudios de Poblacion, nº 47, Manual VI, Naciones Unidas, Nueva York, 1972.

NOGUEIRA, Oracy. O desenvolvimento de São Paulo: imigração estrangeira e nacional e índices demográficos, sanitários e educacionais. (Sao Paulo) Comissao Interestadual da Bacia Parana-Uruguai, 1964.

ODALIA, Nilo, "A Abolição da Escravatura", Anais do Museu Paulista, XVIII, 1964.

PELAEZ, Carlos Manuel - "Ortodoxia Monetária, Cambial e Fiscal", Revista Brasileira de Economia, Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 1947.

PIZA, José de Toledo - "Esboço Histórico da Incidência de algumas moléstias infectuosas agudas em São Paulo",Revista dos Arquivos de Higiene e Saúde Pública, nº 99, março, 1974, pp. 7/46.

_____. "Esboço histórico da incidência de algumas moléstias infectuosas agudas em São Paulo", Arquivos de Higiene e Saúde Pública, vol. XXIX, nº 99, março, 1964.

PESSOA, Samuel B. -"Ecologia e Epidemias", Revista Brasiliense (6): 116, julho/agosto, 1956.

_____. "Ecologia e Epidemias", Revista Brasiliense, julho/agosto, 1956.

REVISTA DE SAÚDE PÚBLICA, Faculdade de Saúde Pública da Universidade de Sao Paulo, São Paulo, vol. 1, nº 2, dezembro, 1967.

REVISTA DE SAÚDE PÚBLICA, Faculdade de Saúde Pública da Universidade de Sao Paulo, São Paulo, vol. 7, nº 1, março, 1973.

RINCON, Manuel, DEHOLLAIN, Alejandro - Mortalidad, Bogotá, Federación Panamericana de Associaciones de Facultades de Medicina, 1972, primer e segundo tomo.

SANTOS, Jair L. Ferreira. Contribuição para o tratamento Estocástico da tábua de sobrevivencia e suas aplicaçoes. Sao Paulo, 1972. Tese de Doutoramento, Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

SINGER, Paul. Elementos para uma teoria do emprego aplicável a países. São Paulo, CEBRAP (caderno 18).

SINGER, P.I. - "Migrações Internas: considerações teóricas sobre o seu estudo". Economia política da Urbanização, São Paulo, Brasiliense/CEBRAP, 1973, pp. 29/60.

SCARANO, J.M.L. - "Considerações preliminares sobre uma cidade de imigração teuto-italiana e os efeitos do segundo conflito mundial". Anais do IV Simpósio Nacional de Professo - res Universitarios de Historia, Porto Alegre, 1967.

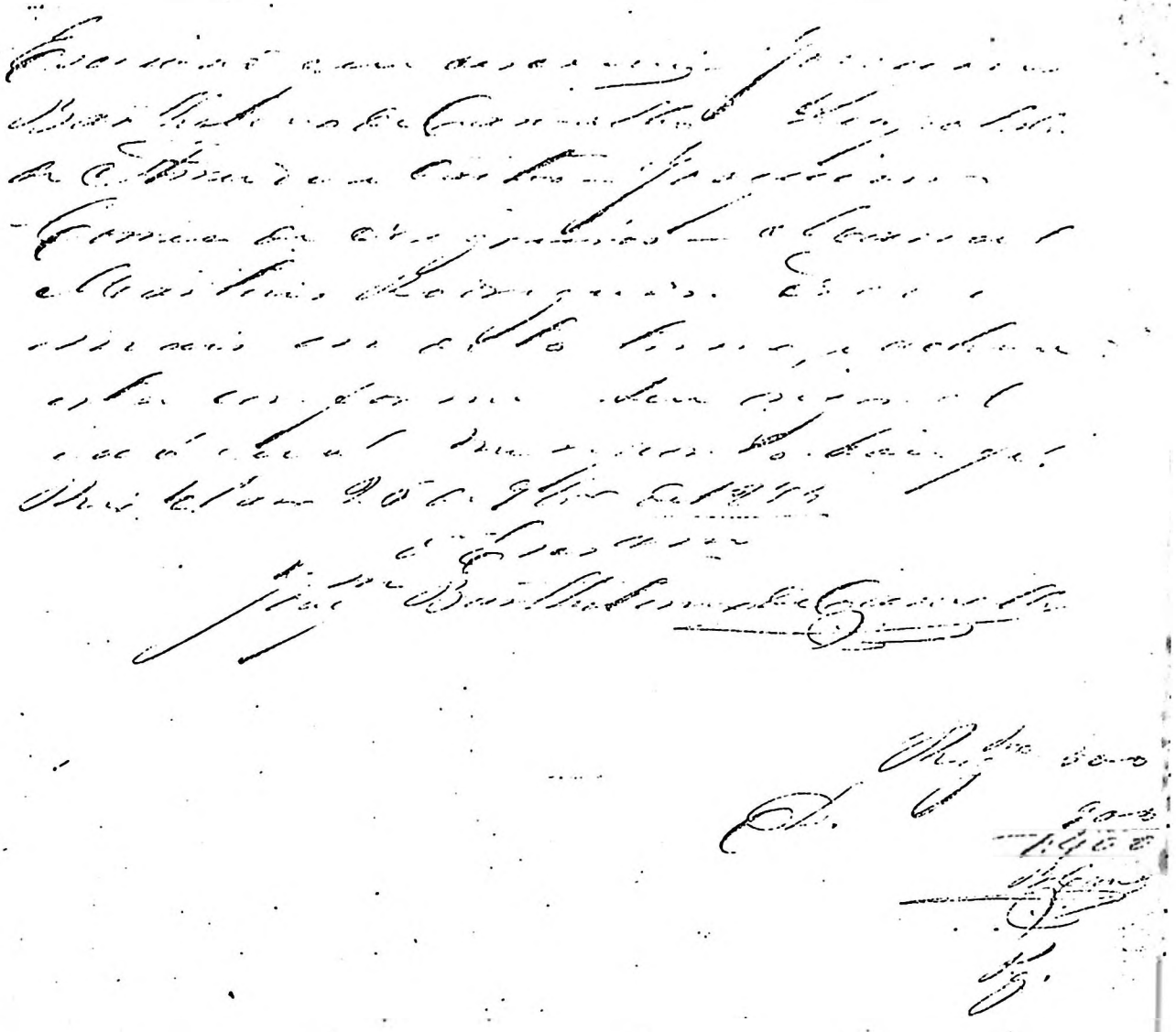
SINGER, Paul. "Migrações internas: considerações teóricas para a seu estudo". Migraciones Internas, Clacso, 1972.

VASCONCELOS, H. Doria de. "Alguns aspectos da imigração no Brasil", Revista de História, nº 40, vol. XIX, outubro/dezembro, ano X, 1959.

A N E X O I

ATESTADO DE ÓBITO DE RIO CLARO

FONTE: DOCUMENTOS DIVERSOS DO AAH-FFCL 1875



A N E X O II

6.

ATESTADO DE ÓBITO DE RIO CLARO

004378

Arthur Nogueira, Official do Registro Civil, deste districto de Grojuca, etc.

Certifico que no livro terceiro de assentos de obitos esta registrado o fallecimento de um homem de cor preta de nome Ermo Antonio, com noventa annos de edade, viuvo trabalhador de roça, natural do Estado da Bahia, e de filiação desconhecida, fallecido hontem as desenove horas em consequencia de queimaduras (desastre), conforme attestado firmado por duas testemunhas que fica archivado neste cartorio. O referido é verdade do que dou fé.

Grojuca 16 de Setembro de 1918 — O Official do Registro Civil.

Arthur Nogueira

Gratuito - O Official
Arthur Nogueira

FONTE: DOCUMENTOS DIVERSOS DO AAH-FFCL 1818

A N E X O III

ATESTADO DE ÓBITO DE RIO CLARO

Attesto que vaccinei o menor Antonio Ferraz, filho do fallecido José Antonio Ferraz, deste Municipio, e para os devidos effeitos passo o presente in fide gratias.

Dr. João Candido Lim

Rio Claro 6 de Fevereiro 1905

FONTE: DOCUMENTOS DIVERSOS DO AAH-FFCL 1905

A N E X O IV

FÓLHA PADRÃO

	TRANSCRIÇÃO	COLUNAS	CÓDIGO
NÚMERO 0457	457	1 - 4	0457
COR	Branco estrangeiro	6 - 7	05
SEXO	masculino	8	3
IDADE	6 dias	9 - 10	01
ANO DE NASCIMENTO	1892	11 - 13	892
MÊS DA MORTE	fevereiro	14 - 15	02
ANO DA MORTE	1892	16 - 17	92
ESTADO CIVIL	não se aplica	18	2
PROFISSÃO DO INDIVÍDUO	não se aplica	19 - 20	02
FILIAÇÃO	legítimo	21	2
PROCEDÊNCIA DOS PAIS	Itália Província?	22 - 23	14
PROCEDÊNCIA DO INDIVÍDUO	Itália Província?	24 - 25	34
CAUSA MORTIS	diarréia infecciosa doenças infecciosas parasitárias	26 - 28	07
LOCAL DE TRABALHO	não se aplica	28 - 29	02
PROFISSÃO DO PAI	ignorada	30 - 31	01
ASSISTÊNCIA MÉDICA	ignorada	32 - 33	01

ANEXO V

F 161

FOLHA PADRÃO

	TRANSCRIÇÃO	COLUNAS	CÓDIGO
NUMERO 003420		1 - 4	3420
ETNIA	[illegible]	6 - 7	08
SEXO	feminino	8	4
IDADE	30 dias	9 - 10	01
ANO DE NASCIMENTO	1887	11 - 13	887
DATA DA MORTE	outubro	14 - 15	10
ANO DA MORTE	1887	16 - 17	87
ESTADO CIVIL	não se aplica	18	2
PROFISSÃO DO INDIVÍDUO	não se aplica	19 - 20	02
FILIAÇÃO	legítima [illegible]	21	2
PROCEDÊNCIA DOS PAIS	não há inf.	22 - 23	01
PROCEDÊNCIA DO INDIVÍDUO	desta freguesia	24 - 25	60
CAUSA MORTIS	inflamação do umbigo doença de 1ª infância	26 - 27	03
LOCAL DE TRABALHO	não se aplica	28 - 29	02
PROFISSÃO DO PAI	não há inf.	30 - 31	01
ASSISTÊNCIA MÉDICA	sem assist.	32 - 33	01